

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAEd - CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL
EM GESTÃO E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

ARMINDA AURÉLIA RODRIGUES ALCÂNTARA

BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

JUIZ DE FORA
2013

ARMINDA AURÉLIA RODRIGUES ALCÂNTARA

BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rogéria Campos de Almeida Dutra

**JUIZ DE FORA
2013**

TERMO DE APROVAÇÃO

ARMINDA AURÉLIA RODRIGUES ALCÂNTARA

BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada à Banca Examinadora designada pela equipe de Dissertação do Mestrado Profissional CAEd/ FAGED/ UFJF, aprovada em 18/01/2013.

Prof.^a Dr.^a Rogéria Campos de Almeida Dutra
Membro da Banca - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Thelma Polon
Membro da Banca - Externo

Prof. Dr. Kelmer Esteves de Paula
Membro da Banca - Interno

Juiz de Fora, 18 de janeiro de 2013.

Dedico este trabalho a todos que se interessam pelo tema “Biblioteca Escolar”. Não espero que agrade a todos. Espero simplesmente ser mais uma voz que se levanta a favor deste espaço educacional.

AGRADECIMENTOS

“Quero te dar graças, Senhor, de todo o coração, proclamar todas as tuas maravilhas, alegrar-me e exultar em ti, cantar salmos ao teu nome, Ó Altíssimo” (Salmo 9, 1-3). Dou-te graças Senhor porque tudo que me acontece não o é sem Sua permissão. Louvo-te Senhor pelos sofrimentos e pelas alegrias desta caminhada. Louvo-Te por todas as pessoas que conheci neste Mestrado e por causa deste Mestrado, direta ou indiretamente, e que não foram poucas. Louvo-Te Senhor por cada uma delas.

Agradeço a minha mãe Nilza Rodrigues Pereira e aos meus familiares por compreenderem as ausências necessárias. Agradeço ao meu pai José de Alcântara Pereira (*in memoriam*) pela pessoa que hoje sou.

Agradeço a todos os professores por todo ensinamento transmitido e a todo pessoal de apoio que sempre atendeu com educação e solicitude.

Agradeço à minha Professora Orientadora Dr.^a Rogéria Campos de Almeida Dutra pela disposição que sempre mostrou e pelas correções necessárias.

Agradeço a Professora Dr.^a Hilda Micarello que de coração generoso e com delicadeza emprestou-me material para a Dissertação.

Agradeço às minhas queridas Tutoras Ms Sheila Rigante Romero e Ms Mariana Calife - duas pilstras de sustentação neste trabalho -, tão necessárias, quanto presentes.

Agradeço a Professora Dr.^a Juliana Magaldi pelas primeiras orientações.

Agradeço as Diretoras, Supervisoras e Professoras para o Ensino e Uso da Biblioteca das escolas pesquisadas. Sem vocês este trabalho não seria possível. Meu sincero agradecimento.

Agradeço ao Dr. Munir Jacob Filho e ao Dr. Itamar S. Miranda que cuidaram da minha saúde com solicitude neste percurso.

Agradeço ao colega de mestrado e de trabalho Luiz Carlos Silva da Cunha, que foi um apoio fundamental.

Agradeço àquela que se tornou mais do que uma colega de Mestrado, tornou-se minha Amiga. A você Liliane Cecília de Miranda Barbosa, meus agradecimentos e meus pedidos para que Deus cada vez mais te cubra de bênçãos.

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudos 18: Liliane Cecília de Miranda Barbosa, Marivalda Abigail Rofino, Olga Maria de Oliveira, Rosane de Barros Alves Gilson e Taise Pereira Liocádio. Grupo de Estudos L7: Kátia Simone de Almeida Melo Reis Liliane Cecília de Miranda Barbosa, Luiz Carlos de Oliveira e Marivalda Abigail Rofino. Grupo de Estudos 10: Océlio Fernandes Pereira, Webster Guerreiro Belmino, Mary Margareth Marinho Resende e Kátia Silene Azalim. Nobres colegas, obrigada pela parceria. Tudo foi aprendido. Valeu!

Agradeço aos colegas de trabalho: Rosemeire Pereira da Fraga Ferreira, Clarice Ferreira Hartung, Maria Stella Junqueira, Ana Lázara Pereira Rezende, Valéria de Souza Maia Portela, Evani Noronha Vilela Ribeiro, Ivan Durães Rabelo, Thaís Camargo Oliveira, Tamares Alvarenga Ferreira e Celina Claret de Sousa Gonçalves que, de formas diversas, me apoiaram.

Agradeço a Silvana Cássia de Almeida e sua querida mãe Maria José Cauvila de Almeida que estiveram presentes dando-me força para não desistir da caminhada.

Agradeço a Roselene Rigotti Nogueira e Denys Vilhena Borges que me deram um apoio fundamental.

Agradeço a Andressa Oliveira Soares que, de boa vontade, muito me auxiliou tornando a caminhada mais simples.

Agradeço ao Grupo de Oração São Pedro, nem todas as palavras são suficientes para agradecer tantas orações e carinho. Só Jesus poderá retribuir! Obrigada!

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história.

Bill Gates

RESUMO

A presente Dissertação analisa duas Bibliotecas Escolares da rede estadual de Minas Gerais com o objetivo de averiguar se elas estão sendo usadas como recurso pedagógico a favor do processo ensino-aprendizagem ou não. Parte-se da hipótese de que o uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico potencializa os resultados educacionais da escola averiguados através das avaliações externas. Dois foram os focos nos serviços oferecidos pelas Bibliotecas Escolares: formação do leitor e orientação à pesquisa escolar. A metodologia utilizada foi a de estudo de caso. Assim, o primeiro momento foi de observação *in loco*, leitura dos documentos escolares - Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar - e recolhimento de informações estruturais das Bibliotecas Escolares e das Escolas. Posteriormente foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora e as Professoras para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB) e busca de referencial teórico. Chegou-se à conclusão de que quanto mais pedagogicamente explorada a Biblioteca Escolar, melhores são os resultados apresentados pelas escolas nas avaliações externas, ainda que não se tenha quantificado esta melhora. Por fim, tentando potencializar o processo ensino-aprendizagem nos aspectos deficitários detectados no trabalho da Biblioteca Escolar de cada unidade escolar pesquisada, foi elaborado o Plano de Ação Educacional (PAE). Foram propostos dois PAE: 1) PAE pela via governamental da Escola da Escola; e 2) PAE pela via governamental da Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre.

Palavras chave: Biblioteca Escolar. Professor para o Ensino e o Uso da Biblioteca. Contação de Histórias. Pesquisa Escolar.

ABSTRACT

The present dissertation analyzes two School Libraries of the Minas Gerais state system in order to check if they are being used as a pedagogical resource in favor of the learning process or not. We begin from the hypothesis that the use of the School Library as a pedagogical resource potentiates the school's educational results that are investigated by external evaluations. There were two focuses on services offered by the Libraries: formation of the reader and the orientation of the school research. The employed methodology was the case study. That way, the first moment was the observation *in loco*, the reading of school documents – Pedagogical Political Project and School Regiment -, and the pickup of structural information about the Libraries and schools. Afterwards, were realized semi structured interviews with the managing team and the Teachers for the Tuition and Use of the Library (PEUB *in Portuguese*) and also the search for theoretical referential. We came to the conclusion that more the libraries are pedagogically explored, better are the results presented by schools in external evaluations, even though this improvement has not been quantified yet. Finally, trying to potentiate the learning process on the deficient aspects detected in the work of the School Library of each school unit researched, was elaborated the Educational Action Plan (PAE *in Portuguese*). Were proposed two PAE: 1) PAE through the governmental pathway of the *School of the School* (Escola da Escola *in Portuguese*); e 2) PAE through the governmental pathway of the Regional Education Secretary of Pouso Alegre.

Keywords: School Library; Teachers for the Tuition and Use of the Library; Storytelling; School Research.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC)

Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED)

Conservatório Estadual de Música (CEM)

Conteúdos Básicos Comuns (CBC)

Diário Oficial da União (DOU)

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (DCNEF)

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA)

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)

Grupo de Desenvolvimento Profissional (GDP)

Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

Instituto Nacional do Livro (INL)

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5692/1971 (LDB N.º 5692/1971)

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996 (LDB N.º 9394/1996)

Ministério da Educação (MEC)

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO)

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Plano de Ação Educacional (PAE)

Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)

Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)

Professor de Educação Básica nível 1 (PEB1)

Professor de Educação Básica nível 1 – excedente (PEB1- exc.)

Professor nível 1 (P1)

Professor para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB)

Programa de Avaliação da Alfabetização (PROALFA)

Programa de Avaliação da Educação Básica (PROEB)

Programa de Intervenção Pedagógica (PIP)

Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)

Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)

Projeto Escola Referência (Projer)

Projeto Formação Inicial para o Trabalho (FIT)

Quadro da Educação (QE)

Quadro do Magistério (QM)

Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais (QPEE)

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG)

Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE)

Superintendência Regional de Ensino (SRE)

Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre (SRE Pouso Alegre)

Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Organograma Magistra	147
---------------------------------------	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 nas escolas da SRE Pouso Alegre.....	32
Gráfico 2 - Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 na Escola X e na Escola Y por nível e modalidade de ensino.....	33
Gráfico 3 – Índice Socioeconômico em 2009 da Escola X e do Estado de Minas Gerais.....	38
Gráfico 4 – Índice Socioeconômico em 2010 da Escola X e do Estado de Minas Gerais.....	38
Gráfico 5 - Índice Socioeconômico da Escola X e do Estado MG em 2009 e 2010 ..	39
Gráfico 6 - Índice Socioeconômico em 2009 da Escola Y e do Estado de Minas Gerais.....	45
Gráfico 7 - Índice Socioeconômico em 2010 da Escola Y e do Estado de Minas Gerais.....	46
Gráfico 8 - Índice Socioeconômico da Escola Y e do Estado MG em 2009 e 2010 ..	46
Gráfico 9 – Índice Socioeconômico (Média) do Estado, da Escola X e da Escola Y nos anos de 2009 e 2010	52
Gráfico 10 – Evolução das médias de proficiência no PROALFA de 2008 a 2011 ...	53
Gráfico 11 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROALFA de 2008 a 2011 das Escolas X e Y.....	54
Gráfico 12 – Participação em percentual dos alunos no PROALFA nos anos de 2010 e 2011 das Escolas X e Y	56
Gráfico 13 - Evolução das médias de proficiência no PROEB no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011.....	57
Gráfico 14 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROEB no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011 das Escolas X e Y	59

Gráfico 15 – Participação em percentual dos alunos no PROEBE no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 das Escolas X e Y	60
Gráfico 16 - IDEB Observados de 2007 a 2011 e Metas Projetadas de 2009 a 2013 para a 4ª Série/5º Ano do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y	62
Gráfico 17 - Evolução das médias de proficiência no PROEB no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011	63
Gráfico 18 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROEB de Língua Portuguesa no 9º ano do Ensino Fundamental de 2007 a 2011 das Escolas X e Y	64
Gráfico 19 – Participação em percentual dos alunos no PROEBE no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 das Escolas X e Y	65
Gráfico 20 - IDEB Observados de 2005 a 2011 e Metas Projetadas de 2007 a 2013 para a 8ª Série / 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y	67
Gráfico 21-Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 nas Escolas X e Y no Ensino Fundamental	107
Gráfico 22 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROALFA (3º Ano do Ensino Fundamental) de 2008 a 2011 das Escolas X e Y	138
Gráfico 23 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROEB (5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa) de 2007 a 2011 das Escolas X e Y	139
Gráfico 24 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROEB (9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa) de 2007 a 2011 das Escolas X e Y	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição da Carga Horária do Professor Regente de Turmas ou Aulas	103
Quadro 2 – Comparativo entre as Bibliotecas Escolares “X” e “Y”	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participação (número de alunos) no PROEBE no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 da Escola X e da Escola Y	60
Tabela 2 – Participação (número de alunos) no PROEBE no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 da Escola X e da Escola Y	66
Tabela 3 – Áreas do Terreno e Construídas das Escolas X e Y	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I - BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO	23
1.1 - Caracterização das Escolas e suas respectivas Bibliotecas.....	34
1.1.1 - Caracterização da Escola X.....	34
1.1.1.1 - Conhecendo a Biblioteca Escolar X	39
1.1.1.1.1 - Indicador Espaço Físico.....	40
1.1.1.1.2 - Indicador Acervo	41
1.1.1.1.3 - Indicador Organização do Acervo.....	43
1.1.1.1.4 - Indicador Computadores com acesso a internet.....	43
1.1.1.1.5 - Indicador Serviços e Atividades	43
1.1.1.1.6 - Indicador Pessoal	44
1.1.2 - Caracterização da Escola Y.....	44
1.1.2.1 - Conhecendo a Biblioteca Escolar Y	47
1.1.2.1.1 - Indicador Espaço Físico.....	47
1.1.2.1.2 - Indicador Acervo	48
1.1.2.1.3 - Indicador Organização do Acervo.....	49
1.1.2.1.4 - Indicador Computadores com acesso a internet.....	49
1.1.2.1.5 - Indicador Serviços e Atividades	49
1.1.2.1.6 - Indicador Pessoal	50
1.2 - Comparativo de Fatores Extra Escolares, das Avaliações Externas Estaduais e do IDEB.....	51
1.2.1 - Comparativo de Fatores Extras Escolares.....	51
1.2.2 - Comparativo das Avaliações Externas Estaduais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	53
1.2.3 - Comparativo do IDEB Observado e Metas Projetadas até 2013 para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental	61
1.2.4 - Comparativo das Avaliações Externas Estaduais nos Anos Finais do Ensino Fundamental	62
1.2.5 - Comparativo do IDEB Observado e Metas Projetadas até 2013 para os Anos Finais do Ensino Fundamental	66
CAPÍTULO II - BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO SEM FUNÇÃO OU RECURSO PEDAGÓGICO?	69
2.1 - Biblioteca: Aspectos Históricos.....	70
2.2 - Alguns obstáculos no uso das Bibliotecas Escolares	77
2.3 - Biblioteca Escolar e as Tecnologias da Comunicação e da Informação.....	86
2.4 - Formar leitores: Algumas estratégias didáticas	89

2.5 - Pesquisa Escolar	94
2.6 - Biblioteca Escolar: Recurso Pedagógico	96
2.7 - Bibliotecas Escolares Pesquisadas: Em que ponto se encontram?.....	106
2.7.1 - Analisando as Bibliotecas Escolares X e Y.....	108
2.7.1.1 - Documentos escolares e Biblioteca Escolar.....	108
2.7.1.1.1 - Biblioteca Escolar X.....	108
2.7.1.1.2 - Biblioteca Escolar Y.....	109
2.7.1.2 - Horário de funcionamento da Biblioteca Escolar.....	109
2.7.1.2.1 - Biblioteca Escolar X.....	109
2.7.1.2.2 - Biblioteca Escolar Y.....	110
2.7.1.3 - Indicador Espaço Físico.....	112
2.7.1.3.1 - Biblioteca Escolar X.....	112
2.7.1.3.2 - Biblioteca Escolar Y.....	114
2.7.1.4 - Indicador Acervo.....	116
2.7.1.4.1 - Biblioteca Escolar X.....	116
2.7.1.4.2 - Biblioteca Escolar Y.....	118
2.7.1.5 - Indicador Organização do Acervo.....	119
2.7.1.5.1 - Biblioteca Escolar X.....	119
2.7.1.5.2 - Biblioteca Escolar Y.....	120
2.7.1.6 - Indicador Computadores com acesso a internet.....	120
2.7.1.6.1 - Biblioteca Escolar X.....	120
2.7.1.6.2 - Biblioteca Escolar Y.....	121
2.7.1.7 - Indicador Serviços e Atividades.....	122
2.7.1.7.1 - Biblioteca Escolar X.....	122
2.7.1.7.2 - Biblioteca Escolar Y.....	129
2.7.1.8 - Indicador Pessoal.....	134
2.7.1.8.1 - Biblioteca Escolar X.....	135
2.7.1.8.2 - Biblioteca Escolar Y.....	135
2.7.2 - Quadro Comparativo das Bibliotecas Escolares.....	136

**CAPÍTULO III - PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: ALGUMAS
POSSIBILIDADES!..... 144**

3.1 - Proposta de Intervenção.....	145
3.2 - PAE pela via governamental da Escola da Escola.....	148
3.2.1 - PAE Escola da Escola: Formação do leitor.....	148
3.2.2 - PAE Escola da Escola: Metodologia de Pesquisa Escolar.....	149
3.3 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre.....	149
3.3.1 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre: Proposta para as PEUB e Supervisoras do Ensino Fundamental.....	151

3.3.2 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre - Formação do leitor: Proposta para PEUB e Supervisores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Y	152
3.3.3 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre – Pesquisa Escolar: Proposta para as PEUB e Supervisoras dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y	152
3.4 – Finalizando.....	153
3.4.1 - PEUB X.....	153
3.4.2 - EX PEUB YM.....	155
3.4.3 - PEUB YM.....	156
3.4.4 - PEUB YT	157
REFERÊNCIAS.....	159
ANEXO I - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA X	164
ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA Y	167
ANEXO III - REGULAMENTO DA BIBLIOTECA ESCOLAR X.....	170
ANEXO IV - OS DIREITOS DO LEITOR, POR DANIEL PENNAC	173
ANEXO V - CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO “LITERATURA INFANTIL EM 3 TEMPOS: DESCOBRIR LIVROS, LER E/OU CONTAR HISTÓRIAS NAS SALAS DE AULA”	174
ANEXO VI - BIBLIOTECA DAS ESCOLAS MINEIRAS SÃO TEMA DE REUNIÃO ENTRE A SECRETARIA E A EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS.....	175
ANEXO VII - CRIAÇÃO DE PLANO ESTADUAL DE LEITURA É TEMA DE AGENDA NA SEEMG.....	176
ANEXO VIII – QUADRO DA CARGA HORÁRIA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA CONFORME DECRETO Nº 46.125 DE 04/01/2013	178

INTRODUÇÃO

Qual meu interesse no tema “Biblioteca Escolar”? Enquanto pesquisadora pondero que trazer resposta a este questionamento é um caminho apropriado para explicar o quanto considero válido problematizar o tema. Para tanto, faz-se necessário uma volta à minha infância. Sempre gostei de ler e é notório para mim a importância que meus pais sempre deram à leitura. Do meu processo de alfabetização na escola eu não tenho muitas lembranças. Mas sem dúvida alguma, os momentos que envolviam a leitura me encantavam. Apesar de já ter passado muito tempo, lembro-me do orgulho que tive quando tirei dez num teste de leitura oral. Isto foi no ano de 1980. Naquela época nem me ocorria que este tipo de teste tinha como objetivo apenas avaliar a apropriação do código alfabético por parte dos alunos. Este teste de leitura em voz alta tinha como objetivo saber apenas se o aluno já sabia ler, ou seja, se houve a decodificação mecânica dos signos linguísticos. Nele não tinha como preocupação saber se houve ou não entendimento do que se tinha lido. Também me recorro de que eu amava ler as histórias do livro didático da primeira série¹.

Concordo com os autores² que defendem a importância da família no desenvolvimento do gosto pela leitura porque tenho lembranças do envolvimento dos meus pais com a leitura e de como eu gostava de vê-los lendo. Meu pai trabalhava muito durante a semana, não lhe sobrando tempo para a leitura, mas, todo domingo após a missa ele ficava lendo jornal e, quando aposentou fez assinatura de jornal, aí então ele lia diariamente. Ele também costumava comprar material de leitura para o estudo dos filhos³. Já a minha mãe lia tudo: livros de literatura, livros de história, biografias, poesias, folhetos informativos da igreja, revistas, etc. Também me recorro com saudades dos momentos em que ficávamos: minha mãe, eu, meus irmãos e irmãs na varanda à noite e ela contava histórias para nós. Apesar de termos em casa rádio, aparelho de som (toca discos/LP, fita-cassete

¹ A 1ª Série do Primário corresponde atualmente ao 1º Ano do Ensino Fundamental.

² Graves, Juel, & Graves, 2000 *apud* Andres, 2010. Echols, Oeste, Stanovich, Zerr, 1996 *apud* Andres, 2010. Slergs, 1996 *apud* Andres, 2010. Purcell-Gates, 1996 *apud* Andres, 2010. Raz & Bryant, 1990 *apud* Andres, 2010. Whiterhurst & Lonigan, 1998 *apud* Andres, 2010. Andres *et al.* 2010. Combs e Beach, 1994 *apud* Santos *et al.* 1996. Handel, 1992 *apud* Santos *et al.* 1996. Morrow e col., 1994 *apud* Santos *et al.* 1996. Santos *et al.* 1996.

³ Naquela época era comum a venda de coleções diversificadas, enciclopédias, almanaques e coletâneas por vendedores ambulantes.

e rádio) e televisão⁴, eu preferia ler ou ficar ouvindo histórias que minha mãe contava. Em nossa casa tínhamos muitos livros de literatura (infantil, juvenil e adulta) e revistas em quadrinhos que ganhávamos de tias e que meus irmãos e irmãs compravam. Também arrumávamos emprestados, bem como emprestavamos os nossos. Eu lia todos os que se adequavam à minha faixa etária e, muitas vezes, lia-os diversas vezes. Entretanto, estas não foram minhas únicas fontes de materiais de leitura.

Buscava materiais de leitura na Biblioteca, porém não era nas das escolas em que estudei e sim na pertencente ao município. Não sei nem se existia Biblioteca na escola que estudei o primário⁵. Se existia eu não a frequentei. Já na escola que estudei da 5ª série ao terceiro ano do 2º grau existia Biblioteca e raríssimas vezes a adentrei⁶. Não sentia que era um local que pudesse me pertencer. Assim sabemos que o currículo oculto se torna tão presente e real a ponto de inibir o uso deste recurso educacional porque, mesmo que os professores não fizessem uso deste com seus alunos, o que leva a não apropriação deste espaço pelos alunos que amam ler e frequentar Bibliotecas que não o medo de infringir normas sociais não claramente expressas? Mas não me dei por vencida, então nesta época eu frequentava a Biblioteca Municipal para realizar os trabalhos de escola e para empréstimos de livros literários. Esta relação com a leitura, o gosto por frequentar bibliotecas e por acreditar que a Biblioteca Escolar é um recurso pedagógico riquíssimo, levou-me a pesquisar o processo de gestão de duas bibliotecas escolares para compará-los.

A correlação, principalmente quantitativa, entre experiências com estórias infantis no lar e sucesso escolar já tem sido afirmada por pesquisadores há algum tempo. Wells (1991) constatou que as estórias envolvem processo de socialização que promovem o desenvolvimento e facilitam a aprendizagem escolar; fornecem experiências prévias que geralmente são pressupostas pela escola; associam a linguagem oral à linguagem escrita, o que facilita o

⁴ Televisão e outros aparelhos eletroeletrônicos eram pouco acessíveis. Não éramos ricos, mas meu pai se sacrificava trabalhando muito para nos propiciar alguns poucos confortos como, por exemplo, televisão e aparelho de som, bem como livros para que pudéssemos ter melhores possibilidades de educação formal do que ele pode ter.

⁵ A estrutura da Educação Básica composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996. A denominação anterior era de Ensino de 1º grau e de 2º grau. O 1º grau era composto da primeira à oitava série, sendo chamada de primário a subdivisão da 1ª à 4ª série e seu atual correspondente é os anos iniciais do ensino fundamental. O Ensino Médio refere-se ao antigo 2º grau.

⁶ Quanto digo adentrar estou querendo enfatizar uma entrada rápida, sorrateira, receosa de ser colocada para fora tal a seriedade do espaço.

trabalho de construção e descoberta (Terzi, 1995). Verificou-se que a exposição constata da criança à audição de histórias e à manipulação de livros infantis expande seu conhecimento e seu grau de letramento de forma considerável (GARCEZ, 1999, p. 49).

Assim, a presente pesquisa, através da metodologia de estudo de caso, analisou a relação da Biblioteca Escolar com o processo ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental. Desta forma tentou-se compreender se (e como) a equipe gestora intervém neste espaço educacional buscando favorecer o processo educacional. Como o desenvolvimento do trabalho na Biblioteca Escolar não acontece sem o envolvimento das profissionais responsáveis pelas mesmas, buscou-se analisar a relação da equipe gestora com essas profissionais.

As duas escolas, objetos de estudos desta Dissertação, pertencem à rede estadual de ensino de Minas Gerais - estando dentro da área de abrangência da Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre (SRE Pouso Alegre) - e são: a Escola X do município de Santa Rita do Sapucaí e a Escola Y do Município de Pouso Alegre⁷. A primeira foi selecionada por ter recebido, no ano de 2009, o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar⁸. A segunda foi escolhida por ser a escola estadual que atende ao maior número de alunos da área de abrangência da SRE Pouso Alegre e por ser considerada pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG) uma Escola Estratégica⁹.

Para alcançar o objetivo almejado fez-se necessário cumprir alguns pontos importantes. Assim, no capítulo 1, realizou-se uma descrição, tanto das Escolas, quanto de suas Bibliotecas. Neste capítulo, a descrição detalha mais a estrutura física e material das Bibliotecas Escolares. Para esta etapa de observações *in loco*, o referencial teórico foi a obra *Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para Bibliotecas Escolares* do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência da Informação pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta obra propõe a análise das Bibliotecas Escolares a partir de seis indicadores: Indicador Espaço Físico, Indicador

⁷ Para resguardar a privacidade das Escolas e de seus profissionais será adotada a denominação Escola X e Escola Y.

⁸ As entidades responsáveis pela realização deste concurso foram: Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Fundação Roberto Marinho (FRM). Apoiadas pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, pelo Movimento Brasil Competitivo (MBC), pelo Todos pela Educação e pelo Grupo Gol. (CONSED, 2008)

⁹ Pela Política Estadual, Escola Estratégica é a que apresenta baixo percentual dos alunos no nível recomendável nas avaliações externas do Sistema Mineiro de Avaliação (SIMAVE).

Acervo, Indicador Organização do Acervo, Indicador Computadores com acesso a internet, Indicador Serviços e Atividades e Indicador Pessoal. Para melhor compreensão das Escolas e de seu trabalho também será analisado comparativamente alguns resultados destas em Avaliações Externas Estaduais e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), bem como será visto os Indicadores Socioeconômicos. Logo este capítulo é essencialmente descritivo no que se refere aos Indicadores GEBE para as Bibliotecas Escolares X e Y e, comparativo no que se refere aos Indicadores Educacionais e Socioeconômicos das Escolas X e Y.

O capítulo 2 tem sua ênfase na análise comparativa das Escolas X e Y e suas Bibliotecas Escolares à luz de referencial teórico. Neste capítulo é onde será feito maior uso das entrevistas semiestruturadas realizadas com as Diretoras, Especialistas da Educação – Supervisoras e as Professoras para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB). Estas entrevistas serão analisadas a partir do referencial teórico exposto no início do capítulo. Ou seja, será analisado comparativamente as Bibliotecas Escolares X e Y a partir dos Indicadores GEBE, trazendo as falas das servidoras entrevistadas, alguns dados dos Indicadores Educacionais e Indicadores Socioeconômicos que se fizerem necessários, à luz do referencial teórico.

Por fim, no capítulo 3 serão apresentadas algumas ações para fazer frente aos problemas encontrados nas gestões das Bibliotecas Escolares X e Y buscando aproximá-las mais de um recurso pedagógico favorecedor do processo ensino-aprendizagem através de Plano de Ação Educacional (PAE). Serão propostos dois PAE: 1) PAE pela via governamental da Escola da Escola; e 2) PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre. Como esta Dissertação partiu da visão da autora sobre Leitura e Biblioteca Escolar achou-se justo também terminá-la com a visão das PEUB sobre Leitura e Biblioteca Escolar.

CAPÍTULO I - BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO

Sonhamos com uma biblioteca de literatura criada por todos e pertencente a ninguém, uma biblioteca que seja imortal e misteriosamente capaz de conferir ordem ao universo, e entretanto sabemos que toda opção por uma ordem, todo reino catalogado da imaginação supõe uma hierarquia tirânica de exclusões. Toda biblioteca leva à exclusão, uma vez que seu acervo, por vasto que seja, deixa para fora de suas paredes incontáveis prateleiras de literatura que, por razões de gosto, conhecimento, espaço e tempo, não foram incluídas. Toda biblioteca conjura seu próprio fantasma obscuro; toda ordenação traz consigo uma biblioteca espectral de ausências.

Alberto Manguel

O presente trabalho analisou a gestão da Biblioteca Escolar de dois estabelecimentos de ensino da rede pública do Estado de Minas Gerais (MG) para compreender melhor a ação da Diretora e das Especialistas da Educação Básica - Supervisoras¹⁰, como gestoras deste espaço de aprendizagem em suas múltiplas dimensões tais como: a gestão dos recursos humanos; do espaço físico; dos materiais; do acervo e organização do funcionamento das bibliotecas escolares para atender ao Ensino Fundamental. Buscou-se compreender como a equipe gestora articula a apropriação do espaço da Biblioteca para a consecução dos objetivos de aprendizagem a serem alcançados. Para tanto, foi realizado observações *in loco* com base nos parâmetros GEBE e entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora e com as Professores de Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB) das duas escolas pesquisadas¹¹.

Castro (2003) afirma que o diálogo entre Escola e Biblioteca Escolar está relacionado com o momento histórico, político e social, podendo assim, constituir-se em relações de plena efervescência ou em relações de total superficialidade. Martucci (1998) inicia seu artigo com a afirmativa do primeiro capítulo do livro de Silva¹²:

¹⁰ Doravante não será usado mais o nome do cargo “Especialistas da Educação Básica – Supervisoras”, mas apenas Supervisoras.

¹¹ A análise das entrevistas realizadas será apresentada no decorrer do capítulo 2.

¹² SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões de Nossa Época, 45).

Silencio: essa talvez seja a palavra que melhor simboliza a situação real da biblioteca escolar no Brasil. Sem dúvida, [ela] encontra-se sob o mais profundo silêncio: silenciam as autoridades, ignoram-na os pesquisadores, calam-se os professores, omitem-se os bibliotecários (1998, p.31).

Entretanto, ainda que devagar esta situação esta mudando. Mello citada por Martucci (1998) relata que nos documentos da Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em março de 1990, na Tailândia, ficou registrado a necessidade de desenvolver a habilidade no uso de Bibliotecas e Sistemas de informação, pois estes são considerados instrumentos fundamentais de aprendizagem.

Outro ponto é que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental¹³ de Língua Portuguesa coloca entre outros objetivos, saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. A Biblioteca Escolar é um espaço por excelência para que este objetivo seja alcançado (BRASIL, 1997; BRASIL, 1998).

Formar leitores [...] requer [...] condições favoráveis para a prática de leitura - que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois [...] o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Algumas dessas condições [é dispor] de uma boa biblioteca na escola (BRASIL, 1997, p. 43).

E mais a frente o PCN dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental reafirma a importância da Biblioteca Escolar como um recurso a ser explorado pelo professor em benefício do processo ensino-aprendizagem.

Ao selecionar recursos didáticos para o trabalho pedagógico na área de Língua Portuguesa, deve-se levar em consideração os seguintes aspectos:

- sua utilização nas diferentes situações de comunicação de fato; e
- as necessidades colocadas pelas situações de ensino e aprendizagem. [...]

As bibliotecas - escolar e de classe - são, nessa perspectiva, fundamentais para um trabalho como o proposto por este documento (BRASIL, 1997, p. 61).

O PCN dos Anos Finais do Ensino Fundamental coloca como um dos valores decorrentes da prática leitora, o interesse por frequentar espaços mediadores de leitura como, por exemplo, a Biblioteca, sabendo orientar-se dentro da especificidade

¹³ Tanto dos Anos Iniciais quanto dos Anos Finais.

deste espaço e sendo capaz de localizar o material desejado (BRASIL, 1998). Se por um lado os documentos para o Ensino Fundamental em âmbito nacional citados destacam que o processo ensino-aprendizagem também ocorre no espaço privilegiado da Biblioteca Escolar, o mesmo não acontece com as recém-aprovadas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos (DCNEF).

Assim como o Parecer CNE/CEB¹⁴ N° 11/2010 aprovado em 7/7/2010 e publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 9/12/2010 e que culminou na Resolução CNE/CEB N° 7 de 14/12/2010 que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, publicada no DOU em 15/12/2010, ambos desconsideram o espaço da Biblioteca Escolar como espaço de aprendizagem, apresentando, assim, um novo retrocesso na legislação nacional no que se refere a este lócus de aprendizagem (BRASIL, 2010b; BRASIL, 2010c).

Por outro lado, uma salva-guarda para a Biblioteca Escolar é a Lei n.º 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino e que com propriedade define em seu segundo artigo que Biblioteca Escolar é “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010a).

Em Minas Gerais, o Decreto 36.033 de 14/09/1994, cumprindo a Resolução SEE n° 2063/1994 de posicionamento na carreira, determinou que o Cargo Auxiliar Biblioteca Escolar seria reposicionado como Técnicos da Educação, fazendo parte do Quadro da Educação (QE)¹⁵. Em 2000 com a diminuição dos detentores do cargo de Auxiliar Biblioteca Escolar¹⁶ foi criada a Função Professor para Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB). Esta função só poderia ser preenchida por detentores do cargo de Professor nível 1 (P1), ou seja, professores que tinham formação de Magistério de nível médio ou por professores (P1) excedentes na escola - devido à municipalização. Em 2005, com novo posicionamento na carreira o P1 recebe nova denominação para Professor de Educação Básica nível 1 (PEB1) e o P1 excedente recebe denominação de Professor de Educação Básica nível 1 – excedente (PEB1-exc.) e continua sendo deles a prioridade para exercer a função na Biblioteca Escolar. A partir de 2006 a SEEMG começou a publicar resolução para estabelecer

¹⁴ CNE/CEB: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica.

¹⁵ No Quadro da Educação incluem-se os profissionais com função educacional, diferentemente do Quadro de Magistério (QM) onde se enquadram Professores e Especialistas da Educação Básica.

¹⁶ Por aposentadoria.

normas de organização do Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais (QPEE) e designação para o exercício de função pública na rede estadual para vigorar no(s) ano(s) letivo(s) seguinte(s), a saber: Resolução SEE N° 841, de 12 de Dezembro de 2006; Resolução SEE N° 1026, de 28 de Dezembro de 2007; Resolução SEE N° 1256, de 22 de Dezembro de 2008; Resolução SEE N° 1458, de 19 de Novembro de 2009; Resolução SEE N° 1773, de 22 de Dezembro de 2010 e a Resolução SEE N° 2018, de 06 de Janeiro de 2012 – que foi a única publicada para vigência no mesmo ano da publicação.

A Resolução SEE N° 841/2006 define em seu quarto artigo que compete ao diretor ou coordenador da escola, organizar o Quadro de Pessoal estabelecendo critérios complementares.

Art. 4º Cabe ao Diretor ou Coordenador de Escola organizar o Quadro de Pessoal com base no disposto nesta Resolução, seus Anexos e em Instruções Complementares.

§ 1º Compete a escola estabelecer critérios complementares para atribuição de turmas, aulas e turno aos servidores efetivos ou estabilizados, observado o disposto nesta Resolução e a conveniência pedagógica.

§ 2º Após aprovação pelo Colegiado da Escola, registro em ata e validação pela SRE, os critérios complementares serão amplamente divulgados na comunidade escolar, antes do início do ano letivo (MINAS GERAIS, 2006).

Por um lado, a referida norma inova ao permitir que a Escola estabeleça critérios complementares para atribuição de turmas, aulas e turno aos servidores efetivos ou estabilizados observado a conveniência pedagógica. Por outro lado, ela restringe esta possibilidade ao mandar observar antes o disposto na resolução e, há uma nota na mesma que os detentores de cargos anteriormente denominados de “Auxiliar de Biblioteca” e “Bibliotecário” serão computados na quantificação de Professor para Ensino do Uso da Biblioteca (MINAS GERAIS, 2006). Ou seja, a preferência para atuar na função de PEUB é dos PEB1 e PEB1-exc, só podendo a escola estabelecer nos critérios complementares para atuar na função de PEUB um professor com formação em Letras ou em Pedagogia se não houver servidor enquadrado nas duas situações acima. Situação que se mantém até a Resolução SEE N° 1256/2008.

Na Resolução SEE N° 1458/2009 permanece o mesmo teor das três resoluções anteriores para a organização do QPEE com relação aos critérios

complementares. Porém não aparece a nota de preferência dos PEB1 e PEB1-exc¹⁷ para atuar como PEUB. Mas, na prática, em havendo estes profissionais com formação de magistério de nível médio, serão deles a preferência para atuar na Biblioteca Escolar.

Em 2011 há um retrocesso na política educacional no QPEE. Permanece a possibilidade dos Critérios Complementares na Resolução SEE N° 1773, de 22 de Dezembro de 2010 com o mesmo teor das resoluções anteriores, porém destina os servidores em Ajustamento Funcional para exercer atividades na Biblioteca ou na Secretaria Escolar. Situação que permanece para o ano 2012 pela Resolução SEE N° 2018, de 06 de Janeiro de 2012.

Art.5º-Compete ao Diretor de Escola Estadual onde há servidor em Ajustamento Funcional:

§ 1º O Professor de Educação Básica, o Especialista em Educação Básica e o Analista de Educação Básica – AEB, em Ajustamento Funcional cumprirá a carga horária de seus respectivos cargos exercendo atividades na Secretaria da Escola ou na Biblioteca, observando o quantitativo para tais funções definido do Anexo II desta Resolução;

§ 3º - Na hipótese do professor em Ajustamento Funcional ser detentor de cargo com jornada inferior a 24 horas, a escola poderá aproveitar 02(dois) servidores em Ajustamento Funcional para assumir a vaga de Professor para Ensino do Uso da Biblioteca ou de Assistente Técnico de Educação Básica.

Art.26-Para o encaminhamento das vagas à SRE, a direção da escola deverá:

§ 1º - Somente haverá designação para a função pública de Professor para o ensino do Uso da Biblioteca ou de Assistente Técnico de Educação Básica, em cargo vago ou substituição se não existir, na localidade, PEB, AEB ou EEB em Ajustamento Funcional para exercer tais funções (MINAS GERAIS, 2010). (Grifos meu).

Ainda que tenha havido em 2011 uma capacitação, na qual um Analista Educacional de cada Superintendência Regional de Ensino (SRE) recebeu orientações para repassar aos Supervisores e aos Professores para o Ensino e o Uso da Biblioteca (PEUB), que em fevereiro de 2012 a Secretária de Estado de Educação tenha se reunido com a Cônsul da Embaixada dos Estados Unidos da América visando uma parceria para capacitação dos profissionais que atuam nas Bibliotecas Escolares e por fim em setembro de 2012 a Secretária tenha tido reunião

¹⁷ Estes são poucos que estão na ativa. A maioria já aposentou.

para tratar da criação do Plano Estadual de Leitura¹⁸. A política educacional mineira para Biblioteca Escolar tem caminhado na contramão da valorização deste recurso pedagógico porque o profissional que vai atuar na Biblioteca Escolar (o(a) PEUB) nem sempre é o que reúne as condições para exercer o trabalho pedagógico que esta demanda, mas, muitas vezes, a Biblioteca Escolar é usada para resolver uma situação administrativa e funcional de alguns servidores.

Diante disto, pode-se perceber tanto o movimento a favor das Bibliotecas Escolares, dado o espaço privilegiado de aprendizagem que elas podem e devem se constituir, quanto situações como a do Estado de Minas Gerais, em que ainda se verifica a necessidade de se avançar na concepção da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem. Ainda que haja um percurso a ser percorrido para que a Biblioteca Escolar seja encarada como um importante recurso pedagógico dentro das escolas, as mudanças estão acontecendo. Como é um processo, não acontece por ruptura, mas por ações que vão sendo tomadas, além de outros fatores que vão, de certa forma, pressionando a mudança de percepção e comportamento. Mas ainda há muito a caminhar, sigamos em frente aproveitando este momento de efervescência¹⁹ para tentar vincular a Biblioteca Escolar ao Projeto Político Pedagógico (PPP) como recurso pedagógico de forma que toda comunidade escolar saiba da importância deste recurso pedagógico e possa cobrar seu correto uso²⁰.

¹⁸ Notícia publicada no site www.educacao.mg.gov.br em 29/02/2012, quarta-feira e em 04/09/2012, terça-feira. Ver Anexos VI e VII.

¹⁹ No cenário internacional e no Brasil no nível macro das políticas (PNBE, PNLL, PCN).

²⁰ Aqui há que se abrir um parêntese. Esta Dissertação ficou disponível para Banca de Defesa a partir de 20 de dezembro de 2012. Banca esta que foi marcada para 18 de janeiro de 2013. Neste intervalo de tempo houve publicação de três normas jurídicas importantes para a Educação Básica Estadual Mineira, a saber: a) Lei nº 20.592, de 28/12/2012 e publicada no Minas Gerais (MG) de 29/12/2012; b) Decreto nº 46.125 de 04/01/2013 e publicada no MG de 05/01/2013 e c) Resolução SEE nº 2.253 de 09/01/2013 e publicada no MG de 10/01/2013. Todas elas se referem, entre outras coisas, à Carga Horária de Trabalho do Professor de Educação Básica. Destas normas, vamos nos ater neste parêntese que abrimos à Resolução SEE nº 2.253 de 09/01/2013 que “Estabelece normas para a organização do Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais e a designação para o exercício de função pública na rede estadual de educação básica” (MINAS GERAIS, 2013a). Normas que vigorarão para o ano letivo 2013. Esta Resolução inovou muito em relação às anteriores, mas vamos apontar aqui estritamente o que se refere ao PEUB, ou seja, vamos direto ao artigo 13 que diz que o PEUB “cumprirá a jornada de trabalho prevista nos incisos I e II do caput do art. 10º desta Resolução para exercício da docência, diretamente no atendimento aos alunos, realizando atividades de intervenção pedagógica, orientando a utilização da Biblioteca Escolar para a realização de consultas e pesquisas, bem como desenvolvendo estratégias de incentivo ao hábito e ao gosto pela leitura” (MINAS GERAIS, 2013a). Nota-se que o artigo deixou claro que a função do PEUB é essencialmente pedagógica, o que é um ponto fundamental para o entendimento da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico. Vejamos agora o que diz o caput do artigo 10 e os incisos I e II que esse artigo nos remete:

Considerada a importância da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem e apesar de não ser possível generalizar a análise de uma dada realidade para outra - mas levando em consideração que isto não deve ser empecilho para se analisar situações específicas- observa-se que mesmo não sendo realidades iguais em toda a plenitude as semelhanças não podem ser desconsideradas. Portanto, ao se buscar uma comparação entre duas realidades espera-se encontrar os fatores de sucesso, bem como os fatores que impedem uma boa gestão da Biblioteca Escolar. Esta perspectiva tem como objetivo a divulgação entre outras escolas públicas da rede, boas práticas de gestão da Biblioteca Escolar, bem como a análise de fatores e/ou práticas impeditivas de uma boa gestão da mesma.

Para a realização desta Dissertação foram escolhidas duas escolas estaduais mineiras. Uma é a Escola X do município de Santa Rita do Sapucaí por ter sido eleita Escola Referência Nacional, no ano de 2009, pelo Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (CONSED)²¹, por meio do concurso, Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar – Ano Base 2008²². Participa, pela política educacional estadual, do Programa de Desenvolvimento Profissional (PDP)

Art.10 Conforme dispõe a Lei nº 20.592, de 28 de dezembro de 2012, a carga horária semanal de trabalho correspondente a um cargo de Professor de Educação Básica com jornada de 24 (vinte e quatro) horas compreende:

I – 16 (dezesseis) horas semanais destinadas à docência;

II – 8 (oito) horas semanais destinadas a atividades extraclasse, observada a seguinte distribuição:

a) 4 (quatro) horas semanais em local de livre escolha do professor;

b) 4 (quatro) horas semanais na própria escola ou em local definido pela direção da escola, sendo até duas horas semanais dedicadas a reuniões. (MINAS GERAIS, 2013a).

Com isto vemos o avanço na compreensão de que também o PEUB exerce uma função pedagógica assim como o Professor Regente de Turmas ou de Aulas e não uma função burocrática / administrativa. Sendo assim, abre-se para o PEUB a participação nas reuniões pedagógicas. Para fecharmos o parênteses que abrimos importa esclarecer que esta situação tem sua validade iniciada no ano letivo 2013.

²¹ O Consed é uma associação que reúne as Secretarias de Educação dos 26 estados e do Distrito Federal que busca a integração destas secretarias para promover ações conjuntas favorecendo intercâmbio. Atua junto a órgãos governamentais e não governamentais em ações educacionais. É composto por membros efetivos e honoríficos. Os primeiros são os titulares das Secretarias de Educação dos 26 estados e do Distrito Federal e os segundos são ex-secretários de educação que prestaram relevantes contribuições para o conselho.

²² Criado em 1998 com o nome de “Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar”, passou, em 2011, a ser chamado de “Prêmio Gestão Escolar”. É promovido conjuntamente pelas seguintes instituições: Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), do Ministério da Educação (MEC) e Fundação Roberto Marinho, além de ser apoiada por outras importantes instituições. O prêmio tem como objetivo estimular a melhoria do desempenho da escola e o sucesso no processo ensino-aprendizagem pelo reconhecimento de escolas públicas que desenvolvem práticas eficazes de gestão.

através do Grupo de desenvolvimento profissional (GDP). A outra é a Escola Y, do município de Pouso Alegre, por ser a escola que, além de atender ao maior número de alunos (Gráfico 1) da área de abrangência SRE Pouso Alegre²³ é considerada Escola Estratégica²⁴. Ela está entre as três escolas da regional que conta com o projeto estruturador da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG) o Escola Viva, Comunidade Ativa (EVCA). Este projeto foi inicialmente pensado para atender as escolas inseridas em áreas de vulnerabilidade social e sua operacionalização acontecia através do “Projeto Abrindo Espaços” que consistia na abertura da escola aos finais de semana para a realização de Oficinas para a comunidade coordenadas por voluntários. Para isto, a escola recebia recurso financeiro para aquisição de materiais para o desenvolvimento das mesmas. Mas, em 2012 o EVCA está sendo reestruturado com previsão de abranger escolas estaduais de ensino médio, independentes da área em que estejam localizadas.

Para melhor conhecer as Escolas e suas respectivas Bibliotecas faz-se necessário, além da descrição das Bibliotecas Escolares X e Y pela ótica dos Indicadores GEBE, a descrição de alguns projetos pertencentes à política educacional estadual, assim como a análise de avaliações externas e de indicadores socioeconômicos. Todo este percurso torna-se indispensável para uma melhor compreensão deste caso de gestão.

Ainda que o presente estudo não seja um caso de gestão das políticas públicas estaduais no campo educacional, é fundamental, para melhor compreensão deste, apresentar políticas que estão inclusas nas escolas estudadas de modo que acabam por impactarem, de alguma forma, na gestão das Bibliotecas. Assim, para melhor compreender a importância da gestão da Biblioteca Escolar e como esta interfere na qualidade do processo educacional, faz-se necessário conhecer, ainda que sucintamente, os projetos aos quais as escolas estão vinculadas, visto que de

²³ A SRE Pouso Alegre abrange 33 municípios do sul do Estado de Minas Gerais e conta com 74 escolas estaduais, sendo Pouso Alegre o município sede. O município de Santa Rita do Sapucaí também pertence à jurisdição desta SRE.

²⁴ A Escola Y é considerada, a partir dos resultados obtidos nas avaliações externas estaduais, uma Escola Estratégica. Ou seja, é uma escola que precisa de assessoramento específico para a recuperação da aprendizagem dos alunos que não ficaram no Nível Recomendado nas avaliações externas estaduais. Esse assessoramento acontece através do Programa de Intervenção Pedagógica (PIP) que é uma ação de acompanhamento das escolas estaduais mineiras. Funciona com uma assessoria pedagógica. A SEEMG contrata licenciados que trabalham na SRE sob supervisão de Gerentes (também contratados) e da Diretora Pedagógica. A escola que mais precisa recebe mais atenção. Ou seja, aquelas que apresentam baixo nível de proficiência nas avaliações externas recebem mais atenção dos interventores do PIP, este é o caso das Escolas Estratégicas.

uma forma ou de outra eles podem utilizar-se do espaço físico da biblioteca ou de seus recursos. Dos programas pertencentes à política estadual, nos limitaremos à apresentação do Programa de Desenvolvimento Profissional (PDP)^{25, 26}. É importante esclarecer que as escolas possuem outras políticas, mas como o estudo de caso se refere à gestão das Bibliotecas Escolares, elas não serão objetos de estudo deste trabalho.

Após apresentado os objetivos deste trabalho será feita a caracterização das Escolas, especialmente no que tange à gestão da Biblioteca Escolar. Iniciar-se-á com a Escola X e em seguida à Escola Y.

Na etapa de observação *in loco* para a caracterização das Bibliotecas Escolares X e Y, foram adotados os parâmetros para bibliotecas escolares, elaborado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)²⁷. Através de seis indicadores – “Espaço físico”, “Acervo”, “Organização do acervo”, “Computadores com acesso à internet”, “Serviços e atividades” e “Pessoal” – buscou-se descrever as Bibliotecas Escolares para que, no capítulo 2, seja possível avaliar se a biblioteca atende a um nível básico, considerado nível mínimo para que uma biblioteca possa favorecer o processo educacional²⁸. A partir deste referencial buscou-se lançar um olhar atento e mais perspicaz a este tão importante espaço de aprendizagem – a Biblioteca Escolar²⁹. Foi observado, entre outras coisas, o espaço físico, o acervo, os serviços e atividades. Mas, como apenas a observação não é

²⁵ A descrição será realizada no decorrer deste capítulo, conforme apresentar a necessidade de que isto seja feito. O Escola Viva, Comunidade Ativa (EVCA) não será enfatizado pelo motivo de estar sendo reestruturado.

²⁶ Devido ao EVCA estar em um período de reestruturação não será aprofundado neste trabalho, porém fez-se importante mencioná-lo porque foi primeiramente pensado para atender as escolas inseridas em áreas de vulnerabilidade social, o que ajuda melhor caracterizar a Escola Y.

²⁷ A obra “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares” surgiu a partir do Projeto Mobilizador Biblioteca Escolar: construção de uma rede de informações para o ensino público, de 2008, do Sistema Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CFB/CRBs) que defendia a criação de bibliotecas escolares nas escolas públicas. Através de parceria com o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Escola de Ciência e Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), este elaborou parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares com o objetivo de auxiliar as escolas a terem bibliotecas de qualidade, contribuindo, assim, na formação dos estudantes.

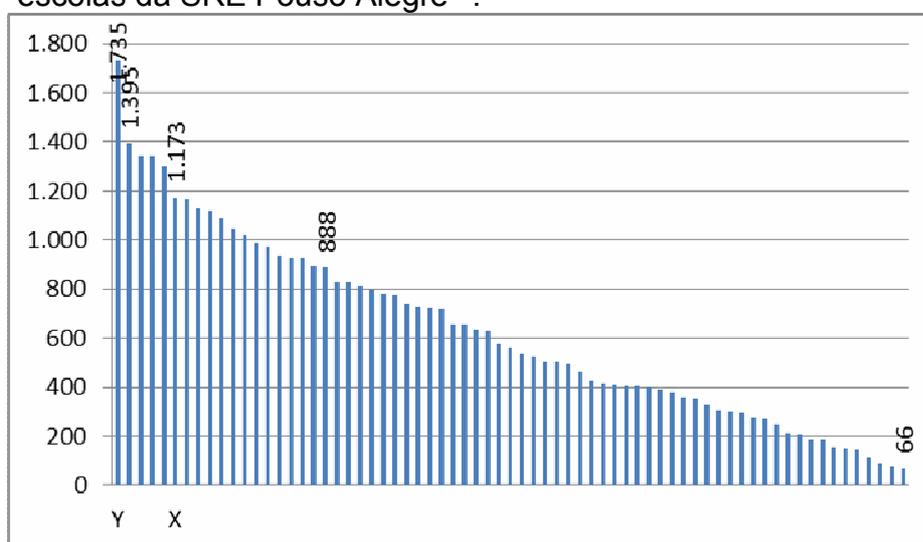
²⁸ Os indicadores foram elaborados pelo GEBE, na obra acima citada, a partir dos parâmetros definidos após estudo sobre a situação das bibliotecas escolares no Brasil. Elas podem ser classificadas no Nível Básico ou Nível Exemplar, sendo que o primeiro define a estrutura mínima de uma biblioteca e o segundo o ideal a ser alcançado.

²⁹ Ainda que se tenha buscado este olhar mais preciso, em nenhum momento a percepção nesta Dissertação apresenta é considerada ponto indiscutível.

suficiente por haver informações que não se consegue apenas desta forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as equipes gestoras bem como com as profissionais responsáveis pelas Bibliotecas.

Para ter-se uma melhor dimensão estrutural das escolas segue alguns dados importantes. A Escola X possui um terreno de 4.072,00m² sendo a área construída de 2.997,40m² (estruturada em dois andares). A Escola Y possui terreno de 2.480,00m² sendo a área construída de 2.496,40m² (estruturada em dois andares). Vejamos o total de alunos matriculados (Gráfico 1) e como esta população se divide por nível ou modalidade de ensino (Gráfico 2).

Gráfico 1- Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 nas escolas da SRE Pouso Alegre³⁰.



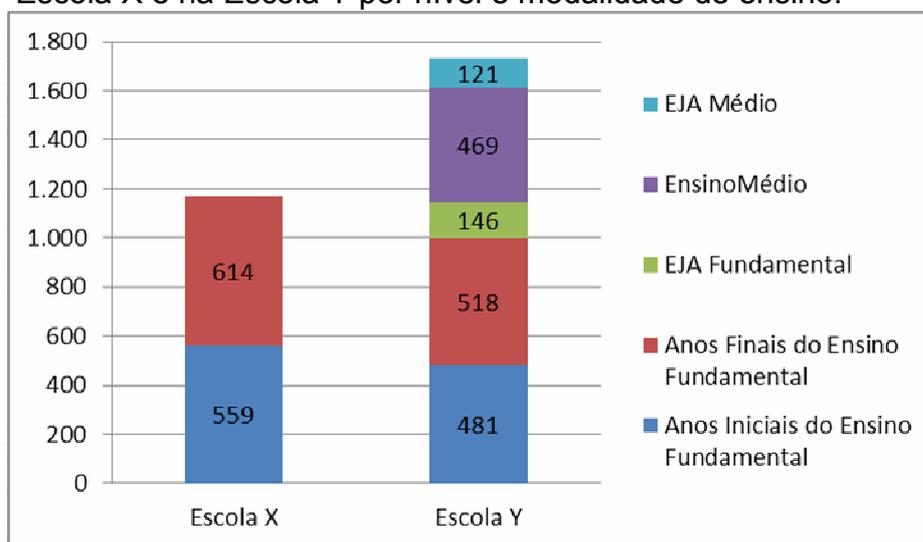
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Relatório 11 - Nº de Alunos Enturmadados por Escola atualizado em 02/10/2012 do Simade Web (Sistema Mineiro de Administração Escolar) / SEEMG (2012)

O gráfico 1 demonstra que a Escola Y possui elevado quantitativo de alunos – o maior de toda área de abrangência da SRE Pouso Alegre. Ela possui aproximadamente 24% mais alunos do que a segunda escola no gráfico, tomando esta como base. Em comparação com a Escola X, possui aproximadamente 48% mais alunos. Tomando a escola com 888 alunos como um ponto de corte por ser a escola que mais se aproxima da metade do quantitativo de alunos da Escola Y, tem-se que 50 escolas (direita do ponto de corte, excluindo este) encontram-se com

³⁰ Apesar de haver 74 escolas estaduais na área de abrangência da SRE Pouso Alegre, não consta neste gráfico os quatro Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC) e o Conservatório Estadual de Música (CEM), perfazendo, assim, um total de 69 escolas estaduais consideradas neste gráfico. Devido ao elevado número de escolas, destacou-se apenas as Escolas estudadas Y e X no eixo horizontal.

menos da metade do quantitativo dos alunos matriculados na Escola Y e apenas 18 escolas encontram-se com percentual de alunos matriculados superior a 50% do quantitativo de matrículas da Escola Y (esquerda do ponto de corte, incluindo este). Feito esta comparação “em grande escala”, será diminuído o zoom e focar-se-á nas Escolas pesquisadas através de suas matrículas por níveis e modalidades de ensino (Gráfico 2).

Gráfico 2- Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 na Escola X e na Escola Y por nível e modalidade de ensino.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Relatório 11 - Nº de Alunos Enturmadados por Escola atualizado em 02/10/2012 do Simade Web (Sistema Mineiro de Administração Escolar) / SEEMG (2012)

Observa-se no gráfico 2 que a Escola X tem 1173 alunos matriculados no Ensino Fundamental assim distribuídos: nos Anos Iniciais 559 e 614 nos Anos Finais. Por outro lado, ainda que a Escola Y possua um maior quantitativo de alunos matriculados, 1735 alunos, o nível de matrícula no Ensino Fundamental é inferior ao da Escola X, tanto nos Anos Iniciais, quanto nos Anos Finais desconsiderando neste a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo fato da Escola X não ofertar esta modalidade de ensino.

Outro fato observado na Escola Y é que ela oferta o Ensino Médio, que é responsabilidade constitucional do Estado, e neste possui 469 alunos matriculados. Somando a EJA aos respectivos níveis de ensino tem-se que a Escola Y conta com 664 alunos matriculados no Ensino Fundamental e 590 alunos no Ensino Médio. Tratando a EJA, como modalidade que é, e somando-se somente esta temos que a Escola Y tem 267 alunos matriculados na EJA Fundamental e Médio.

Ainda que o caso de gestão desta Dissertação seja as Bibliotecas Escolares de duas Escolas, ao abordar todos os aspectos possíveis destas Escolas busca-se fazer um retrato o mais fiel possível de cada uma das realidades pesquisadas. Neste sentido não pode haver a compreensão da Biblioteca Escolar como um *lócus* isolado que não sofre as influências de seu entorno. Entende-se a Escola como um todo aí incluído a Biblioteca Escolar, no qual, movimentos harmônicos levam a resultados harmônicos e movimentos sem harmonia entre Escola e Biblioteca trazem resultados insatisfatórios, visto que o entendimento que se tem de Biblioteca Escolar é a de um recurso pedagógico riquíssimo para o processo ensino-aprendizagem. E a sua desconsideração impele maiores chances de fracasso neste processo. De forma nenhuma se defende a Biblioteca Escolar como o “coração” da Escola, mas como parte inerente da Escola. Após breve comparativo das Escolas para melhor entender o objeto de estudo, será feita uma descrição individualizada de cada Escola e sua respectiva Biblioteca Escolar.

1.1 – Caracterização das Escolas e suas respectivas Bibliotecas

Existem diversos entendimentos sobre a relação Escola e Biblioteca Escolar. Há desde a completa desconsideração da Biblioteca Escolar até o extremo de se considerá-la como o ponto mais importante da escola, como o coração. Não é a intenção deste trabalho polarizar nos extremos pelo entendimento de que, a relação mais importante na escola é a do processo ensino-aprendizagem e que este ocorre entre professor e alunos. Nesta perspectiva a Biblioteca Escolar torna-se mais um recurso pedagógico a favor deste processo e o Professor para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB) tem muito a contribuir tanto com o professor quanto com os alunos; embora, em certos momentos compete ao PEUB ser este mediador no processo ensino-aprendizagem – afinal ele também é professor. Isto posto segue a caracterização das Escolas e de suas respectivas Bibliotecas e a forma como ocorre a gestão destes espaços em cada uma das escolas.

1.1 1 – Caracterização da Escola X

A Escola X foi criada em 1966. Localiza-se próxima ao centro da cidade e seu entorno não apresenta graves problemas socioeconômicos. Quanto à localização talvez o maior problema seja o fato do potencial risco de enchente – problema recorrente na cidade pelo motivo de sua altitude ser cortada pelo rio Sapucaí.

Oferece os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano) é adotado o regime de ciclos, sendo do 1° ao 3° ano – Ciclo de Alfabetização e do 4° ao 5° ano – Ciclo Complementar. Há oferta de uma turma de Período Integral nos Anos Iniciais. Quanto aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6° ao 9° ano) é adotado o regime de progressão parcial, em até 02 (dois) conteúdos³¹.

A diretora, que foi indicada por quatro vezes consecutivas pela comunidade escolar dentro das regras estipuladas pela SEEMG em resolução própria publicada a cada processo³², e que dirigia a escola no período em que a escola foi premiada nacionalmente, foi nomeada pelo governo do Estado, em novembro de 2011, para assumir um cargo de maior responsabilidade e mais elevado na hierarquia da SEEMG, em relação ao seu cargo anterior. Em decorrência deste fato, o Colegiado Escolar indicou uma das vices diretoras para assumir a direção devido à vacância. A nova diretora tem que continuar o trabalho da gestão anterior no que se refere aos programas governamentais compulsórios. Já quanto aos programas governamentais de livre adesão, seu desligamento ou permanência ou adesão a um novo programa tem que ser realizado por decisão colegiada.

A escola passou a fazer parte do Projeto Escolas Referências (Projer)³³ que é uma política estadual³⁴, após a premiação obtida no Prêmio Nacional de Referência

³¹ A Resolução SEE n.º 521/2004, prevê em seu artigo 38, que o aluno dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio poderá ser promovido à série subsequente à que está cursando mesmo que não apresente aproveitamento satisfatório em até 2 (dois) conteúdos. (MINAS GERAIS, 2004)

³² Sobre o procedimento para assumir o cargo de direção nas escolas estaduais de Minas Gerais, o candidato é submetido a um processo misto de escolha. A primeira fase corresponde a uma Certificação Ocupacional de caráter eliminatório que tem como objetivo aferir os conhecimentos administrativos, pedagógicos e financeiros inerentes ao cargo postulado. A segunda fase compreende um processo de escolha através de voto direto e secreto no qual a comunidade escolar indica o candidato que mais corresponda aos seus anseios tendo como referência a apresentação de proposta de trabalho por parte dos candidatos. A terceira fase corresponde à submissão do nome indicado pela comunidade para a apreciação do governador que poderá acatar ou não a indicação da comunidade, visto que o cargo de diretor de escola estadual, permanece como de livre provimento. Posteriormente ocorre a publicação no jornal oficial do Estado em Ato de Nomeação pelo governador.

³³ O Projer está inserido numa política do governo estadual implantado em 2003 vigorando a partir de 2004 e tem como lema o "desenvolvimento de ações que buscam a reconstrução da excelência na rede pública" e "a superação do fracasso escolar por meio de uma educação de qualidade, que promova a inclusão do aluno na sociedade". Iniciou com 223 escolas que foram escolhidas ou por que se "destacavam em sua comunidade pelo trabalho que realizavam, por sua tradição ou pelo número de alunos nos Ensinos Fundamental e Médio, visando torná-las focos irradiadores da Educação no Estado" objetivando a ampliação e melhoria do Ensino Fundamental e a universalização e melhoria do Ensino Médio. (MINAS GERAIS, s/d)

³⁴ Para que não ocorra confusão entre o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar e o Projeto Escolas Referência (Projer), enfatizei então que esta última é estadual e, sempre que for necessário me referi a esta política estadual ou eu utilizei Escola Referência ou Projer.

em Gestão Escolar no ano de 2009. Após ingressar no Projer a escola passou a contar com o Projeto de Desenvolvimento Profissional (PDP) - que visa melhorar o desempenho profissional dos professores do Ensino Fundamental e Médio, a partir da compreensão de que é na interação entre os pares que ocorre o desenvolvimento profissional e, por isto, tem como estratégia a constituição de grupos autogerenciados de estudo, reflexão e ação, denominados de Grupos de Desenvolvimento Profissional (GDP). Os GDP desenvolvem um projeto contando com a assessoria da SEEMG. Para ter um projeto aprovado ele precisa ter como foco principal o enriquecimento curricular para elevar a qualidade da educação escolar (MINAS GERAIS, s/d).

Até 2011 a escola contava com dois Grupos de Desenvolvimento Profissional (GDP), a saber: o GDP: “Brincadeira é coisa séria!” e o GDP “Como é que se escreve?”. O primeiro tinha como objetivo levar os professores a estudarem a importância do lúdico no processo ensino-aprendizagem levando-os a incluírem o lúdico em suas práticas fazendo com que o aprendizado se tornasse mais prazeroso. O segundo visava à formação dos professores enquanto leitores e produtores bem como uma conscientização crítica dos mesmos diante da realidade social. Para tanto, foi criado um jornal na escola para o trabalho com diversos gêneros textuais, no qual, além dos professores, toda comunidade escolar é chamada a participar de sua constituição dando-lhes razões para ler e escrever. (MINAS GERAIS, 2010). Em entrevista³⁵ a Diretora X informou que, como a escola foi contemplada com apenas um GDP para o ano de 2012, a opção pela permanência foi pelo GDP “Como é que se escreve?”. Ela explicou que a opção por permanecer com este GDP foi por ele relacionar-se com o conteúdo de Língua Portuguesa e como é uma tradição da Escola o “Festival de Poesias³⁶”, o GDP “Como é que se escreve?” foi o escolhido para permanecer.

O nível socioeconômico dos alunos se não é de todo determinante no sucesso escolar como demonstra o sociólogo francês Bernard Lahire (1997) em sua obra “Sucesso escolar nos meios populares”, por outro lado não deixa de ter um peso considerável no rendimento escolar. Como demonstrou o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2011), a posse do capital cultural está diretamente relacionada com

³⁵ Para preservar a identidade das profissionais entrevistadas da Escola X será adotada a letra X depois do cargo/função das mesmas.

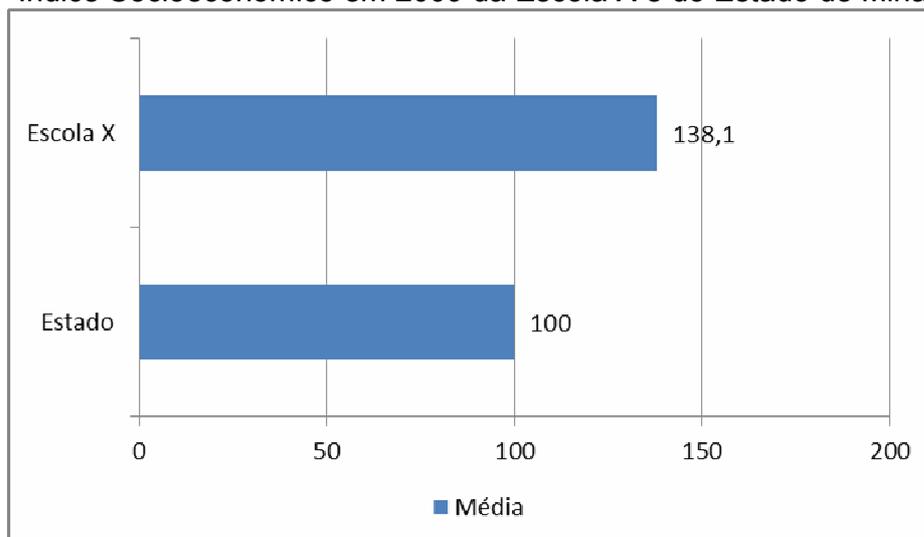
³⁶ O festival ocorre anualmente. Em 2012 está acontecendo o “11º Festival de Poesias”.

o nível socioeconômico das famílias e um maior capital cultural tende a trazer resultados melhores no rendimento escolar. Assim, faz-se necessário apresentar índices socioeconômicos do conjunto dos alunos das Escolas X e Y para tentar tecer alguma relação com alguns indicadores educacionais. Ressalta-se que destes indicadores tratar-se-á dos referentes aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e alguns dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Dos Anos Iniciais serão comparados os resultados referentes a avaliações externas estadual do Programa de Avaliação da Alfabetização (PROALFA) e os resultados do 5º Ano de 2009 a 2011 do Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB), mas somente no que se refere ao conteúdo de Língua Portuguesa³⁷. Para os Anos Finais serão comparados os resultados do 9º Ano do mesmo período e conteúdo do 5º Ano do PROEB. Por fim, será trabalhado alguns dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das escolas pesquisadas para fechar o comparativo dos indicadores educacionais.

Outra informação que se faz importante colocar é que, somente o Índice Socioeconômico será aqui apresentado. O comparativo do mesmo índice bem como o comparativo dos indicadores educacionais será tratado em um subitem próprio à frente. Importa frisar que estão sendo usados os índices socioeconômicos, as avaliações externas e o IDEB para tentar traçar um retrato mais fiel possível das Escolas. Por mais empenho que se faça a realidade não é estática e tem “n” nuances que podem passar despercebidos ou sem possibilidade de captação. Comparar as Bibliotecas Escolares por si só trará um resultado significativo, mas ao estabelecer uma relação com as consolidadas avaliações externas e demais itens de análise, acredita-se estar realmente traçando um retrato o mais fiel possível.

³⁷ Entende-se a importância das avaliações do conteúdo de Matemática. Porém, para não correr o risco de tentar abraçar tudo e não conseguir limitou-se a uma comparação dos resultados nos Anos Finais do Ensino Fundamental ao conteúdo de Português.

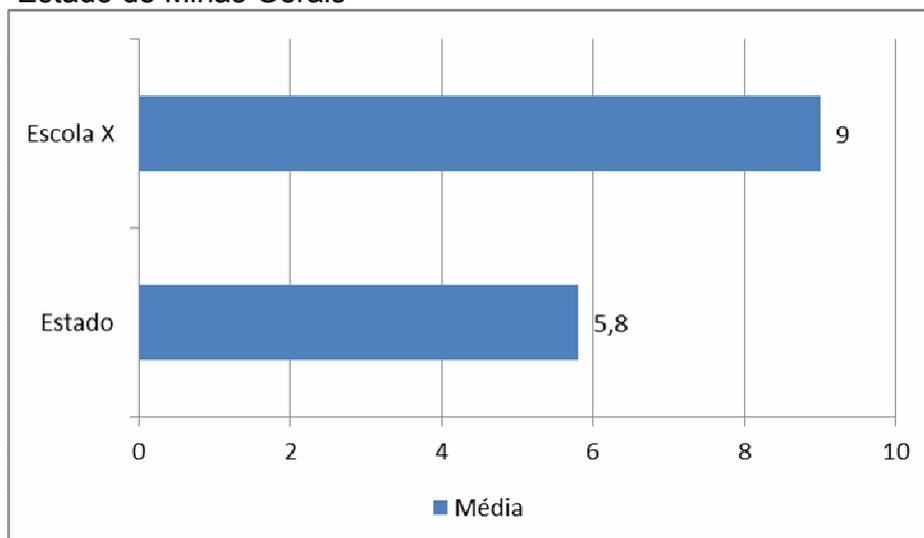
Gráfico 3 – Índice Socioeconômico em 2009 da Escola X e do Estado de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

No ano de 2009 a Escola X apresentou na escala³⁸ do Índice Socioeconômico do PROEB do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE), média de 138,1 enquanto a média de todas as escolas estaduais foi de 100 (Gráfico 3). Já no ano seguinte houve uma alteração na escala que deixou de ser de 0 a 200 para ser de 0 a 10. Quanto aos resultados do Índice Socioeconômico em 2010, tem-se que Escola X continuou apresentando melhor média que o Estado, sendo estas respectivamente de 9 e 5,8 (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Índice Socioeconômico em 2010 da Escola X e do Estado de Minas Gerais

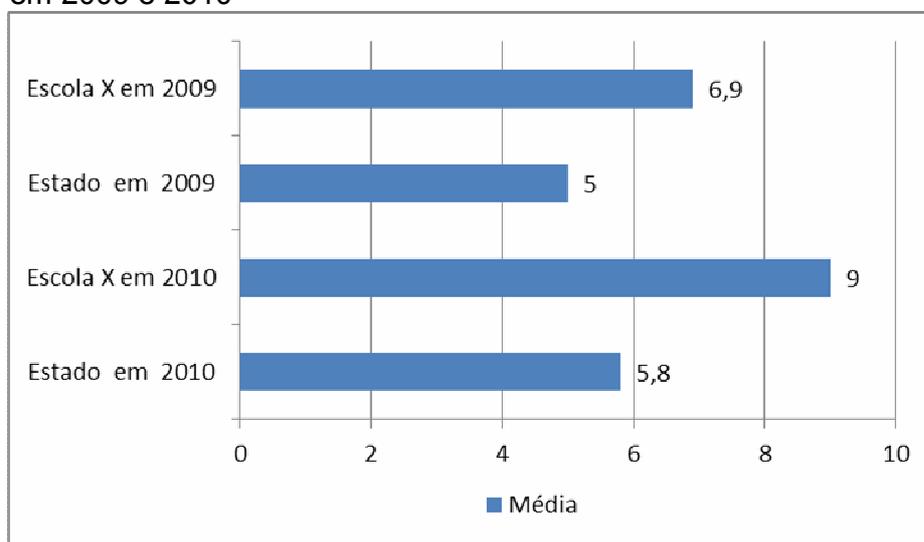


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB

³⁸ A escala vai de 0 a 200.

Como a escala foi modificada nos anos apresentados, para se estabelecer uma comparação entre os dois anos pode-se dividir os dados do ano de 2009 (Gráfico 3) por 20, mantendo uma casa decimal e com arredondamento para valores decimais iguais ou maiores que cinco para ter-se uma escala igual a do ano 2010 (Gráfico 4). Procedendo aos cálculos conforme descrito, ter-se-ia para o ano de 2009 uma escala de 0 a 10. A média da Escola X seria de 6,9 e a do Estado 5. Assim pode-se fazer uma comparação do Índice Socioeconômico entre 2009 e 2010 (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Índice Socioeconômico da Escola X e do Estado MG em 2009 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

Desta forma percebe-se que enquanto a média do Estado apresentou um modesto crescimento passando de 5 para 5,8. A Escola X, além de, em dois anos apresentar média maior do que a do Estado, ainda apresentou significativo aumento passando de 6,9 em 2009 para 9 em 2010 (Gráfico 5).

1.1.1.1 – Conhecendo a Biblioteca Escolar X

Para esta etapa da pesquisa foi realizado observações *in loco* bem como entrevistas com os gestores e Professores para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB). As observações foram norteadas pelos parâmetros GEBE. Outro ponto que se fez importante foi a leitura dos documentos escolares: Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Pelo Regimento Escolar de 2010, vê-se que a Biblioteca Escolar X é entendida como recurso pedagógico, pois há uma seção específica para ela na “Seção I – Da Biblioteca” do “Capítulo II – Dos serviços pedagógicos complementares”.

Art. 45º - A Biblioteca tem a finalidade de fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas.

Art. 46º - A organização e funcionamento da Biblioteca estarão sujeitos às normas baixadas pela Diretoria da Escola.

Art. 47º - O bibliotecário é o responsável pelo funcionamento da Biblioteca e tem as funções inerentes ao seu cargo, especificadas em regulamento (Estatuto) próprio.

Art. 48º - Os vídeos, CD's e DVD's são de responsabilidade da bibliotecária e são utilizados para dinamizar as aulas auxiliando o professor e enriquecendo a sua prática pedagógica, levando o aluno, uma melhor compreensão dos assuntos trabalhados (MINAS GERAIS, 2010) (Grifo meu).

A Biblioteca funciona de forma regular em todos os turnos de funcionamento da escola, ou seja, funciona nos turnos, matutino e vespertino durante todo o tempo em que a escola está aberta, inclusive durante o horário do recreio³⁹. Destaca-se ainda o fato de que, no horário de recreio é intenso o movimento devido á procura pelos alunos. De manhã fica sob a responsabilidade de uma funcionaria administrativa que é apoiada por uma professora de Língua Portuguesa. À tarde fica sob a responsabilidade da Professora para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB) que tem formação em Pedagogia.

Consideremos agora a Biblioteca Escolar X pela ótica dos parâmetros para bibliotecas escolares, elaborado pelo GEBE. Esta descrição se dará através de seis indicadores: “Espaço físico”, “Acervo”, “Organização do acervo”, “Computadores com acesso à internet”, “Serviços e atividades” e “Pessoal”.

1.1.1.1.1 - Indicador Espaço Físico

No indicador “Espaço físico” quanto ao critério localização dentro do espaço da escola⁴⁰, vê-se que a escola está localizada de forma adequada, pois conforme observado na verificação *in loco*, se encontra no térreo, perto do pátio, das salas de aula e das unidades administrativas e longe da quadra poliesportiva além de estar

³⁹ Pelo referencial usado, ou seja, o dos parâmetros do GEBE há três opções: Regular em todo horário de funcionamento da escola; Regular que exclui apenas o horário de recreio; e Irregular que depende da disponibilidade de pessoal.

⁴⁰ Neste critério há duas opções que são: Adequada e Inadequada.

instalada em uma área total de 140 m², sendo de 120m² a área acessível a todos os usuários e de 20m² a área destinada à mesa de trabalho da PEUB e arquivos. Este espaço é distribuído em dois, sendo de 80 m² a área destinada para os livros, um computador para uso da bibliotecária, duas mesas de escritório com cadeiras para as bibliotecárias e um armário de aço utilizado como arquivo e, os outros 60 m² é o espaço para os equipamentos de multimeios (uma televisão de 29", um aparelho de vídeo, um computador, uma impressora com *scanner*), duas mesas de escritório com cadeiras, oito mesas e trinta e duas cadeiras para uso dos alunos e *almofadas*.

No que se refere às Condições de Iluminação, Ventilação, Limpeza, Estética, Acessibilidade e Segurança⁴¹, tem-se que a Biblioteca Escolar X tem boa iluminação, tanto natural quanto artificial, sendo ventilada/arejada, com boa limpeza e estética, ou seja, é bem apresentável e possui boas condições de acessibilidade e de segurança. Possui além das mesas com cadeiras, tapetes, almofadões e almofadas coloridas, permitindo aos alunos se acomodarem como desejarem ou conforme a demanda de trabalho da PEUB ou dos professores.

O acervo encontra-se à altura dos alunos permitindo, assim, que eles manuseiem os livros à vontade. Entretanto não há um espaço específico para leitura infantil. Assim o espaço para leitura e pesquisa e para leitura infantil é o mesmo, o que há é a mobilidade da disposição do espaço para se adequar ao atendimento que está sendo exigido. Não há cabines e salas individuais para estudo e nem guarda volume.

Quanto às estantes expositoras, elas são cinco. Os mapas cartográficos ficam expostos na parede e a Biblioteca possui três globos geográficos. Ela não tem um quadro mural específico e, quando necessário, é utilizado o quadro mural geral da Escola. Entretanto, ela possui um quadro branco móvel que atende bem às necessidades. Sobre o *layout* (distribuição de espaços, mobiliário e equipamentos), este é funcional⁴².

1.1.1.1.2 - Indicador Acervo

Quanto ao indicador "Acervo", possui um acervo de 15.000 livros e 1000 revistas em bom estado de conservação. A escola não faz assinatura de revistas e o acervo só é renovado com doações de revista. Quanto a jornais, ela possui três

⁴¹ Nestes critérios há três opções de condições para cada um deles, a saber: Boas, Médias e Ruins.

⁴² Três são as opções: Funcional, Pouco funcional e Nada funcional.

assinaturas, sendo o *Vale da Eletrônica* e o *Folha de São Paulo* (semanais) e o *Empório* (mensal). Possui quatro títulos de enciclopédia e 120 (cento e vinte) dicionários. Possui cinco volumes de almanaques, sendo três almanaques do Brasil e do Mundo, porém todos eles são até o ano de 2002 e não é adquirido mais almanaques. Segundo a PEUB X, não há muito interesse por parte dos alunos nestes materiais por causa de tecnologias como a internet. No que se refere a Outros materiais⁴³, tem-se que apenas o número de gibis é insuficiente, sendo os outros suficientes. Ainda segundo a PEUB X, os gibis são muito procurados e por seu material ser de fácil desgaste, acabam estragando rápido.

Quanto ao número de livros por alunos este é de cinco *per capita*. Tanto o equilíbrio entre os assuntos e entre séries ou faixa etária dos alunos, quanto o estado de conservação - como condições gerais do acervo - é bom⁴⁴. Quanto à categoria frequência de utilização temos que ela é muito usada pelos alunos e razoavelmente usada pelos professores⁴⁵. Quanto ao descarte de material⁴⁶, ele é realizado sistematicamente duas vezes por ano, sendo que sempre é procurado o melhor destino para este, ou seja, ou doa-se o material para outras bibliotecas que queiram/precisem ou se recicla, mas nunca vai para o lixo.

A Escola não conta com uma comissão de seleção do acervo⁴⁷, sendo a solicitação feita pelos professores e/ou pela PEUB X diretamente para a diretora. Nesta questão a escola, através do Projeto Alfabetização e Letramento: GDP “Como é que se escreve?”, dispõe de uma parte da verba do projeto especificamente para a

⁴³ Na categoria Outros materiais estão incluídos gibis, atlas, mapas, DVDs, CDs e materiais para contação de histórias, havendo duas classificações para o quantitativo, a saber: Em quantidade suficiente e Em quantidade insuficiente.

⁴⁴ Em primeiro lugar é importante esclarecer que a “categoria” Condições gerais do acervo conta com três opções (Bom, Razoável e Ruim). Em segundo lugar, reforço aqui que, como já informado, ainda que os parâmetros do GEBE seja o referencial teórico principal para esta parte de observação/caracterização das bibliotecas escolares, ele será usado com adaptações, como, por exemplo, agora está sendo feito, pois esta parte Condições gerais do acervo e algumas que vem a seguir estão nele colocados entre os indicadores Computadores com acesso à internet e a categoria Organização do acervo, mas eu vou descrever minhas observações deixando o indicador Computadores com acesso à internet após o indicador Organização do acervo e antes do indicador Serviços e atividades, por entender que gera uma melhor linearidade no texto dada à proximidade dos assuntos. Informo também que não consta no referencial a palavra categoria e, por isto, neste rodapé, a primeira vez que a usei, o fiz entre aspas. Como o referencial só nomeia os indicadores e, como eles são extensos houve necessidade de separá-los para melhor detalhamento e, portanto, chamei de categorias.

⁴⁵ Em frequência de utilização as possibilidades de respostas são: Muito usada, Razoavelmente usada e Pouco usada.

⁴⁶ Realizado sistematicamente, Realizado de vez em quando e Não realizado são as alternativas para a categoria Descarte de materiais.

⁴⁷ Sobre a categoria Comissão de seleção de acervo, três são as possibilidades: Existe e se reúne regularmente, Existe e se reúne raramente e Não existe.

aquisição de livros. Este projeto já vigora há quatro anos. Ressalta-se que a Lei n.º 12.244/2010, define no parágrafo único do segundo artigo que se deve ter, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, sendo de responsabilidade de cada Sistema de Ensino ampliar o acervo.

1.1.1.1.3 - Indicador Organização do Acervo

Quanto ao Indicador “Organização do acervo”, no que se refere ao tombamento/registro⁴⁸, a Biblioteca Escolar X tem todo seu acervo tombado/registrado em livros de tomo separado por assunto. Quanto à informatização do catálogo⁴⁹, tem-se que este não está informatizado.

1.1.1.1.4 - Indicador Computadores com acesso a internet

Quanto ao indicador “Computadores com acesso à internet”, Biblioteca Escolar X conta com um computador para uso da PEUB X e um para uso dos alunos e professores, porém, ambos, não estão acessados com a rede mundial de computadores⁵⁰. Eles já estão devidamente instalados aguardando a ida dos técnicos para efetuar esta operação.

1.1.1.1.5 - Indicador Serviços e Atividades

No que se refere ao indicador “Serviços e atividades”, há disponibilidade para consulta no local e para empréstimo domiciliar⁵¹. Para a comunidade escolar o acesso à Biblioteca Escolar X é permitido e o empréstimo se dá pela ficha do aluno. Quanto à orientação individual a pesquisa⁵², ela só é prestada quando solicitada pelo aluno, sendo que a maioria já vem orientada pelo professor sobre a execução do trabalho. Tem-se também a orientação coletiva à pesquisa⁵³, porém é mais raro do que a individual.

⁴⁸ Na categoria Tombamento/registro tem-se: Todo o acervo é tombado/registrado ou Parte do acervo é tombado/registrado ou O acervo não é tombado/registrado.

⁴⁹ Na categoria Informatização do catálogo as opções são: Todo o acervo está inserido em catálogo informatizado ou Parte do acervo está inserido em catálogo informatizado ou Não há catálogo informatizado.

⁵⁰ Informação obtida na etapa de observação *in loco*.

⁵¹ Para as categorias Consulta no local e Empréstimo domiciliar, têm-se duas opções: Sim ou Não.

⁵² Aqui duas são as opções: Tem ou Não tem.

⁵³ Idem.

Sobre visitas orientadas⁵⁴, tem e é realizada no início do ano. A Biblioteca Escolar X não tem folheto/guia da biblioteca⁵⁵. Tem Contação de histórias⁵⁶. Sobre a divulgação de novas aquisições⁵⁷, tem e esta é feita através de bilhetes para os professores que repassam as informações aos alunos. Quanto ao boletim informativo⁵⁸, a Biblioteca Escolar X não tem um próprio, e faz uso, quando necessário, do boletim da Escola. Sobre feira de livros⁵⁹, a escola não teve este ano porque não houve como organizá-la devido a outras demandas.

1.1.1.1.6 - Indicador Pessoal

Para o indicador “Pessoal”, quanto ao nível de formação⁶⁰ do responsável⁶¹ e número de funcionário/auxiliares por turno tem-se que no primeiro turno a Biblioteca Escolar X fica sob a responsabilidade de uma funcionária administrativa e da professora de Língua Portuguesa que é a responsável pelo GDP. Já no segundo turno fica sob a responsabilidade de uma professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Licenciada em Pedagogia, que exerce a função de Professora para o Ensino e o Uso da Biblioteca - PEUB X. Portanto, tem-se que a profissional com o nível de formação adequado é a do turno vespertino, pois no turno da manhã ainda que se tenha uma professora com Licenciatura em Letras com Habilitação em Português, Inglês e suas Literaturas que cuida da Biblioteca Escolar X, ela não está à disposição em tempo integral e a outra é uma funcionária administrativa.

1.1. 2 – Caracterização da Escola Y

A Escola Y foi fundada em janeiro de 1961. Até 1986, oferecia apenas o Ensino Fundamental (antigo 1º Grau). No ano seguinte, através do Decreto Estadual passou a oferecer também o 2º Grau. Ou seja, a Escola Y oferece dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Apesar de estar localizada próximo ao centro da cidade, seu entorno apresenta graves problemas socioeconômicos. A estrutura física é precária. Não possui Quadra poliesportiva. Possui Biblioteca e

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

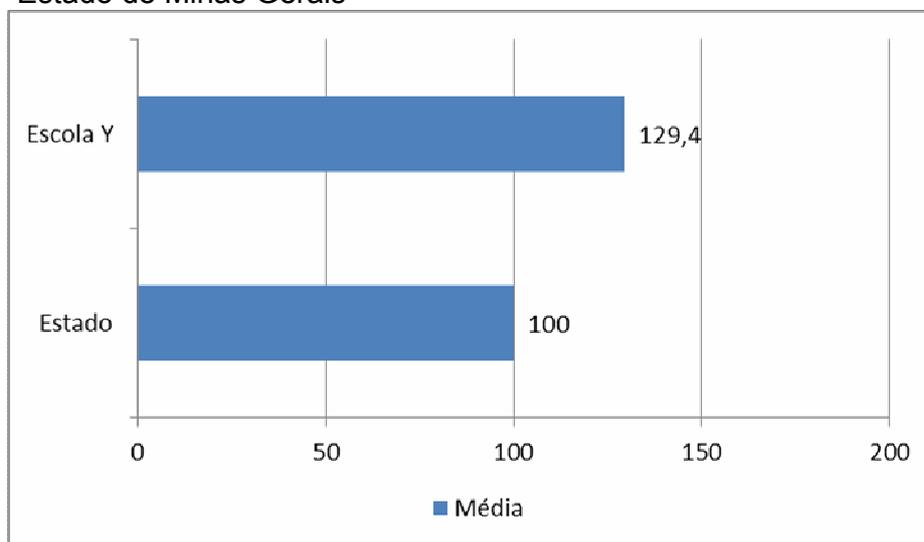
⁶⁰ Neste ponto é preciso deixar claro que não há na Educação Básica Estadual em Minas Gerais concurso para profissionais formados em Biblioteconomia exercer a função.

⁶¹ Aqui as opções são: Adequada; Pouco adequada; e Inadequada.

Laboratório de informática. A Escola Y conta com trinta salas de aula distribuídas em dois pavimentos. A diretora está há pouco tempo no cargo (21/01/2012), porém antes estava na função de vice-diretora.

Considerando os fatores extraescolares será apresentado agora o Índice Socioeconômico da Escola Y nos anos de 2009 e 2010. Pela Revista Contextual do SIMAVE/PROEB, em 2009 a Escola Y apresentou média superior à média do Estado. Na escala que vai de 0 a 200, sua média foi 129,4 e a do Estado foi 100 (Gráfico 6).

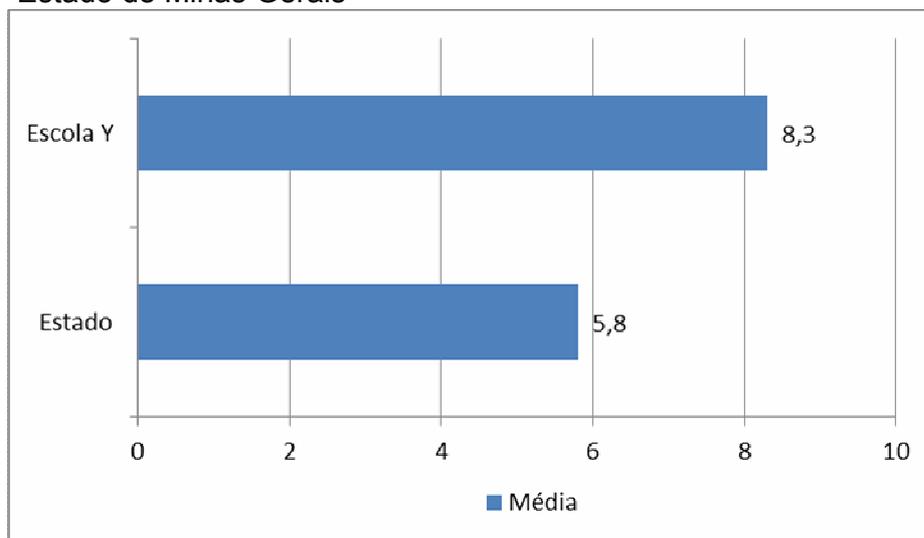
Gráfico 6 - Índice Socioeconômico em 2009 da Escola Y e do Estado de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

Conforme descrito, em 2010 houve alteração na escala do índice, permanecendo seu valor inicial e sendo 10 o valor limite superior. Neste ano, a Escola Y superou novamente a média do Estado. O resultado daquela foi de 8,3 enquanto deste foi de 5,8 (Gráfico 7).

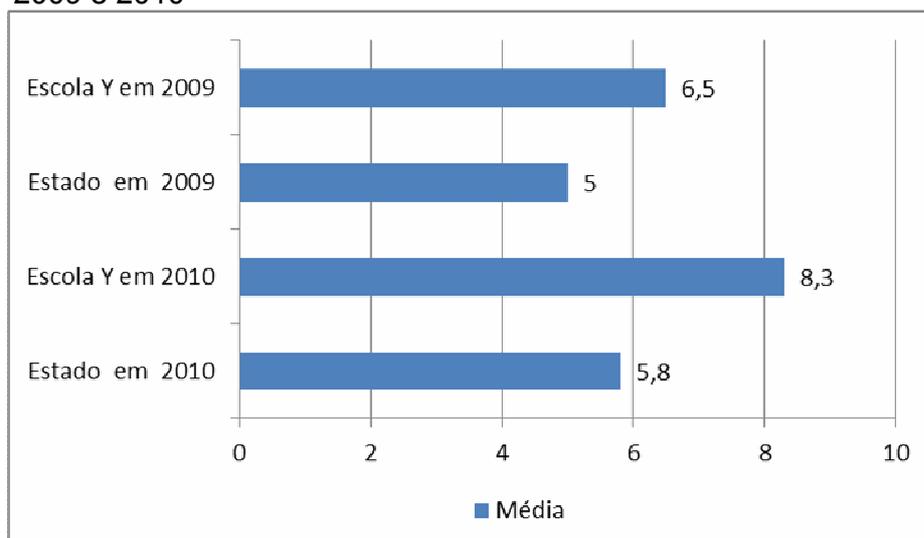
Gráfico 7 - Índice Socioeconômico em 2010 da Escola Y e do Estado de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

Para comparar os anos 2009 e 2010, será necessário realizar o cálculo conforme procedimento usado para trabalhar os dados para a Escola X. Ou seja, será convertida a escala do ano de 2009 para os mesmos valores da escala de 2010. Tem-se, assim, para o ano de 2009, média de 5,0 para o Estado e de 6,5 para a Escola Y numa escala de 0 a 10 (Gráfico 8).

Gráfico 8-Índice Socioeconômico da Escola Y e do Estado MG em 2009 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

1.1.2.1 – Conhecendo a Biblioteca Escolar Y

Não encontrando nenhuma referência à Biblioteca Escolar e sua forma de uso nos documentos (PPP e Regimento Escolar) da Escola Y, foi perguntado à Diretora Y⁶² sobre o assunto. Esta informou não haver um PPP atual. O que a Escola tem é datado de 2008.

A Biblioteca Escolar Y funciona nos turnos⁶³ matutino e vespertino, mas não funciona durante o horário do recreio. Também fecha das 11h45min às 12h15min, devido à mudança de turno conforme organização do tempo e espaço escolar⁶⁴. De manhã fica sob a responsabilidade de uma Professora para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB) que tem formação em Pedagogia e a tarde fica sob a responsabilidade de outra PEUB com Normal Superior.

1.1.2.1.1 - Indicador Espaço Físico

No “indicador Espaço físico”, quanto ao critério localização dentro do espaço da Escola Y, tem-se que sua localização é inadequada, pois se encontra muito próxima ao local do recreio, o que torna o nível de ruído muito alto. Sua construção ocupa uma área de 82,5m².

No que se refere às Condições de Iluminação, Ventilação e Estética, a Biblioteca Escolar Y tem condições médias de iluminação, de ventilação e de estéticas. Já quanto as Condições de Limpeza, Acessibilidade e Segurança, todas são boas, e, tratando especificamente das duas últimas, tem-se que a Biblioteca está localizada no térreo e tem alarme. Embora possua alarme, segundo informações do vice-diretor do turno da manhã não houve ocorrências de furto ou roubo desde o ano de 2007 - ano em que o mesmo ingressou na Escola Y.

Quanto aos espaços existentes para usuários, o local para atendimento ao público tem bom tamanho, bem como o espaço para leitura e pesquisa. Porém não há um ambiente específico para leitura infantil. Assim o espaço para leitura e pesquisa e para leitura infantil é o mesmo. Não há cabines e salas individuais para estudo e nem espaço para atividades audiovisuais. Não há espaço para

⁶² Parte da entrevista concedida pela Diretora da Escola Y em 03/09/20120.

⁶³ Funciona no turno noturno, mas neste não atende ao nível de ensino objeto desta Dissertação.

⁶⁴ Pelo referencial GEBE, há três opções de “Horário de funcionamento” que são: Regular em todo horário de funcionamento da escola; Regular que exclui apenas o horário de recreio; e Irregular que depende da disponibilidade de pessoal. A Biblioteca Escolar Y será enquadrada na segunda opção “Regular que exclui apenas o horário do recreio” porque apesar dela não funcionar no intervalo entre os turnos, ela funciona em todo dia letivo então não fica caracterizada na terceira opção “Irregular que depende da disponibilidade de pessoal”.

computadores, o Laboratório de informática localiza-se também no térreo. O espaço para o acervo é bom, contudo todo fim de ano com a devolução dos livros didáticos a Biblioteca Escolar Y fica sobrecarregada e o espaço se torna pequeno. Quanto ao espaço existente para os funcionários, ele é adequado para o exercício profissional, dotado de mesa de escritório, cadeira giratória e mesa de computador.

Em relação ao mobiliário e equipamentos a biblioteca conta com sete mesas com quatro cadeiras confortáveis cada uma, ou seja, com 28 (vinte e oito) assentos para acomodar os usuários. Para os funcionários não há balcão de atendimento, mas mesa. Segundo a PEUB YT, esta é funcional, pois facilita o atendimento.

Possui onze estantes para os livros. Não há estantes expositoras e nem guarda volume. Não tem nem televisão e nem reproduzidor de DVD/CD na Biblioteca, sendo que há na escola um armário móvel com os devidos equipamentos e estes são deslocados para onde houver necessidade. Os mapas cartográficos ficam expostos na parede. A Biblioteca não tem quadro mural, impressora, scanner, máquina fotográfica, filmadora, telefone e nem quadro negro/quadro branco. Sobre o *layout* (distribuição de espaços, mobiliário e equipamentos), este é pouco funcional.

1.1.2.1.2 - Indicador Acervo

Quanto ao indicador “Acervo”, possui um acervo de 5.000 livros de literatura em bom estado de conservação. Em entrevista com a Diretora Y foi-lhe perguntado se havia assinaturas de revistas e jornais para a biblioteca. Ela afirmou que a Escola assina duas revistas, a “Nova Escola” e a “Época” e que estas assinaturas vem de antes dela assumir a direção. Fez menção às Revistas de Conteúdos Curriculares que a Escola recebe do Estado. Informou também que não há assinaturas de jornal. No que se refere a Outros materiais, não há revistas em quadrinhos (gibis) compradas pela escola. Em Condições gerais do acervo, o equilíbrio entre assuntos é razoável, entre séries ou faixa etária dos alunos é ruim, pois há mais exemplares de literatura infanto-juvenil e pouco infantil. Quanto ao estado de conservação é bom.

Quanto à categoria frequência de utilização, tem-se que ela é muito usada pelos alunos, principalmente pelos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e razoavelmente usada pelos professores. Quanto ao descarte de material, esta ação não é realizada. A escola não conta com uma comissão de seleção do acervo.

1.1.2.1.3 - Indicador Organização do Acervo

Sobre o Indicador “Organização do acervo”, no que se refere ao tombamento/registro, a Biblioteca Escolar Y tem todo seu acervo registrado em cadernos separados. Sendo este ainda catalogado em fichas catalográficas específicas, como por exemplo, Didático, Literatura. Quanto à informatização do catálogo, tem-se que este não está informatizado. Veja a seguir o motivo desta ausência.

1.1.2.1.4 - Indicador Computadores com acesso a internet

Quanto ao indicador “Computadores com acesso a internet”, a Biblioteca Escolar Y conta com um computador já defasado. Este tem pouca memória e não dispõe de acesso à internet. Portanto, nem as PEUB e nem os alunos tem computador com acesso à rede mundial de computadores.

1.1.2.1.5 - Indicador Serviços e Atividades

No que se refere ao indicador “Serviços e atividades” oferecidas, há disponibilidade para consulta no local e para empréstimo domiciliar. Quanto às orientações individuais e coletivas de pesquisa, há orientação individual, mas não há orientação coletiva.

No início do ano ocorrem visitas dos alunos à Biblioteca Escolar Y, estas são orientadas pela PEUB. A PEUB explica aos alunos como é a biblioteca e como funciona.

A Biblioteca Escolar Y não tem folheto/guia da biblioteca. Também não tem “Contação de histórias”. A divulgação de novas aquisições é feita diretamente para o professor que repassa as informações aos alunos.

Quanto a boletim informativo, mural, exposições, clube de leitura, feira de livros, encontro com escritores, palestras, apresentações artísticas, concursos/premiações, oficinas, blog/site a biblioteca não tem nenhum destes itens/categorias. A PEUB planejou realizar este ano uma Oficina Vila Lobos, mas não conseguiu empreendê-la por acúmulo de atividades, como tirar xérox, suprir carência de outros profissionais.

Neste ponto é importante ressaltar que houve alteração das profissionais responsáveis pela Biblioteca Escolar Y, tanto no turno da manhã, quanto no turno da tarde. Quando teve início, em dezembro de 2011, as visitas às Escolas X e Y para

observação *in loco*, a PEUB do turno da tarde da Escola Y, formada em Normal Superior, foi quem planejou a Oficina acima referida e quem também deu as respostas sobre os Indicadores GEBE. Ela se aposentou em março de 2012. A PEUB do turno da manhã também da Escola Y, formada em Pedagogia, continua trabalhando na Escola Y, porém mudou de função⁶⁵. O trabalho das novas PEUB será visto no capítulo 2, principalmente no que se refere ao Indicador em estudo. Será visto no próximo indicador a formação das atuais PEUB.

1.1.2.1.6 - Indicador Pessoal

Para o indicador “Pessoal”, quanto ao nível de formação do responsável e número de funcionário/auxiliares, a Biblioteca Escolar Y tem uma PEUB por turno. O nível de formação das atuais responsáveis pela Biblioteca Escolar Y, tanto de manhã, quanto da tarde é adequado porque ambas são Licenciadas em Letras com habilitação em Português e Inglês e suas Literaturas.

Ainda que, estas profissionais não sejam formadas em Biblioteconomia, a formação em Licenciaturas (no caso da Escola Y em Letras e, no caso da Escola X em Pedagogia), dentro da realidade educacional pública estadual mineira, pode ser considerada adequada para o trabalho na Biblioteca Escolar, pois esta deve ser um espaço privilegiado de aprendizagem.

Somente em 24 de maio de 2010 é que tivemos a publicação de uma lei federal que dispõe sobre a universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino. Em Minas Gerais, o Edital SEPLAG/SEE Nº. 01 /2011, de 11 de julho de 2011 é prova de que, até o presente momento, não existe a possibilidade de que as Bibliotecas das Escolas Estaduais de Minas Gerais possam contar com o profissional formado em Biblioteconomia, pois não foram previstas vagas para esta profissão e ainda as únicas duas vezes em que a palavra Biblioteca aparece no edital é nas atribuições dos cargos de Assistente Técnico de Educação Básica – ATB Nível I Grau A e de Assistente Técnico Educacional – ATE Nível I Grau A, sendo uma de suas atribuições “auxiliar na organização, manutenção e atendimento em biblioteca e sala de Multimeios”. Para estes cargos a escolaridade mínima exigida é: a) Assistente Técnico de Educação Básica “diploma de curso técnico

⁶⁵ Posteriormente, na etapa de entrevistas semiestruturadas, ela aceitou ser entrevista para falar da experiência que adquiriu na função de PEUB. Doravante, ela será designada pela nomenclatura EX PEUB YM.

legalmente reconhecido em Administração, ou Contabilidade, ou Informação e Comunicação (Informática para Internet, Manutenção e Suporte em Informática, Redes de Computadores), ou Secretaria Escolar, ou Gestão e Negócios, ou Magistério/Normal, expedido por instituição de ensino credenciada” e para o cargo de Assistente Técnico Educacional “diploma de curso técnico legalmente reconhecido em Administração, ou Contabilidade, ou Informação e Comunicação (Informática para Internet, Manutenção e Suporte em Informática, Redes de Computadores), ou Gestão e Negócios, ou Magistério/Normal, expedido por instituição de ensino credenciada”.

Portanto, dada a especificidade do trabalho pedagógico a ser realizado nas Bibliotecas Escolares, ter professores formados em Pedagogia, Normal Superior ou Letras exercendo a função de PEUB é a melhor opção, visto a necessidade do trabalho com gêneros textuais bem como a ludicidade que deve estar presente na atuação dos profissionais que tiverem a responsabilidade do trabalho na Biblioteca Escolar.

Assim como o presente trabalho tem como perspectiva identificar possíveis experiências de sucesso que estejam sendo desenvolvidas nas unidades escolares em análise para que possam ser disseminadas para outras unidades foi feito a caracterização das Escolas e de suas respectivas Bibliotecas para, no capítulo 2 analisá-las com embasamento de teóricos diversos que estudam a Biblioteca Escolar e sua relação com a aprendizagem e, assim, buscar o objetivo almejado de saber se a gestão das Bibliotecas Escolares proporciona o uso destas como recurso pedagógico favorecendo o processo ensino-aprendizagem.

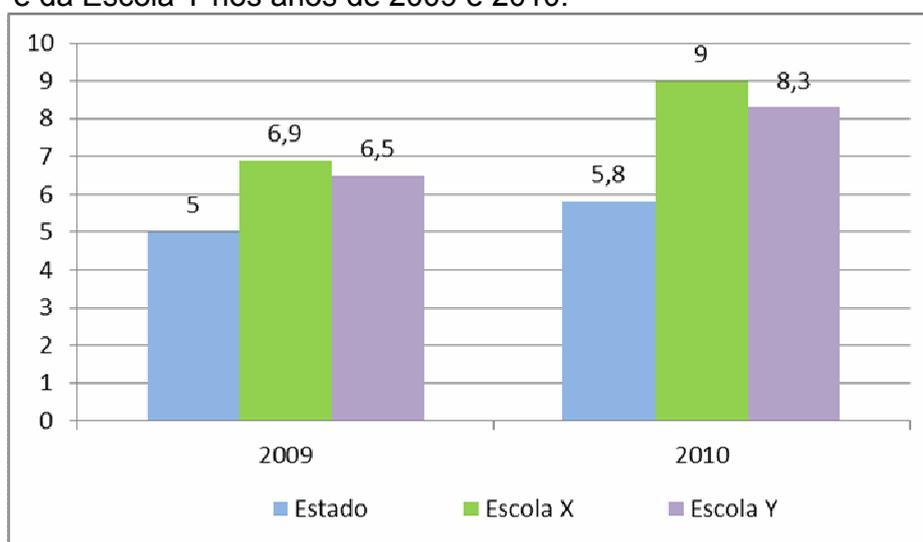
1.2 - Comparativo de Fatores Extras Escolares, das Avaliações Externas Estaduais e do IDEB

1.2.1 - Comparativo de Fatores Extras Escolares

As duas escolas pesquisadas possuem média de nível socioeconômico melhor do que a média da rede estadual tanto em 2009 quanto em 2010. Tem-se também que a Escola X apresenta média superior à Escola Y tanto em 2009, quanto em 2010. Ainda que este não seja de todo um fator determinante para a qualidade do ensino, também não pode ser de todo desconsiderado (Gráfico 9). Para se ter

mais materiais para análise comparar-se-á os resultados das Escolas X e Y nas avaliações externas do PROALFA e PROEB, sempre no que se refere ao Ensino Fundamental. O primeiro é relevante para esta Dissertação porque foca na alfabetização e um dos pressupostos desta é que a alfabetização pode ser favorecida por um trabalho colaborativo do regente de turma⁶⁶ com a PEUB. Outro pressuposto é que uma boa alfabetização reflete positivamente no restante da escolarização. Serão analisados também os resultados do IDEB. Trazer todos estes resultados de forma comparativa tem como fundamento averiguar a possibilidade da Biblioteca Escolar estar sendo ou não usada como recurso pedagógico.

Gráfico 9 – Índice Socioeconômico (Média) do Estado, da Escola X e da Escola Y nos anos de 2009 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da Revista Contextual do SIMAVE/PROEB.

Conforme ressaltado, houve uma alteração na escala do Índice Socioeconômico de 2009 para 2010. Observa-se que a média do total das escolas estaduais mineiras sofreu pouca alteração tendo um modesto crescimento de 16%. Já as Escolas pesquisadas tiveram aumentos mais perceptíveis de 2009 para 2010. A Escola X apresentou crescimento de 30% enquanto a Escola Y apresentou crescimento de aproximadamente 28%, o que a coloca num nível socioeconômico praticamente igual ao da Escola X (Gráfico 9).

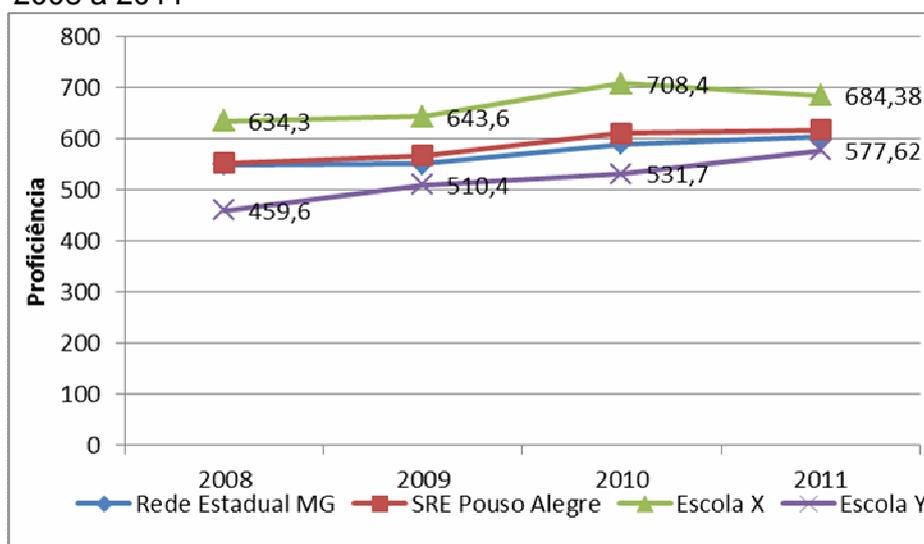
⁶⁶ Em Minas Gerais, na rede estadual, o professor que leciona para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental é nomeado como Regente de Turmas, enquanto os que trabalham nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio é nomeado de Regente de Aulas.

1.2.2 - Comparativo das Avaliações Externas Estaduais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

As avaliações externas no país já estão sistematizadas e consolidadas que não há mais que se questionar o porquê de se ter ou não avaliações externas dos sistemas educacionais. Outras podem ser as discussões em torno do tema, mas que aqui não vem ao caso iniciá-las. Nesta dissertação busca-se usar estes indicadores com o objetivo de comparar os resultados educacionais das Escolas X e Y e tentar estabelecer uma relação com o processo de aquisição da leitura e escrita e, assim, fazer uma ponte deste com o uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico favorecedor deste processo.

Posto tudo isto, analisar-se-á os gráficos 10 a 15 tentando extrair a realidade que os dados mostram.

Gráfico 10 – Evolução das médias de proficiência no PROALFA de 2008 a 2011



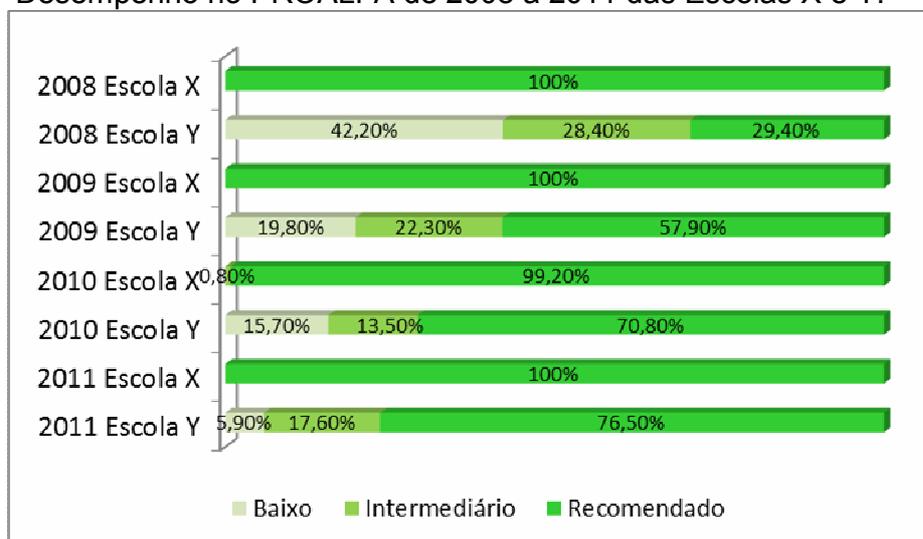
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufff.net/simave/proalfa/home.faces>

No gráfico 10, observa-se que a SRE Pouso Alegre encontra-se numa posição melhor do que a do Estado, embora a diferença não seja tão elevada. Como este gráfico trata da evolução das médias de proficiência no Proalfa de 2008 a 2011, pode-se dizer que a Escola X, juntamente com outras escolas, com seus bons resultados ajudou a elevar a média da SRE Pouso Alegre. Por outro lado, vê-se que a Escola Y está com a média de proficiência no Proalfa de 2008 a 2011, abaixo das médias da Escola X, da SRE Pouso Alegre e do Estado.

Analisado isoladamente a Escola Y vê-se que ela apresentou tendência de crescimento chegando quase a alcançar a média do Estado e da SRE Pouso Alegre. Por outro lado, a Escola X ainda que possua as médias mais altas das categorias analisadas manteve crescimento até o ano de 2010 no qual teve um excelente resultado que fez com que o resultado do ano posterior, ainda que maior que os dois primeiros anos da série histórica analisada, ficasse abaixo do ano de 2010, iniciando uma queda no resultado médio. Ainda sim, a Escola X continuou acima dos outros três analisados (Gráfico 10).

Tomando o ano 2008 como ano-base e calculando o crescimento em relação apenas ao último ano da série histórica – 2011-, temos que a Escola X apresenta aproximadamente 8% de crescimento enquanto a Escola Y apresenta aproximadamente 26% de crescimento. Veja agora a análise da evolução do percentual de alunos por padrão de desempenho⁶⁷ no Proalfa na mesma série histórica (Gráfico 11)

Gráfico 11 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROALFA de 2008 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proalfa/home.faces>

⁶⁷ A Escala de Proficiência do SIMAVE/PROALFA vai de 0 (zero) a 1000. O Nível Baixo vai de 0 a 450. O Nível Intermediário vai de 450 até 500. E o Nível Recomendado vai de 500 a 1000. Os estudantes que apresentam padrão de desempenho baixo revelam ter desenvolvido competências e habilidades muito aquém do que seria esperado para o período de escolarização em que se encontram. Os que apresentam padrão de desempenho intermediário demonstram ter ampliado o leque de habilidades tanto no que diz respeito à quantidade quanto no que se refere à complexidade destas habilidades - as quais exigem um maior refinamento dos processos cognitivos. Os que apresentam padrão de desempenho recomendado revelam ser capazes de realizar tarefas que exigem habilidades mais sofisticadas, ou seja, desenvolveram habilidades esperadas para o período de escolaridade em que se encontram (MINAS GERAIS, 2011a, p. 49).

Na série histórica 2008-2011, a Escola X demonstrou um desempenho satisfatório no processo de alfabetização, pois com exceção do ano de 2010, 100% dos alunos do 3º ano encontravam-se no nível recomendado e, mesmo assim, o ano de 2010 não causa grande impacto negativo porque 99,20% dos alunos estavam no nível recomendado e apenas 0,80% no nível intermediário. Há que se fazer nota que em nenhum ano houve aluno no nível baixo (Gráfico 11).

A Escola Y apresenta crescimento do percentual de alunos no nível recomendado e, conseqüente, diminuição do percentual dos alunos nos outros níveis ao longo da série histórica, com exceção do ano de 2011 que houve aumento do percentual de alunos no nível intermediário, mas há que se fazer nota de que ainda sim, este percentual ficou abaixo do primeiro ano da série analisada. A Escola Y apresentou os seguintes percentuais no nível recomendado: 29,40% (2008), 57,90% (2009), 70,80% (2010) e 76,50% (2011). Como já dito, percebe-se crescimento ano a ano do percentual de alunos no nível recomendado. Veja qual foi o crescimento do percentual de alunos no nível recomendado ano a ano na série histórica 2008-2011. Tomando o ano de 2008 como ano-base, temos em 2009 um aumento de 97% de alunos no nível recomendado em relação a 2008. Da mesma forma se colocado 2009 como ano base, tem-se em 2010 um aumento de aproximadamente 22%. Ao usar 2010 como ano-base para estabelecer o crescimento no ano seguinte tem-se que em 2011 o crescimento foi de aproximadamente 8% (Gráfico 11).

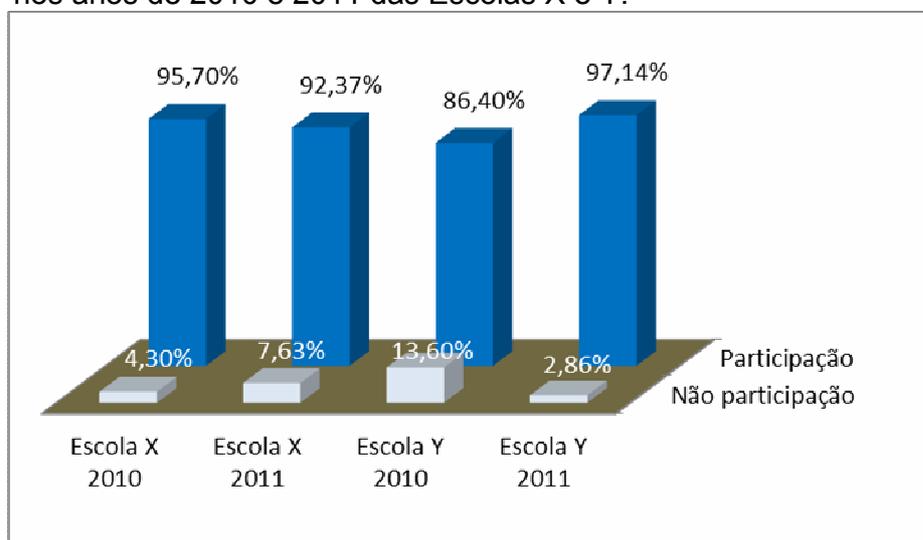
Será visto agora dados importantes, que é a participação em percentual dos alunos nos Proalfa. Estes dados se mostram fundamentais para ver o quantitativo de alunos que participaram da avaliação externa e o quantitativo que não participou do processo (Gráfico 12). Porém, não se tem os dados de 2008 a 2011, mas apenas dos anos de 2010 e 2011, o que traz certa limitação para a análise.

A importância da participação de todos os alunos nas avaliações se deve ao fato do resultado retratar mais “veridicamente” a realidade das turmas avaliadas dentro do que o Proalfa se propõe avaliar.

Em 2010, a Escola X tinha um quantitativo de 139 previsto para participação na avaliação. Deste quantitativo compareceram 133 (95,7%). Ou seja, apenas 6 (4,3%) alunos não participaram da avaliação. No mesmo ano a Escola Y tinha um quantitativo de 103 previsto para participação na avaliação. Deste quantitativo

compareceram 89 (86,4%) enquanto 14 (13,6%) alunos não participaram da avaliação (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Participação em percentual dos alunos no PROALFA nos anos de 2010 e 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proalfa/home.faces>

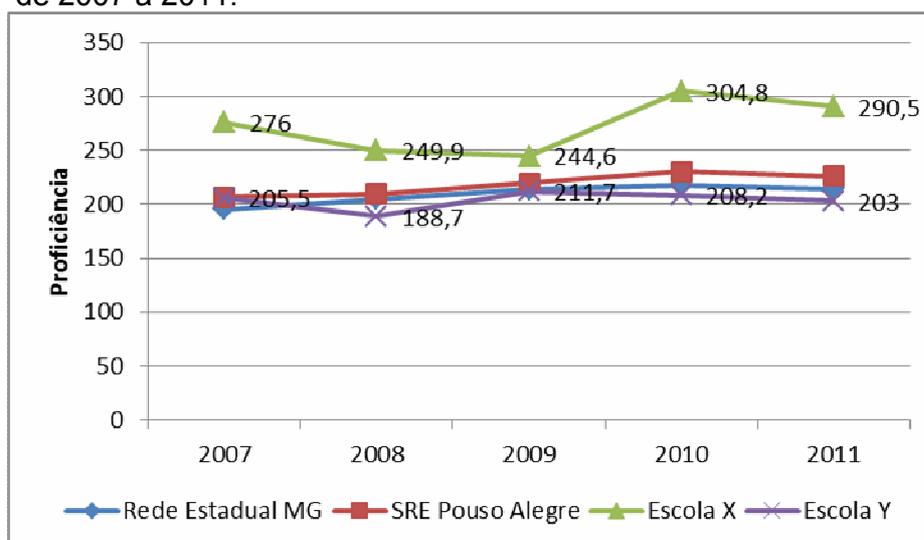
Em 2011, a Escola X tinha um quantitativo menor previsto para participação na avaliação - 118 alunos. Destes, 109 fizeram a avaliação (92,37%) enquanto 9 alunos não fizeram a avaliação (7,63%). Já a Escola Y em 2011 teve um aumento tanto no número de alunos previstos para a participação (105) quanto uma maior participação efetiva (102 alunos - 97,14%). Ou seja, na Escola Y apenas 3 alunos (2,86%) não participaram do Proalfa 2011 (Gráfico 12).

Dois pontos são dignos de nota no gráfico 12. Primeiro, o perceptível aumento da participação na Escola Y, de 89 alunos participantes de um total de 103 em 2010 para 102 alunos participantes de um total de 105 em 2011. Segundo, a Escola X ainda que tenha tido o percentual de participação reduzido de um ano para o outro, ainda sim o número de participantes, mesmo no ano de menor participação (109) – 2011-, é maior do que o da Escola Y (89 – 102) nos dois anos (2010 -2011).

Com isto encerra-se a comparação da participação das Escolas X e Y no Proalfa e inicia-se agora a comparação dos dados referentes ao PROEB. Esta comparação será somente com o conteúdo de Língua Portuguesa. Esta escolha foi feita por necessidade de recorte para que este estudo de caso não se desvie de seu objetivo. Como o PROEB ao eleger os conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa já promove um recorte nos Conteúdos Básicos Comuns (CBC) no

currículo dos estudantes da rede estadual mineira, optou-se então nesta pesquisa trabalhar apenas com o conteúdo de Língua Portuguesa. Este é um recorte que foi feito por ser necessário focar o trabalho de forma que não se tente abraçar todas as possibilidades e acabe havendo mais perdas do que ganhos no estudo de caso. De forma nenhuma se está aqui fazendo a defesa de que outros campos do conhecimento não possam usufruir da Biblioteca Escolar. Seria um erro tal afirmação. Feita esta explicação, segue a comparação dos resultados das Escolas X e Y no PROEB de Língua Portuguesa no 5º e 9º anos do Ensino Fundamental, bem como os IDEB Observados de 2007 a 2011 e Metas Projetadas de 2009 a 2013 para a 4ª Série/5º Ano do Ensino Fundamental e IDEB Observados de 2005 a 2011 e Metas Projetadas de 2007 a 2013 para a 8ª Série / 9º Ano do Ensino Fundamental das Escolas X e Y.

Gráfico 13 – Evolução das médias de proficiência no PROEB no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proebe/home.faces>

O gráfico 13 mostra uma oscilação na evolução das médias de proficiência em Língua Portuguesa no 5º Ano do Ensino Fundamental, tanto para a Escola X quanto para a Escola Y na série histórica 2007-2011. Percebe-se também que a média da rede estadual é levemente inferior à média da SRE Pouso Alegre. Vejamos ano a ano qual a diferença percentual entre as médias das Escolas X e Y.

Fazendo um comparativo ano a ano entre as médias das Escolas X e Y, tem-se que em todos os anos as médias da Escola X foram superiores às médias da Escola Y. Em 2007 a Escola X obteve média 34,3% superior à Escola Y, em 2008

32,4% superior, em 2009 15,5% superior, em 2010 46,4% superior e por fim, no último ano da série histórica (2011) a Escola X apresentou média 43,1% superior à média de proficiência no PROEB no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa obtida pela Escola Y (Gráfico 13).

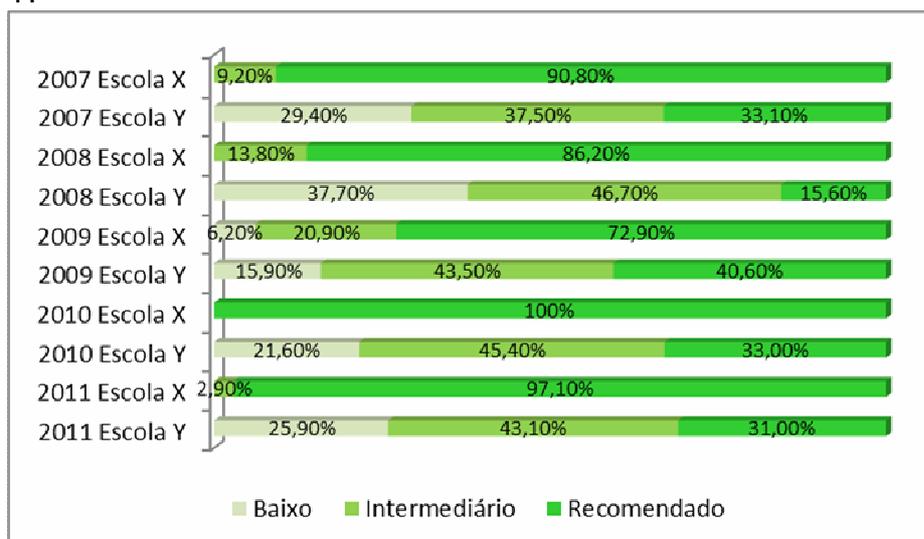
Poder-se-ia analisar o desempenho de cada escola individualmente ano a ano. Mas dado o comportamento oscilatório de ambas e, principalmente pelo fato de que a média obtida no último ano (2011) não se encontra tão diferente da média obtida no primeiro ano (2007), será observado se houve crescimento ou decréscimo em 2011 para cada escola tomando 2007 como ano-base. Desta forma percebe-se que a Escola X apresentou modesto crescimento de 5,25% enquanto a Escola Y apresentou decréscimo de 1.22% (Gráfico 13).

Veja agora como as Escolas X e Y apresentam padrão de desempenho⁶⁸ no PROEB na mesma série histórica (Gráfico 14). Observa-se que a Escola X vem apresentando bons resultados devido à alta porcentagem de alunos no nível recomendado em todos os anos da série. O resultado só não é mais satisfatório pelo fato de que em 2007 9,20% dos alunos do 5º ano encontram-se nível intermediário em Língua Portuguesa e que este percentual passou para 13,80% no ano seguinte e

⁶⁸ A Escala de Proficiência do SIMAVE/PROEB de Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Fundamental vai de 0 (zero) a 500 pontos e apresenta três níveis de desempenho. No Nível Baixo estão situados alunos com até 175 pontos. Neste nível os alunos manifestam habilidades que evidenciam autonomia de leitura de alguns gêneros textuais que circulam no contexto escolar e que apresentam temática familiar. Começam a desenvolver habilidades básicas de leitura, localizando informações explícitas, de elementos de narrativas e assunto. Realizam inferências de sentido, de palavra ou expressão, de uso de pontuação, de informações em texto com estrutura simples e de efeitos de humor, sendo capazes de identificar a finalidade de textos. Quanto à variação linguística, reconhecem expressões próprias da linguagem coloquial. O Nível Intermediário encontra-se na escala de proficiência entre 175 a 225 pontos Neste nível há indícios de apropriação de elementos que estruturam o texto, manifestada em operação de retomada de informações por meio de pronomes pessoais retos, por substituição lexical e por reconhecimento de relações lógico-discursivas no texto, marcadas por advérbios e locuções adverbiais e por marcadores de causa e consequência. Também fazem inferências de informações que estão implícitas nos textos, no sentido de palavras ou expressões, bem como no uso de pontuação e de situações de humor. No tratamento das informações globais identificam assuntos de temáticas familiares. No cotidiano interpretam textos situações relacionados à linguagem verbal e não verbal. Revelam ter contato mais intenso com eventos de letramento conseguindo identificar a finalidade de alguns textos que circulam na sociedade. Constroem relações de intertextualidade comparando textos de mesma temática. São capazes de mobilizar habilidades indo além das informações apresentadas superficialmente nos textos atingindo camadas mais profundas de significado. No Nível Recomendado, acima de 225 pontos, demonstram uma maior capacidade de interagir com textos de estrutura mais complexa e de temática menos familiar. Nos textos narrativos conseguem identificar personagens, o conflito gerador e o desfecho. Apropriam-se de elementos que estruturam o texto, realizam operações de retomada de informações por meio de pronomes demonstrativos, possessivos, por substituição lexical e por reconhecimento de relações lógico-discursivas no texto, marcadas por expressões adverbiais. Identificam interlocutores por meio de marcas linguísticas. Revelam ser um leitor mais maduro, capaz de lidar com uma maior gama de gêneros textuais (MINAS GERAIS, 2011b, p.38- 49).

aumentou ainda mais em 2009 alcançando 20,90% dos alunos. O ano de 2009 foi realmente atípico para a Escola X que pela primeira vez apresentou alunos no nível baixo (6,20%). Mas a escola no ano seguinte conseguiu recuperar-se e demonstrou desempenho satisfatório ao ter a totalidade dos alunos avaliados atingido o nível recomendado. Fato que não se repetiu no ano seguinte no qual 97,10% dos alunos atingiram o nível recomendado enquanto 2,90% permaneceram no nível intermediário. Por outro lado, a Escola Y apresenta em toda série histórica oscilação do percentual dos alunos distribuídos pelos três níveis do padrão de desempenho: baixo, intermediário e recomendado. Em todos os anos o nível com maior percentual de alunos é o nível intermediário.

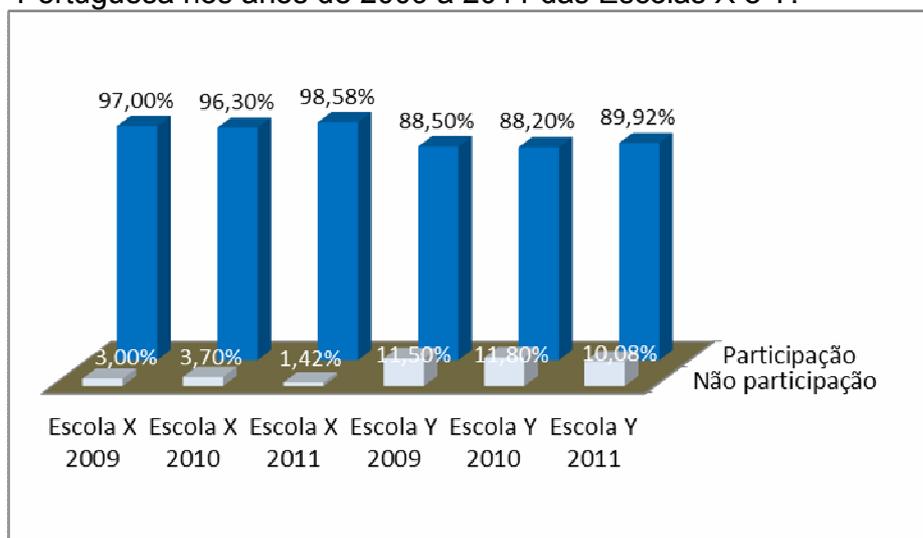
Gráfico 14 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROEB no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proebe/home.faces>

Veja agora a participação, em percentual, dos alunos das Escolas X e Y nas avaliações do PROEB para o 5º Ano no conteúdo de Língua Portuguesa entre os anos de 2009 a 2011 (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Participação em percentual dos alunos no PROEBE no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caeduff.net/simave/proebe/home.faces>

Ponto importante é a participação dos alunos no PROEBE. Para estas avaliações que ocorreram de 2009 a 2011 para o 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa, a Escola X apresentou em todos três anos percentual maior de participação do que a Escola Y (Gráfico 15). Tem-se também que a Escola X apresenta não apenas o maior quantitativo previsto de alunos para participação em todos os anos, mas também efetivamente a maior participação do que a Escola Y. Vejamos tabela 1.

Tabela 1 – Participação (número de alunos) no PROEBE no 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 da Escola X e da Escola Y

Ano	Número de Alunos	Escola X	Escola Y
2009	Previsto	133	78
	Efetivo	129	69
2010	Previsto	135	110
	Efetivo	130	97
2011	Previsto	141	129
	Efetivo	139	116

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caeduff.net/simave/proebe/home.faces>

Observando os dados em valores absolutos (Tabela 1) percebe-se um comportamento idêntico em ambas às escolas tanto no que se refere ao número de alunos previstos para participação na avaliação do PROEB, quanto no quantitativo dos alunos que efetivamente participaram desta avaliação. Este comportamento

refere-se tanto ao aumento do número de alunos previstos, quanto ao aumento da participação efetiva ano a ano. Por fim, para encerrar a comparação no que se refere aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental será visto agora o IDEB das Escolas X e Y.

1.2.3 - Comparativo do IDEB Observado e Metas Projetadas até 2013 para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental

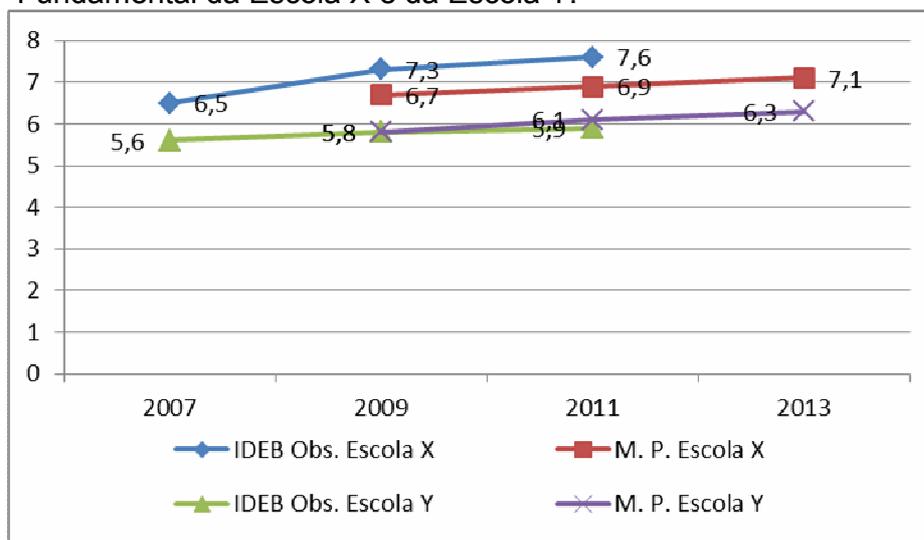
Relatar a importância do IDEB traz-nos a medida de porque usá-lo neste trabalho. Este índice foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O IDEB é um índice nacional que resulta da combinação de dois indicadores: o fluxo e o desempenho dos estudantes.

De modo mais concreto, ele associa dois indicadores já existentes: (a) a pontuação média dos estudantes em exames padronizados ao fim de determinada etapa da educação básica (4ª e 8ª séries/[5º e 9º Anos] do Ensino Fundamental); (b) a taxa média de aprovação dos estudantes da correspondente série de ensino. A pontuação média é dada pelos resultados da Prova Brasil, e a taxa média de aprovação, pelos dados do Censo Escolar (INEP, 2008, p. 20)

A Escola X apresenta excelente IDEB para a 4ª Série/5º Ano do Ensino Fundamental. Em 2007 foi observado um IDEB de 6,5. Para 2009 a meta projetada era de 6,7 e a Escola X alcançou IDEB de 7,3 superando, fato que se repetiu em 2011 quando a meta projetada era de 6,9 e a Escola X alcançou 7,6. Este último IDEB alcançado supera a meta projetada para 2013 que é de 7,1 (Gráfico 16).

Para a Escola Y foi observado um IDEB de 5,6 em 2007. Para o ano seguinte teve uma meta projetada de 5,8, meta que a escola alcançou. Fato que não se repetiu em 2011. Neste ano a meta era de 6,1 e o IDEB observado foi de 5,9, ficando, portanto, abaixo da meta. Para 2013 a escola tem uma meta de 6,3 (Gráfico 16).

Gráfico 16 - IDEB Observados de 2007 a 2011 e Metas Projetadas de 2009 a 2013 para a 4ª Série/5º Ano do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y.



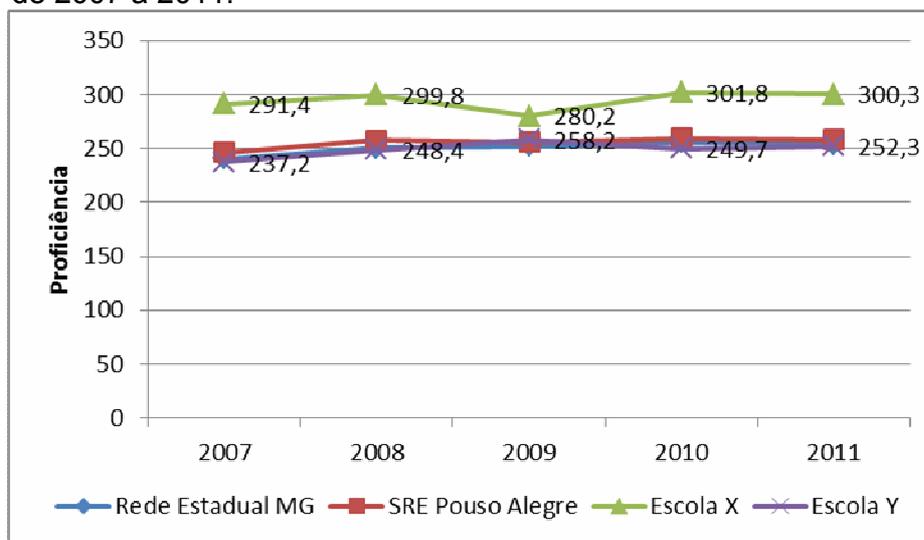
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>.

Fecha-se a trajetória dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com a observação do IDEB da 4ª Série/5º Ano. Agora será observado os Anos Finais do Ensino Fundamental. Este processo que será iniciado refere-se ao comparativo entre os resultados no PROEB do conteúdo de Língua Portuguesa para o 9º Ano das Escolas X e Y e será finalizado com as metas projetadas e os IDEB observados também da 8ª Série/9º Ano das Escolas X e Y.

1.2.4 - Comparativo das Avaliações Externas Estaduais nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Vê-se pelo gráfico 17 que Rede Estadual MG, a SRE Pouso Alegre e a Escola Y se encontram com médias de proficiência no PROEB no conteúdo de Língua Portuguesa no 9º Ano do Ensino Fundamental muito próximas durante toda série histórica 2007-2011. Segue agora análise dos resultados das Escolas X e Y, deixando de lado as médias da Rede Estadual MG e da SRE Pouso Alegre.

Gráfico 17 – Evolução das médias de proficiência no PROEB no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa de 2007 a 2011.

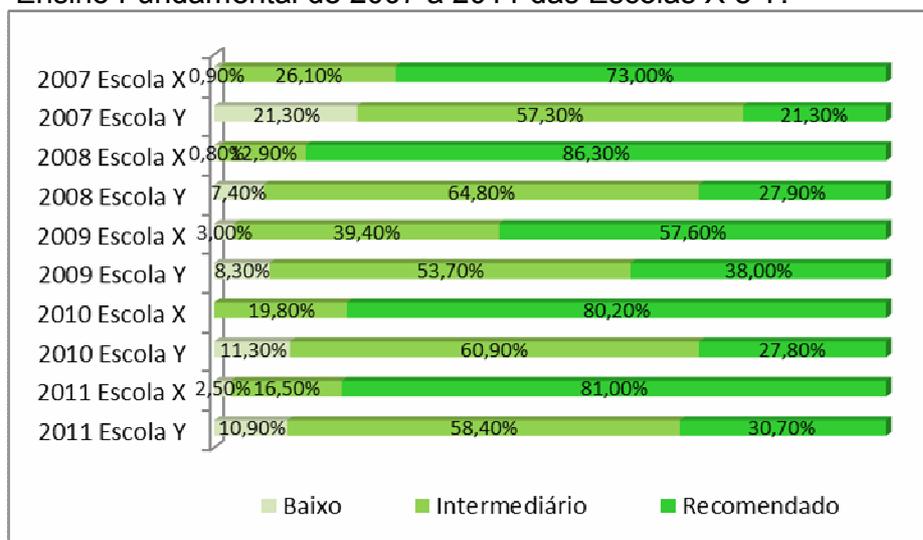


Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caeduffj.net/simave/proebe/home.faces>

A Escola X apresenta um comportamento oscilatório, ora apresenta crescimento, ora decréscimo. Ainda sim, há que se ressaltar que suas médias de proficiência no PROEB no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa na série história 2007-2011 apresentam-se sempre superiores às medias alcançadas pela Escola Y. Não será analisado o comportamento ano a ano. Considerando o ano de 2007 como ano-base com relação a 2011, vê-se que a Escola X apresentou crescimento de 3% (Gráfico 17). A Escola Y também apresenta comportamento oscilatório, porém com picos menos acentuados. Considerando o ano de 2007 como ano-base com relação a 2011, vê-se que a Escola Y apresentou 6,4% de aumento (Gráfico 17).

Será visto agora os resultados das Escolas X e Y por Padrão de Desempenho no PROEB de Língua Portuguesa no 9º ano do Ensino Fundamental. O período analisado será de 2007 a 2011 e importa saber o percentual de alunos nos níveis baixo, intermediário ou recomendado (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Evolução do Percentual de alunos por Padrão de Desempenho no PROEB de Língua Portuguesa no 9º ano do Ensino Fundamental de 2007 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caeduffj.net/simave/proebe/home.faces>

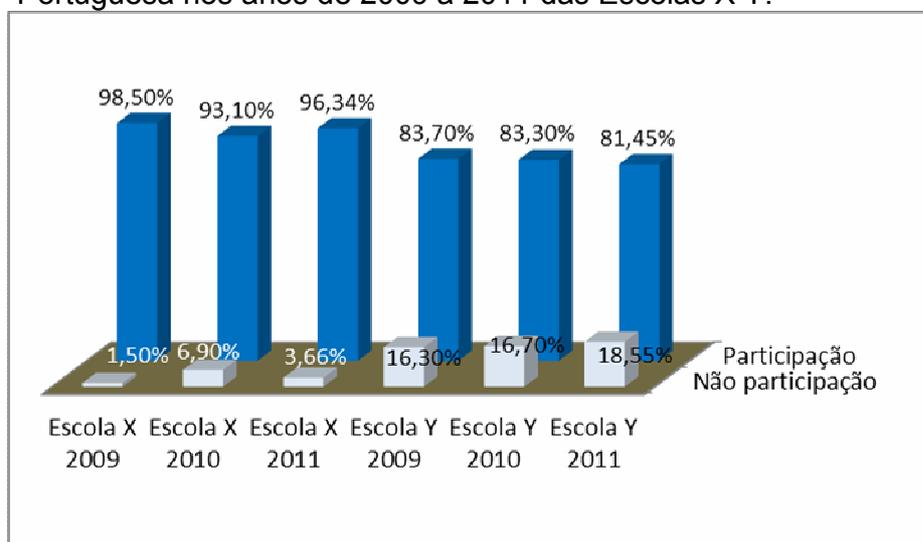
Embora a Escola X ainda apresente bons resultados percentual de alunos no nível recomendado, eles já não estão tão bons como foram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no Proalfa. No 9º ano, dos cinco anos da série histórica, em quatro ela apresenta percentual de alunos no nível baixo – ainda que seja um baixo percentual sendo de 3,00% (2009) o maior deles. Apresentemos os dados por nível (ano). A Escola X apresentou no nível baixo os seguintes percentuais de alunos: 0,90% (2007), 0,80% (2008), 3,00% (2009) e 2,50% (2011). No nível intermediário a Escola X apresentou os seguintes percentuais: 26,10% (2007), 12,90% (2008), 39,40% (2009), 19,80% (2010) e 16,50% (2011). No nível recomendado – nível mínimo que gostaríamos que todos os alunos de todas as escolas estivessem – são os seguintes percentuais: 73,00% (2007), 86,30% (2008), 57,60% (2009), 80,20% (2010) e 81,00% (2011) (Gráfico 18).

A Escola Y apresenta um comportamento um pouco diferenciado dos seus desempenhos no Proalfa e no PROEB do 5º Ano, pois, de modo geral, está menor o percentual de alunos no nível baixo. Sendo de 2009 o melhor desempenho com 38,00% dos alunos no nível recomendado e 8,30% no nível baixo. Apresentemos os dados por nível (ano). A Escola Y apresentou os seguintes percentuais de alunos no nível baixo: 21,30% (2007), 7,40% (2008), 8,30% (2009), 11,30% (2010) e 10,90% (2011). No nível intermediário a Escola Y apresentou os seguintes percentuais: 57,30% (2007), 64,80% (2008), 53,70% (2009), 60,90% (2010) e 58,40% (2011).

Com isto, consegue-se perceber que a maior parte dos alunos em todos os anos, encontra-se no nível intermediário. Veja agora o percentual de alunos no nível recomendado: 21,30% (2007), 27,90% (2008), 38,00% (2009), 27,80% (2010) e 30,70% (2011) (Gráfico 18).

O gráfico 19 traz o percentual de participação dos alunos do 9º ano no PROEB de Língua Portuguesa, durante os anos de 2009 a 2011. Como já dito, o melhor seria que houvesse 100% de participação para ter-se um retrato mais real da educação.

Gráfico 19 – Participação em percentual dos alunos no PROEBE no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 das Escolas X Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proebe/home.faces>

Observa-se uma elevada participação dos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola X nas avaliações do conteúdo de Língua Portuguesa no PROEB nos anos de 2009 e 2011. Já no ano de 2010 a não participação atingiu 6,90% dos alunos. Vê-se no referido gráfico que a Escola Y além de apresentar elevado percentual de não participação, este mostra uma tendência crescente conforme segue: 16,30% (2009), 16,70% (2010) e 18,55% (2011) (Gráfico 19). Veja agora os dados em valores absolutos (tabela 2).

Tabela 2 – Participação (número de alunos) no PROEBE no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2011 da Escola X e da Escola Y

Ano	Número de Alunos	Escola X	Escola Y
2009	Previsto	134	129
	Efetivo	132	108
2010	Previsto	174	138
	Efetivo	162	115
2011	Previsto	164	124
	Efetivo	158	101

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caeduff.net/simave/proebe/home.faces>

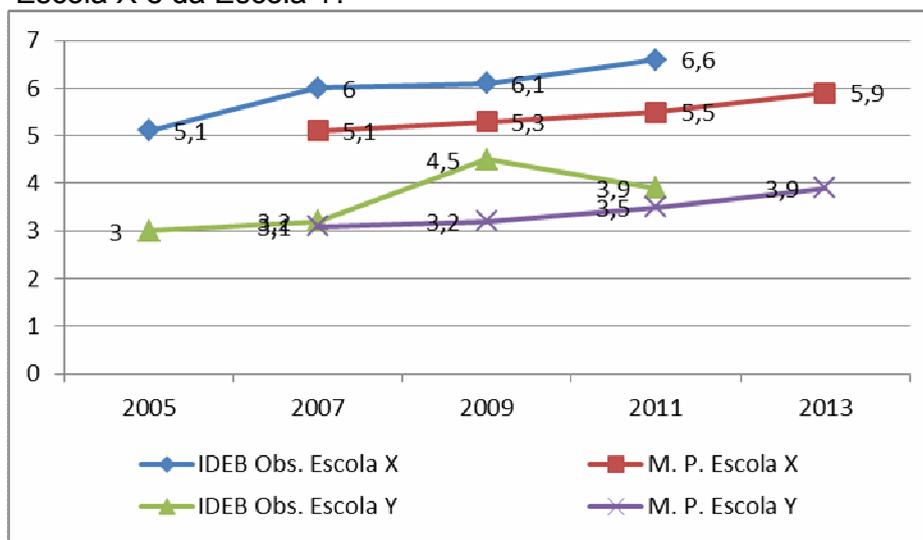
A tabela 2 mostra que a Escola X em todos os anos apresentou, não apenas o maior número de alunos previsto para participação no PROEBE no 9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa, como também apresentou em todos os anos participação efetiva maior em números absolutos do que a Escola Y.

Será agora analisado o IDEB Observado de 2005 a 2011 e com as Metas Projetadas 2007 a 2013 para a 8ª Série/9º Ano do Ensino Fundamental das Escolas X e Y (Gráfico 20). Com isto encerrar este subitem comparativo de índices socioeconômicos, avaliações externas e IDEB.

1.2.5 - Comparativo do IDEB Observado e Metas Projetadas até 2013 para os Anos Finais do Ensino Fundamental

O gráfico 20, que apresenta IDEB Observados de 2005 a 2011 e Metas Projetadas de 2007 a 2013 para a 8ª Série/9º Ano do Ensino Fundamental das Escolas X e Y, traz duas informações importantes se comparado com o gráfico 16. Primeira, as metas projetadas para ambas as escolas são inferiores às metas projetadas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Segunda, as duas escolas conseguiram superar todas as metas projetadas, fato que não aconteceu nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois neste a Escola Y alcançou uma meta não a superando no ano seguinte e posteriormente ficou abaixo da meta.

Gráfico 20 - IDEB Observados de 2005 a 2011 e Metas Projetadas de 2007 a 2013 para a 8ª Série/9º Ano do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>.

No gráfico 20 vê-se que a Escola X apresenta um excelente IDEB. Em 2005 ela já tinha o IDEB que constava como meta para 2007. Em todos os anos a Escola X vem superando e com folga a meta projetada. Seu IDEB de 2011 é de 6,6 e a sua meta projetada para 2013 é de 5,9.

A Escola Y também apresentou bom desempenho no IDEB para 8ª Série/9º Ano do Ensino Fundamental. Seu primeiro IDEB em 2005 foi de 3,0. Sua meta para 2007 era 3,1 e superou a meta ficando com 3,2. Em 2009 tinha uma meta de 3,2 e, mais uma vez, superou a meta e ficou com 4,5. Em 2010, sua meta era de 3,5 e, apesar de apresentar decréscimo em relação ao ano anterior, ainda conseguiu superar a meta ficando com 3,9 – sendo que 3,9 é a sua meta para 2013.

O capítulo foi iniciado com as características de cada escola e de suas Bibliotecas Escolares. Foram comparados os Indicadores socioeconômicos, os resultados do Proalfa (avaliação externa feita em turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental) os resultados do PROEB de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais e nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os IDEB Observados de 2007 a 2011 e as Metas Projetadas de 2009 a 2013 para a 4ª Série/5º Ano do Ensino Fundamental e os IDEB Observados de 2005 a 2011 e as Metas Projetadas de 2007 a 2013 para a 8ª Série/9º Ano do Ensino Fundamental das Escolas X e Y. O objetivo foi fazer um “Raio-X” das Escolas focando nas Bibliotecas Escolares e nos resultados educacionais. Agora no capítulo 2 será buscado estabelecer se há ou não relação

do uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico favorecendo o processo ensino-aprendizagem, fazendo uso das descrições, comparativos e análises feitas no capítulo 1, bem como utilizando as entrevistas semiestruturadas que serão analisadas à luz de referencial teórico.

CAPÍTULO II - BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO SEM FUNÇÃO OU RECURSO PEDAGÓGICO?

Há um abismo intransponível entre o livro que a tradição declarou clássico e o livro (o mesmo livro) de que nos apropriamos por obra do instinto, da emoção e do entendimento: nós sofremos com ele, nós o traduzimos para a nossa própria experiência (a despeito das camadas de leitura com que um livro nos chega às mãos) e nos tornamos, essencialmente, seus primeiros descobridores, numa experiência tão espantosa e inesperada quanto a de encontrar na areia as primeiras pegadas de Sexta-Feira.

Alberto Manguel

Villa-Lobos é o alvo e, enquanto objeto de estudos, pode ser lido e relido de várias maneiras. Antes esgota-se o pesquisador do que o assunto pesquisado, pois, se uma análise esclarece um aspecto, pode trazer novos problemas, antes insuspeitos. Quanto mais uma biblioteca propicia esse jogo de dados, a multiplicidade das informações que se reforçam ou que se anulam, mais estará ela chegando ao seu objetivo – que por sinal, está sempre um pouco mais à frente. Como não existe no campo das investigações o dado definitivo, também não existem bibliotecas definitivas. Ela própria traz em seu bojo as contradições que vão exigir novos desdobramentos.

Luis Milanese

Por que duas epígrafes para iniciar o Capítulo? Porque dois são os trabalhos imprescindíveis para os quais uma Biblioteca Escolar⁶⁹ deve especializar-se em formar: leitores/pesquisadores.

No capítulo anterior foi descrito as estruturas das Escolas X e Y, bem como de suas Bibliotecas Escolares e o desempenho das escolas através das avaliações externas estaduais e do IDEB. O objetivo foi retratar a realidade das Escolas X e Y para agora neste capítulo analisar se as Bibliotecas Escolares X e Y são usadas como recurso pedagógico e também tentar descobrir se há uma correlação entre o uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico e os resultados das avaliações externas. Para descobrir se a Biblioteca Escolar é usada como recurso pedagógico, será analisada as entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora e as Professores para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB), a observação nas visitas *in loco*, os Projetos Político Pedagógicos e os Regimentos Escolares, bem como se

⁶⁹ Pelo trabalho dos profissionais que nela atuam.

buscará respaldo teórico, seja da área da Educação, seja da área da Biblioteconomia, ou outras áreas que se fizerem necessárias.

Será visto os aspectos históricos da instituição Biblioteca, bem como alguns empecilhos no uso das Bibliotecas Escolares. Outra questão a ser vista é como se dá o encontro dessas com as Tecnologias da Comunicação e da Informação. Será dada ênfase a um ponto especial da Biblioteca Escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que é a “Contaçon de histórias” e outras formas de explorar prazerosamente a leitura e a um ponto especial da Biblioteca Escolar nos Anos Finais do Ensino Fundamental que é a Pesquisa Escolar. Por fim, será estabelecido o entendimento da Biblioteca Escolar como Recurso Pedagógico. Todo este suporte teórico será o que possibilitará a análise das Bibliotecas Escolares.

Para análise das Bibliotecas Escolares serão trazidos do primeiro capítulo os indicadores GEBE. Porém estes agora serão analisados frente às entrevistas semiestruturadas e o referencial teórico com a finalidade de enquadrar as Bibliotecas Escolares X e Y em um dos dois níveis definidos pelos parâmetros GEBE, Nível Básico ou Nível Exemplar para cada um dos seis indicadores. Após análise destes indicadores na forma descrita acima, será realizado uma análise abrangente trazendo esta análise dos indicadores, as entrevistas, as avaliações externas, os indicadores sociais, as metas e o IDEB observado, para descobrir se as Bibliotecas Escolares estão sendo usadas como recurso pedagógico ou não. Essa caminhada será iniciada com a busca da constituição do *lócus* Biblioteca.

2.1 – Biblioteca: Aspectos Históricos

Inicialmente, antes de adentrar especificamente no estudo sobre a importância da Biblioteca Escolar no processo de ensino-aprendizagem, serão abordados alguns aspectos relativos à evolução da escrita e seus suportes, o registro da memória e os domínios do saber que antecederam aos livros e nos remete ao surgimento da instituição Biblioteca - *lócus* fundamental na história da humanidade. Traçar considerações a respeito da escrita é importante porque sem ela seria impossível termos hoje a Biblioteca.

Por muitos séculos os conhecimentos foram transmitidos pela tradição oral, o que comprometia a fidedignidade da informação. Contudo este era o único meio possível de comunicação entre as pessoas e muitos conflitos aconteciam em virtude da dificuldade inerente a este processo. Esta dificuldade foi minimizada com o

surgimento da linguagem escrita, que foi a responsável pela mudança de paradigma nas relações entre os homens e na interação que os mesmos faziam com a natureza, que possibilitou uma comunicação mais ágil e ampla (PIMENTEL, 2007).

Martins (1996) relata que por mais paradoxal que possa parecer, as Bibliotecas são anteriores aos livros, o que ele justifica pelo fato de já na Antiguidade haver locais específicos para a preservação da escrita e que tinham como suportes, por exemplo, tabuletas de argilas, rolos de papiros ou pergaminhos já na Idade Média. Segundo ele, o que variou foram as matérias que recebiam a escrita, até chegarmos ao livro como hoje conhecemos. Mas, as Bibliotecas sempre mantiveram o mesmo funcionamento, natureza e finalidades. “A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até aos fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, um *depósito de livros* [...]” (MARTINS, 1996, p. 71).

Segundo Manguel (2006) os habitantes de Alexandria entendiam o passado como a fonte de um presente em constante mudança porque neste presente quando novos leitores liam os velhos livros os tornavam novos no processo de leitura. Assim, cada leitor garantia uma modesta imortalidade a determinado livro. Para este autor, a Biblioteca de Alexandria foi criada não apenas para imortalizar as obras existentes, mas para ser uma oficina de leitores sempre em recriação, vejamos:

[A] Biblioteca de Alexandria foi criada para fazer outras coisas, além de imortalizar. Deveria registrar tudo o que já existira e pudesse ser registrado, e esses registros deveriam gerar novos registros, numa seqüência infinita de leituras e comentários que por sua vez engendrariam novos comentários e novas leituras. **Deveria ser uma oficina de leitores, e não apenas um lugar onde os livros fossem preservados infinitamente.** Para assegurar que fosse usada, os ptolemaicos convidaram os estudiosos mais aclamados de muitos países – Euclides e Arquimedes – a fixar residência em Alexandria, pagando-lhes bons honorários sem exigir nada em troca, exceto que utilizassem os tesouros da Biblioteca. Assim, cada um desses leitores especializados poderia entrar em contato com um grande número de textos. Eles liam e resumiam o que lessem e produziram compêndios críticos para as gerações futuras, que por sua vez condensariam essas leituras em novos compêndios (MANGUEL, 2006, p. 33) (Grifo meu).

Pimentel (2007) aponta que a comunicação tornou-se ainda mais ágil e ampla após o surgimento da imprensa. Esta “não consiste somente num sinal qualquer sobre papiro, pergaminho ou papel, mas também e, sobretudo, na reprodução ilimitada da escrita ou da palavra” (CHRISTIAN citado por MARTINS, 1996, p. 181). Ela multiplicou a produção dos livros fazendo com que as bibliotecas tornassem

mais acessíveis, embora ainda permanecesse o aspecto formal destas, estando elas mais voltadas para a preservação do acervo do que para seu uso, sua disseminação. As Bibliotecas ainda continuavam sendo vistas como espaço para os intelectuais e o acesso aos livros ainda era privilégio de poucos (PIMENTEL, 2007). Martins (1996) ressalta que são os mosteiros que preservaram para o mundo moderno a riqueza literária da Antiguidade. “[Se] a influencia da literatura clássica conservou-se até os nossos dias, é a Igreja Católica que essencialmente cabe o mérito” (DAHL citado por MARTINS, 1996, p.85).

A história da Biblioteca a partir dos fins do século XVI é um processo gradativo e ininterrupto de transformação, marcado por quatro características: 1) laicização; 2) democratização; 3) especialização; 4) socialização (MARTINS, 1996). No Brasil, na Primeira República, não há por parte do poder público políticas para as Bibliotecas sendo mérito de alguns professores idealistas a luta em prol destas (GOMES citado por CASTRO, 2003). Com o passar dos tempos, a Biblioteca foi se tornando mais acessível deixando de ser privilégio dos intelectuais abrindo-se a um público mais amplo e estando presente nas instituições escolares. Milanese (1985) cita que no limiar do século XX, houve mudança na percepção da função da Biblioteca. Se antes tinha a função de organização do saber, passou a ter a função de sistematização do acesso às informações.

Castro (2003) aponta que apesar do quantitativo ampliado, as Bibliotecas Escolares tinham função de guarda e conserva. Quadro que começa a se alterar a partir de 1930 com os escolanovistas⁷⁰ que defendem a ideia de que ensino e Biblioteca não se excluem e sim, se completam. Com a instauração do Estado Novo⁷¹ todo este movimento de reconhecimento da importância da Biblioteca Escolar esvai-se e é instalada a censura (CASTRO, 2003). “O rigor no combate a ideologias ‘subversivas’ dirigiu ofensiva contra o livro. Em 1939, o secretário geral de educação [...] realizou o expurgo de 6.000 volumes das bibliotecas escolares [cariocas] (‘pejadas de livros inconvenientes’)” (VIDAL citado por CASTRO, 2003, p.67). Se por um lado o governo de Getúlio Vargas impôs censura ao livro e às

⁷⁰ Influenciados pelas ideias de Lorenzo Luzuriaga, Manuel Barroso e Guimarães Menegale (CASTRO, 2003).

⁷¹ O Instituto Nacional do Livro (INL) foi criado por meio do Decreto-Lei nº 93/1937, com as seguintes competências: organizar e publicar a Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional; editar obras de interesse para a cultura nacional; criar bibliotecas públicas e estimular o mercado editorial. Pelo Decreto-Lei nº 1.006/1938 foi constituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que estabeleceu a primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático. (MEC, 2011).

Bibliotecas, por outro lado, implementou um política de distribuição de livros através do Instituto Nacional do Livro (INL) cuja finalidades eram desenvolvimento econômico e segurança nacional (ARAÚJO citado por CASTRO, 2003).

Somente na década de 1960 que se volta a discutir a importância da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem. Essa discussão nasce nos movimentos populares alicerçado na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Escola e Biblioteca tornam-se fundamentais no processo de desalienação popular. Na Campanha “Pé no Chão Também se Aprende a Ler”⁷² foi intenso o diálogo Biblioteca e ensino. Tanto as Bibliotecas Escolares quanto as Públicas instaladas por essa campanha tiveram seu fim quando se iniciou o regime ditatorial com o golpe militar de 30 de março de 1964⁷³ (CASTRO, 2003).

Durante a ditadura militar, o diálogo ensino e biblioteca assume conotações diferentes ao momento anterior; agora volta-se para a acomodação e para a alienação sócio-informacional, igualando ao período ditatorial de Vargas. [...]

É nessa década que o diálogo ensino e biblioteca, em toda a história do Brasil, é objeto da mais forte repressão e censura. Censura que rasteia o que deveria ser lido, estudado ou pesquisado, da educação infantil à educação superior. O Decreto 1077 [de] 1971 [...] determinava que a divulgação, leitura e acesso a livros e periódicos (nacionais e estrangeiros) em todos os níveis de ensino e em todas as bibliotecas ficariam subordinados à verificação prévia da Polícia Federal a que caberia analisar a existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes (CASTRO, 2003, p. 69-70).

O Decreto n.º 72.614/1973 reestruturou o INL que de editor passou a promotor de publicações educacionais, científicas e culturais que, conforme MEC (2011) colaborou no desenvolvimento de bibliotecas públicas.

⁷² Campanha realizada por Djalma Maranhão, então prefeito de Natal (RN).

⁷³ Em 1966, criada a polêmica Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED) para edição e distribuição do livro didático com verbas públicas e da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – o acordo MEC-Usaid. Posteriormente a Portaria MEC nº 35/1970 determinou o sistema de coedição de livros com as editoras brasileiras fazendo uso dos recursos do INL. Em 1971 foi criado o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef) assumindo as atribuições e os recursos da COLTED. Por sua vez, o Decreto nº 77.107/1976 instituiu a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) para assumir atribuições concernentes ao material escolar e à execução do Programa do Livro Didático. Posteriormente, a Portaria nº 1.234/1979 criou o Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro (Prodelivro), sob a coordenação da Fename, para facilitar a produção e o acesso ao livro com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Em 1983, a Fename foi substituída pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). Com o Decreto nº 91.542/1985 é criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e extingue-se o Plidef. Com a redemocratização do país, houve extinções de vários órgãos criados no período militar, entre eles o INL - que pelo mesmo ato de extinção, Lei nº 8.029/1990, criou-se a Fundação Biblioteca Nacional. O Decreto Presidencial nº 520/1992 instituiu o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) e criou o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler). Em 1997 foi extinta a FAE e a execução do PNLD foi transferida para o FNDE (MEC, 2011).

Castro (2003) afirma que, a partir da década de 80 o diálogo entre ensino e bibliotecas foi inferior quando comparado com o término dos períodos ditatoriais anteriores, havendo projetos desconexos e sem continuidade por parte do Estado e que, portanto, não há no âmbito governamental qualquer ação efetiva para o fortalecimento da relação ensino e biblioteca.

Se, por um lado pode-se compreender a defesa de Castro (2003) sobre a desvalorização da Biblioteca Escolar no período pós-militar. Por outro, é perceptível como vem sendo demonstrado nesta Dissertação que a conquista para a valorização da Biblioteca Escolar vem acontecendo num processo “passo a passo”. Todos que reconhecem a importância da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico gostariam que a discussão deste assunto fosse coisa do passado. Porém, não é coisa do passado e nem também é inexistente. Está acontecendo e está-se em um período frutuoso da discussão.

Através do convênio firmado entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Hoeschet do Brasil, o Projeto Ciranda de Livros, que segundo Yunes (1995, p.129) “chegou a distribuir trinta mil coleções e sessenta títulos de literatura infantil entre 80 e 84”, contemplou milhares de escolas públicas localizadas na zona rural de todas as regiões brasileiras, com acervos literários constituídos com o que havia de melhor na produção editorial para o público infanto-juvenil (MARATO, 2009, p. 69).

Como já exposto no capítulo anterior os documentos da Conferência Mundial de Educação para Todos (Tailândia/Jontien/1990) registrou a necessidade de desenvolver a habilidade no uso das Bibliotecas Escolares. Os PCN do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (1997/1998) destacaram a Biblioteca Escolar como recurso para favorecer o processo ensino-aprendizagem. Tem-se também o “Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), implantado a partir de 1992 em todos os estados [...] e o PNBE, que distribuiu livros de literatura e outros materiais bibliográficos às escolas da rede pública do país, desde 1998” (MARATO, 2009, 19).

Para fomentar a formação de leitores há, por parte do governo federal, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, sem desconsiderar sua importância, não será objeto de pesquisa nesta Dissertação e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) criado em 1997. Pelo PNBE são distribuídas para

escolas públicas obras de literatura infantil, juvenil e adulta, obras de referências, periódicos e obras de apoio ao professor (PNBE Professor) (MEC, 2011).

[Através do PNBE, a] partir de 1998, a distribuição de acervos, obras, coleções de livros de literatura e obras de referência passou a atender ora às bibliotecas das escolas públicas do ensino fundamental com acervos coletivos, ora aos alunos dessas escolas, com acervos individuais. A partir de 2005, foram promovidas alterações [no PNBE que] passou a distribuir os acervos apenas para as escolas, atendendo em 2005, às escolas que ofereciam os anos iniciais e, em 2006, àquelas que ofereciam os anos finais do Ensino Fundamental. Além disso, considerando a necessidade de incluir no PNBE as instituições de Educação Infantil (0 a 5 anos), as escolas de Ensino Médio e aquela que oferecem a modalidade [EJA], bem como a necessidade de garantir uma distribuição sistemática desses materiais a todas as escolas públicas do país, foi estabelecido [...] o cronograma anual de atendimento do PNBE e as etapas de ensino a serem contempladas em cada distribuição [...] de maneira sistemática, a todas as escolas [públicas] de Educação Básica (MEC, 2011, p. 19-20)⁷⁴.

O presente capítulo ainda destaca nesta perspectiva histórica a respeito da Biblioteca Escolar as “Diretrizes da IFLA/UNESCO⁷⁵ para a Biblioteca Escolar”⁷⁶, manifesto publicado em 2000 e que será discutido na seção 2.2 – Alguns obstáculos no uso das Bibliotecas Escolares.

Em 2003 foi publicada a Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, que institui a Política Nacional do Livro. Esta lei estabeleceu, entre outras, responsabilidade ao Poder Executivo de manter e atualizar acervos das Bibliotecas, criar e executar projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura.

Art. 7º O Poder Executivo estabelecerá formas de financiamento para as editoras e para o sistema de distribuição de livro, por meio de criação de linhas de crédito específicas.

Parágrafo único. **Cabe, ainda, ao Poder Executivo implementar programas anuais para manutenção e atualização do acervo de bibliotecas públicas, universitárias e escolares, incluídas obras em Sistema Braille.**

[...]

Art. 13. Cabe ao Poder Executivo criar e executar projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura, ampliar os já existentes e implementar,

⁷⁴ Um exemplo de acervo individual recebido por alunos foi a coleção Literatura em Minha Casa.

⁷⁵ Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura (UNESCO).

⁷⁶ Manifesto publicado em 2000. Sobre este documento a crítica de DURBAN ROCA de que nele a Biblioteca Escolar é vista pela ótica da Biblioteconomia e o objetivo é prestação de serviços é apropriada. Mas, ainda sim é um documento importante porque faz com que a Biblioteca Escolar seja colocada em pauta nas agendas dos governantes, o que acaba por “convocar” os interessados a se posicionarem.

isoladamente ou em parcerias públicas ou privadas, as seguintes ações em âmbito nacional:

[...]

II - estimular a criação e execução de projetos voltados para o estímulo e a consolidação do hábito de leitura, mediante:

a) revisão e ampliação do processo de alfabetização e leitura de textos de literatura nas escolas;

b) introdução da hora de leitura diária nas escolas;

c) **exigência pelos sistemas de ensino, para efeito de autorização de escolas, de acervo mínimo de livros para as bibliotecas escolares;**

(BRASIL, 2003) (Grifos meu).

Em 2006, através do trabalho conjunto do MEC e do Ministério da Cultura (MinC) foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)⁷⁷, de duração trienal, para ser executado em regime de colaboração entre as três esferas de governo. O objetivo é assegurar a democratização do acesso ao livro, a promoção e a valorização da leitura e o fortalecimento do mercado produtor (MEC, 2011).

Em 2010 foi publicada Lei n.º 12.244/2010 que dispõe sobre a universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino. Portanto, a valorização da Biblioteca Escolar é um processo que vem ocorrendo e, como é uma questão permeada por pontos de vistas diversos, logo, não poderia deixar de haver impasses/confrontos. Isto é natural que assim seja e pode-se dizer que o resultado será saudável se e somente se a busca se der pela melhoria no processo ensino-aprendizagem e não por interesses diversos que não seja a qualidade da educação.

A SEEMG em pelo menos duas reuniões no ano de 2012 tratou do tema Biblioteca Escolar e leitura. A primeira em 29 de fevereiro visando estabelecer parceria com a SEEMG e a Embaixada dos Estados Unidos e o objetivo da parceria seria aumento do acervo e capacitação dos profissionais através de palestras virtuais utilizando-se do Canal Minas Saúde. A segunda foi em 4 de setembro foi objetivando trazer o PNLL para a esfera estadual elaborando o Plano Estadual do Livro e da Leitura (PELL)⁷⁸.

Apesar de vários obstáculos que dificultam o uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico a favor do processo ensino-aprendizagem, a pesquisa “Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil⁷⁹” demonstra o processo de

⁷⁷ Através da Portaria Interministerial nº 142/2006.

⁷⁸ Ver Anexos VI e VII para ler reportagens na íntegra.

⁷⁹ A “Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil” se deu a partir de uma parceria do MEC com a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid). Realizada na Espanha inicialmente, o estudo

mudanças positivas pelas quais as Bibliotecas Escolares brasileiras estão passando, tanto no que se refere à sua concepção quanto no que se refere à estrutura física.

2.2 – Alguns obstáculos no uso das Bibliotecas Escolares

As Bibliotecas no sistema educacional brasileiro são, de certo modo, subutilizadas não representando verdadeiramente um lugar onde o conhecimento pode ser construído. Um dos pontos de estrangulamento que caracteriza a situação acima é a priorização de serviços como organização do acervo e outros aspectos burocráticos que, por mais que sejam necessários são apenas meio para a existência da Biblioteca e não a finalidade de sua existência.

Para Castro citado por Vianna *et al* (1998) a matéria prima da Biblioteca Escolar não são os livros em si, mas os alunos. “Ativar a biblioteca escolar significa torná-la um local ativo, dinâmico e ao mesmo tempo acolhedor a todas as propostas que visem o crescente entrosamento entre usuário-biblioteca” (SIMÃO citado por KIESER & FACHIN, S/D, S/P). Para Martucci (1998) é fato que poucas são as Bibliotecas Escolares dos sistemas públicos de ensino que podem ser consideradas centro de informação educativa, sendo espaço de conhecimento, de informação, de lazer, de convivência, integradas ao PPP da escola.

A questão do profissional habilitado para atuar na Biblioteca Escolar é um desafio na rede pública estadual de educação básica mineira. Ainda que a lei que regulamente a profissão e exercício do bibliotecário seja de 1962, e defina claramente em seu segundo artigo que o exercício da profissão de Bibliotecário só será permitido aos bacharéis de Biblioteconomia. E mesmo que os parâmetros GEBE (BRASIL, 2010d) flexibilizem que, para atender ao nível básico haja a possibilidade de se ter um único Bibliotecário-supervisor responsável por mais de uma biblioteca, sendo que este poderá supervisionar “no máximo quatro bibliotecas,

comparativo passou por adaptações para ser implementado na Argentina, Brasil, Chile e México. No Brasil a execução da pesquisa ficou a cargo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) através do Centro de Produção da UERJ (Cepuerj). O objeto de estudo foram Bibliotecas Escolares das escolas públicas de Ensino Fundamental e Ensino Médio das três esferas governamentais (federal, estaduais e municipais). Para garantir amostra representativa foi adotado o método Amostragem Multiestágios (AM) que “dividiu a população em subpopulações, por sua vez divididas em subsubpopulações, em vários estágios [e uma] amostra aleatória foi selecionada em cada estágio para compor a amostra total (Ministério da Educação - MEC, 2011, p. 35)” aplicando a regra de Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPT). Assim foram pesquisadas escolas públicas da capital e de municípios de Acre, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e Santa Catarina (Ministério da Educação - MEC, 2011).

desde quê essas bibliotecas, em conjunto, atendam até quatro mil alunos” (BRASIL, 2010d). Esta não é a realidade que encontramos na rede estadual mineira de educação básica e, possivelmente, em nenhuma outra rede pública de educação básica do Brasil, mesmo que a Lei n.º 12.244/2010 reforce que quem deva exercer a função de bibliotecário seja o profissional habilitado para tal.

Art 2º O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido:

a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;

[...]

Parágrafo único. Não será permitido o exercício da profissão aos diplomados por escolas ou cursos cujos estudos hajam sido feitos através de correspondência, cursos intensivos, cursos de férias etc. (BRASIL, 1962).

Art. 3 Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998 (BRASIL, 2010a).

Embora exista uma formação específica que titule um profissional para atuar em seu campo de formação que neste caso é o *lócus* Biblioteca, não podemos deixar de lado a especificidade da educação. Assim, entre Bibliotecas Particulares, Universitárias, Públicas e Escolares há diferenças que não podem ser desconsideradas. “Inserida no espaço de uma unidade educacional, há que se ressaltar o caráter eminentemente pedagógico da Biblioteca Escolar” (PIMENTA *et al*, 1999, p. 69). E, por este motivo se, por um lado, aceitamos haver uma profissão que titule um profissional a trabalhar em Bibliotecas, por outro lado, dada a complexidade da situação da política educacional estadual que não implementa esta obrigatoriedade às escolas e, muito mais ainda, pela especificidade da educação, defende-se como válido a atuação na Biblioteca Escolar de professores formados em Licenciatura em Pedagogia ou Letras, devido à necessidade da ludicidade e do trabalho com os gêneros textuais que deve permear todo trabalho do “Bibliotecário” de uma escola. Porém, não há dúvidas de que deve o poder público dotar estes professores de mais e melhores conhecimentos para trabalhar na Biblioteca seja os conhecimentos do campo da Biblioteconomia, seja do campo da Educação. Isso posto, não é admissível que se coloquem nas Bibliotecas Escolares professores em

ajustamento funcional ou professores que desejam mais um lugar longe da sala de aula, ou seja, professores sem comprometimento com o recurso pedagógico que a Biblioteca Escolar é. Afinal, não é anseio da sociedade uma educação pública de qualidade? Certo é que a Biblioteca Escolar por si só não trará a tão desejada qualidade, como certo é que também não se tem uma educação pública de qualidade sem o uso da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico riquíssimo que é.

Neste momento faz-se imprescindível discutir algumas questões das entrevistas semiestruturadas para buscar o entendimento do conceito Biblioteca Escolar vigente nas Escolas X e Y em e como essa é considerado no processo ensino-aprendizagem. Será observado tanto a percepção das PEUB quanto ao provimento para ocupar esta função na Biblioteca Escolar bem como a percepção dos gestores.

A PEUB X, ao ser perguntada como começou a trabalhar como PEUB, se tinha sido por escolha ou não, contou que trabalhava em uma escola que foi municipalizada no ano de 2001 e ela, por ser funcionária do Estado, foi transferida em 2002 para a Escola X e passou a trabalhar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Alfabetização). Conforme a PEUB X, a Escola X estava precisando de uma pessoa na Biblioteca e a diretora percebeu que ela gostava de contar histórias, de às vezes de vestir uma fantasia, de fazer algo diferente. Era o ano 2003. Então a diretora fez a seguinte proposta para a agora PEUB X.

[Ela] falou assim: “Olha, a gente tá precisando de uma funcionária e você é o perfil. Você aceita, né?” Quer dizer, na mesma hora, eu fiquei até meio preocupada, se outro servidor(a) não ia achar ruim de eu [ir trabalhar na Biblioteca] porque eu era nova ainda aqui na escola, tinha só um ano. Aí ela falou assim: “Não, mas aqui a gente verifica e vê quem está melhor adaptado à situação”. Aí eu aceitei.

Ainda de acordo com a PEUB X, a escola necessitava de um funcionário que entendesse um pouco de “livro de literatura”, pois naquele momento as atividades da Biblioteca se reduziam ao empréstimo de livros. Ela, então, iniciou a atividade de “Contação de histórias” com os alunos do pré-escolar. “[Eu] via assim até os olhinhos deles brilhavam. Então isso foi me emocionando e eles também foram gostando e, dali pra frente, ficou um trabalho assim, quase diário”.

Tratarei a seguir a forma como as PEUB da Escola Y chegaram a assumir a função: a EX PEUB YM, a atual PEUB YM, que veio substituir a primeira e a PEUB YT.

De acordo com seu depoimento A EX PEUB YM foi trabalhar na Escola Y no turno da manhã em 2005, quando professores em ajustamento funcional trabalhavam na Biblioteca Escolar Y. A diretora na época apresentou a necessidade da existência de uma eventual no referido turno e que esta estaria alocada na Biblioteca, mas não havia interesse entre os professores em desempenhar esta função, pois “[na] verdade o cargo seria de Bibliotecária, mas não faria o papel de bibliotecária. Faria o papel de eventual”. Ela relata que assumiu a função e ficou muito tempo fazendo papel de eventual. Depois trocou a administração e a nova diretora achou que precisava reativar a biblioteca. Foi então que ela pode realmente exercer a função de PEUB, ainda que também tivesse que exercer a função de eventual.

Já a PEUB YM expôs que somente assumiu a função de PEUB depois que entrou em ajustamento funcional; quando pode escolher em qual seção da escola iria trabalhar, ela optou pela Biblioteca Escolar Y. Por fim, a PEUB YT relata que ela pode escolher trabalhar na Biblioteca Escolar Y em função da classificação obtida entre os efetivos e teve a oportunidade de assumir tal atividade no momento em que a antiga servidora atuante neste espaço se aposentou.

Neste pequeno recorte nas entrevistas semiestruturadas vê-se que há extremos na situação do provimento da função de PEUB. Na Escola X a condição determinante foi o perfil adequado do profissional de forma que as atividades desenvolvidas na Biblioteca Escolar X favorecessem o processo ensino-aprendizagem da Escola X. Por outro lado, na Escola Y encontram-se três casos que praticamente se resume em duas situações. Uma situação é o caso da EX PEUB YM que recebeu uma proposta, no mínimo, contraditória: ter a nomenclatura da função de PEUB e exercer duas funções, sendo que majoritariamente a função de Professor Eventual e eventualmente a função de PEUB. Situação que demorou a se reverter, como visto. No entanto, a servidora aceitou sabendo das condições e não demonstrou nenhum aborrecimento ou arrependimento. Pelo contrário, demonstrou exercer as duas funções sem se aborrecer. As outras duas situações ocorreram pela via do direito. Como visto no capítulo anterior, pela Resolução SEE Nº 2018, de 06 de Janeiro de 2012 de QPEE os servidores em Ajustamento

Funcional devem exercer atividades ou na Biblioteca Escolar ou na Secretaria Escolar. A PEUB YM que entrou em ajustamento funcional escolheu exercer as atividades na Biblioteca Escolar Y. Por sua vez, após a aposentadoria de uma servidora que exercia a função de PEUB, a servidora que se tornou a PEUB YT ocupou a função porque era um direito dela pela classificação dos efetivos. Todavia, um ponto importante é que todas essas PEUB possuem formação adequada para o trabalho na Biblioteca Escolar.

Como nesta Dissertação defende-se que a formação de professores com Licenciatura em Letras ou em Pedagogia seja adequada para o trabalho na Biblioteca Escolar, torna-se relevante trazer o pensamento de Martins (1996) sobre o currículo dos cursos de Biblioteconomia. Martins relata que, no Brasil, a formação deste profissional se orienta pelo currículo norte-americano, em detrimento do currículo francês trazendo prejuízos para a profissão, pois enquanto o primeiro privilegia o trabalho mais burocrático, o segundo enfatiza a formação humanística ampla para o trabalho nas Bibliotecas:

O bibliotecário se transformou, por consequência, nestas últimas décadas, em técnico puro – com todos os inconvenientes e todas as virtudes dessa condição. Entre estas últimas, assinalemos a sua maior eficiência, garantida pela organização racional do trabalho; a exclusividade da atenção que consagra ao seu ofício, o que evita as sempre deploráveis dispersões de interesse; a sua consciência profissional cada vez mais desenvolvida; o seu prazer em desempenhar funções que correspondem aos seus dons mais íntimos.

Entre os defeitos, impossível não reconhecer a estreiteza mental que decorre, freqüentemente demais, da especialização; a superestimação dos conhecimentos restritamente técnicos em prejuízo de uma cultura humanística mais vasta; o aviltamento do livro que se transforma em mero objeto, sujeito a um número de ordem, em lugar de ser o que realmente é, um testemunho da vida espiritual; a hipertrofia dos sentidos que “fazem” correspondendo à hipotonia dos sentidos que “pensam”; a idéia subentendida que na vida de um livro tudo se resume em catalogá-lo, em fichá-lo, em classificá-lo [...] (MARTINS, 1996, p. 332-333).

Patente aproxima-se muito da visão demonstrada por Martins (1996), chamando a atenção para o excesso de tecnicismo e a falta de uma visão mais abrangente, de uma cultura ampla voltada para a realidade social.

As Escolas de Biblioteconomia privilegiam o procedimento técnico, como se a classificação, a catalogação, o livro arrumando na estante fosse algo que nos distinguisse dos outros profissionais. É claro que isso nos distingue, mas e as relações humanas, a filosofia e a sociologia da educação, a cultura geral?... (PATENTE, 1994, p. 174).

Maroto, também formada em Biblioteconomia, faz uma crítica ao currículo do curso. Para a autora este, na forma com que é estruturado, se omite frente à importância do trabalho com a leitura nas escolas de Educação Básica.

Outra questão de fundamental importância [...] e que precisa ser revista e reavaliada, é a proposta curricular dos cursos de formação de bibliotecários que deveriam enfatizar, também, a discussão de conteúdos relacionados ao desenvolvimento da leitura, e ao estabelecimento de normas e técnicas de organização de acervos que atendam às reais necessidades de busca e de acesso à informação pelo público infanto-juvenil, na biblioteca escolar [...] (MAROTO, 2009, p. 65).

O fato do profissional formado em Biblioteconomia não ter formação sólida para o trabalho foi também demonstrado na pesquisa “Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil” realizada pelo MEC em parceria com diversas instituições, pois ela traz em anexo recomendações para as políticas públicas de formação de leitores. Uma das recomendações refere-se justamente ao currículo dos cursos de Biblioteconomia (MEC, 2011).

[Ação] junto ao Conselho Federal de Biblioteconomia e às [Instituições Federais de Ensino Superior] IFES com cursos de [Biblioteconomia e de Ciências da Informação] com vista à revisão curricular que contemple a formação do bibliotecário para a biblioteca escolar, o que implica dizer: dinamizador e mediador de leitura (MEC, 2011, p. 110)

Durban Roca (2012) assinala que o que vem comprometendo a Biblioteca Escolar são os conflitos em torno de seu conceito e função. Sem uma conceituação clara não prosperará ações tomadas para desenvolvê-las, tornando-se impossível avançar enquanto diversas forem as conceituações e os sentidos para um mesmo termo – Biblioteca Escolar. Para avançar é necessário saber para onde caminhar e porque o fazer, tendo em mente as incertezas e as possibilidades.

Cerdeira citado por Vianna *et al.* (1998) traça a evolução do conceito de Biblioteca Escolar que foi inicialmente concebida como uma pequena coleção de livros, periódicos e publicações existentes em escolas ou mesmo nas salas de aula passando a incorporar paulatinamente outros materiais que contribuem com o

ensino tornando a Biblioteca num novo tipo de centro de recursos educativos. Vianna *et al.* (1998) relatam que no “Seminário sobre bibliotecas escolares” realizado no ano de 1983, em Lima (Peru), com dezesseis representantes de países latino-americanos, chegou-se ao consenso de que a Biblioteca Escolar deveria ser entendida como um laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional e que deveria ser facilitado o acesso de seus recursos a toda comunidade educacional dada sua importância para o desenvolvimento do currículo.

Alguns dos autores que também defendem o conceito de Biblioteca Escolar como laboratório de aprendizagem são Carvalho e Valio ambos citados por Vianna *et al.* (1998). Porém se por um lado Carvalho citado por Vianna *et al.* (1998) defende que a Biblioteca Escolar deva ser um laboratório de aprendizagem, por outro, afirma que ela está longe de se tornar este ambiente. Chama ainda a atenção para o fato de que ela privilegia a função pedagógica desconsiderando o não leitor ou o leitor apenas iniciado; privilegia o leitor modelo desconsiderando, assim, as diferenças de origens sociais e de contatos com materiais de leitura.

Como ao falar da Biblioteca Escolar a Supervisora Y1 abordou a realidade socioeconômica desfavorável de parcela dos alunos da Escola Y, foi-lhe então questionado como ela entendia que esta realidade dificultava no processo de escrita e leitura. Também foi lhe perguntado se ela achava que as famílias destes alunos valorizavam a leitura. A Supervisora Y1 contou que naquele dia⁸⁰, ela e a Supervisora Y3 tinham realizado uma reunião a respeito de alunos com dificuldades escolares: normalmente os pais destes alunos são analfabetos se tornando improdutiva a estratégia de se enviar bilhetes “porque se não for pela criança ou pelo irmão mais velho que lê, eles [ficam sem] saber”. Destaca ainda que a questão prioritária para estes pais é a sobrevivência: “Eles têm que trabalhar para ganhar um pouquinho, catar latinha, catar papelão, porque é a sobrevivência. Eles não vão preocupar com livros”. Questionada se talvez fosse, uma questão de prioridade, pois se fosse desinteresse pela leitura (e pela educação) eles não teriam colocado o filho na escola, a Supervisora Y1 contrapôs o argumento lembrando que há casos de alunos que vão à escola para comer e outros em que as crianças levam os livros para leitura ou para estudar e os livros não voltam. “Ah, minha mãe jogou fora, tia”.

⁸⁰ O mesmo dia da entrevista.

Destacou ainda o relato de um aluno que a mãe colocou o seu livrinho para acender o fogão de lenha⁸¹.

Replicada de que era realmente uma situação difícil, a Supervisora Y1 concordou, mas disse não serem todos os alunos que se encontram nesta situação. Disse que livro custa caro e eles não têm o hábito de comprar livros. Falando sobre a importância da família na constituição do aluno leitor ela deu um exemplo “A gente pode ver pelos alunos do 6º ano. A dificuldade [e] a preguiça que eles têm porque não criou um hábito. [Por] exemplo os textos, um pequeno texto, eles fazem [atividades] no primeiro e no segundo, no terceiro já não querem fazer mais”.

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas na escola esta supervisora relatou a situação de cinco alunos da APAE que, ao serem inseridos na escola regular receberiam apoio por parte desta instituição para o reforço escolar das tarefas. Porém, em virtude da licença da funcionária designada para tal estes alunos ficariam sem o reforço.

Proposta a questão que, então caberia ao professor de sala aula reverter a situação e seria excelente se este pudesse contar com o PEUB nesta tarefa, a Supervisora Y1 concordou.

Estudos já apontaram que quando uma iniciativa/inação surge daqueles que a colocarão em prática, muito maiores se tornam as chances da iniciativa ter continuidade de implantação e maior probabilidade de sucesso. Paralelamente, Durban Roca (2012) destaca que quando projetos de inovação educacional têm origem no próprio corpo docente, o uso da Biblioteca se fará necessário e natural, ao passo que, quando a prática educacional se torna restrita ao livro didático⁸² ela se torna desnecessária, pois a prática pedagógica restrita ao livro não necessita dos recursos disponíveis na biblioteca para provocar mudanças metodológicas. No mesmo sentido Maroto (2009) pontua que num sistema de ensino onde as fontes de informação são o professor e o livro didático, a Biblioteca Escolar se torna um enfeite usado como depósito de livros. “[Ensino] e biblioteca não se excluem, complementam-se. [Escola] sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca

⁸¹ Fato ocorrido há dois anos,

⁸² A autora coloca além do livro didático, as tecnologias digitais “[...] restringem-se unicamente ao uso do livro didático ou das tecnologias digitais [...]” (Durban Roca, 2012, 15)”. Entendo o posicionamento da autora, mesmo porque na mesma obra ela defende que as tecnologias devem ser um recurso a mais na biblioteca. Mas, visto a realidade do caso em estudo, não entra no mérito uma prática pedagógica que se restrinja ao uso das tecnologias digitais.

sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto” (LOURENÇO FILHO citado por MAROTO, 2009, p. 57).

As políticas públicas ainda estão tímidas em explorar o recurso educacional que a Biblioteca é, ainda que tenha tido grandes avanços. Como avanços nas políticas públicas foi visto acima os repasses de livros de literatura através do PNBE e do PNLL e a recente Lei nº 12.244/2010 que estabelece em seu primeiro artigo que “[as] instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei” e no terceiro artigo que os sistemas de ensino desenvolvam esforços progressivos para que se tenha a universalização das Bibliotecas Escolares.

Durban Roca (2012) levanta uma questão sem a qual não há como desvendar o porquê da Biblioteca Escolar encontrar-se sem rumo no sistema educacional. Situação que ela chama de “terra sem fronteira”. Ou seja, “[o] conceito e o modelo de Biblioteca Escolar cresceram [...] entre o âmbito educacional e o bibliotecário.” (DURBAN ROCA, 2012, p. 19).

Quando cheguei ao Balão Vermelho, recém formada, depois de nove meses no Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia [...]. [Como] bolsista da Pró Reitoria de Graduação da UFMG, não tinha experiência em biblioteca escolar, apenas uma paixão muito grande por livros, o que me levou a fazer Biblioteconomia. Ao iniciar meu trabalho (há quatro anos e meio), me deparei com uma rotina escolar que jamais havia visto e para o qual o academicismo da universidade não me havia preparado (PATENTE, 1999, p.172).

Ninguém se atreve a contradizer a asserção que diz que a Biblioteca Escolar deve conceituar-se como recurso educacional porque é uma evidência que argumenta seu desenvolvimento. Contudo, se examinado a fundo os discursos referentes à Biblioteca Escolar elaborados pelas áreas Educacional e Bibliotecária, as mesmas palavras apresentarão significados ou leituras sutilmente distintas, as quais, analisadas em profundidade, entram em contradição (DURBAN ROCA, 2012).

No âmbito bibliotecário – e as Diretrizes para a Biblioteca Escolar da IFLA/Unesco (2002) é um exemplo claro e representativo disso – desenvolvem-se iniciativas e ações que apontam um modelo de biblioteca escolar concebido como serviço bibliotecário, cuja vinculação com a prática educacional passa, necessariamente, por um processo de integração. Assim, as críticas ou reclamações realizadas pela situação deslocada que a biblioteca apresenta estão

dirigidas ao sistema escolar por causa da incapacidade de gerir essa integração que a biblioteca merece. Não se vê a questão pensando que ainda é o modelo que não se encaixa. Nesse modelo bibliotecário, a gestão dos recursos e a elaboração de serviços e programas para seu uso fundamentam a existência da biblioteca. Ao mesmo tempo, a integração curricular requerida para poder justificá-la se vincula à necessidade de que a equipe docente colabore no desenvolvimento das ações da biblioteca. Por sua vez, o bibliotecário escolar apresenta-se como o único agente especialista em sua função (o bibliotecário documentalista profissional) e, na escola, é responsável, conseqüentemente, pela formação dos alunos nessas questões. A esse profissional é dada a função de elaborar programas formativos próprios, realizados a partir do seu setor (DURBAN ROCA, 2012, P. 19-20).

Ainda que seja inegável a importância das TIC no processo educacional, mas como pesam sobre elas importantes contrapontos, este será o próximo ponto de discussão.

2.3 – Biblioteca Escolar e as Tecnologias da Informação e da Comunicação

Certamente as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) trazem benefícios à Biblioteca Escolar. Não se deve temê-las, mas também não se pode colocar nelas a solução pronta e acabada para os problemas educacionais, especialmente aos ligados à leitura e à escrita. Como nos diz Manguel (2006, p. 263) “[Toda] tecnologia nova tem suas vantagens sobre a anterior, mas necessariamente perde algo dos atributos de sua predecessora”.

Certa tarde de calor, no fim do século XIX, dois funcionários de meia-idade conheceram-se num banco de bulevar Bourdon, em Paris, e tornaram-se imediatamente amigos inseparáveis. Travada a amizade, *Bouvard e Pécuchet* (os nomes que Gustave Flaubert deu a seus dois heróis cômicos) descobriram que nutriam um propósito comum: a busca do conhecimento universal. Para alcançar essa meta ambiciosa, comparada à façanha de Diderot parecia deliciosamente modesta, os dois tentaram ler tudo o que pudessem encontrar sobre cada ramo dos trabalhos humanos, decididos a destilar de suas leituras os fatos e idéias mais notáveis – empresa obviamente infinita. Como tinha de ser *Bouvard e Pécuchet* ficou inacabado e só foi publicado um ano depois da morte de Flaubert, em 1880, mas não antes que os dois bravos exploradores tivessem lido do começo ao fim muitas bibliotecas eruditas de agronomia, literatura, reprodução animal, medicina, arqueologia e política, sempre com resultado decepcionantes. Os dois palhaços de Flaubert descobriram o que sempre soubemos, sem nunca dizê-lo com todas as letras: que a acumulação de conhecimento não é em si conhecimento.

A ambição de *Bouvard e Pécuchet* é quase uma realidade, agora que todo conhecimento do mundo parece estar bem ali, bruxuleando atrás da tela sedutora do computador. Jorge Luis Borges, que certa vez imaginou a biblioteca infinita de todos os livros possíveis, também inventou um personagem à maneira de *Bouvard e Pécuchet*, que se põe a compilar uma enciclopédia universal tão completa que nada no mundo ficaria de fora. No final, também como seus antecessores franceses, ele fracassa, mas não por inteiro. Na noite em que desiste do grande projeto, ele aluga um cavalo e uma charrete e sai para uma volta pela cidade. Vê os muros de tijolos, as pessoas comuns, as casas, o rio, um mercado, e sente que, de alguma maneira, todas essas coisas são obra sua. Percebe que seu projeto não era impossível, mas meramente redundante. A enciclopédia do mundo, a biblioteca universal, existe – é o próprio mundo (MANGUEL, 2006, p. 80-82).

Assim, imprescindível se faz saber usar de todas as tecnologias. Todas têm o seu lugar e o seu momento. Às vezes uma história contada a partir de um simples livro será mais frutuosa do que ler textos virtuais. Outras vezes um jogo didático no computador poderá trazer mais concentração ao aluno do que um jogo real. Portanto, é necessário ter em mente os objetivos e achar qual será o melhor recurso para alcançá-los. Pois como nos assevera Manguel (2006), o hipertexto eletrônico que não precisa de papel pode acompanhar amistosamente a página que não precisa de eletricidade; não precisam se excluir a fim de nos servir melhor. O autor chama de biblioteca virtual um computador acessado à rede mundial de computadores - dada as possibilidades de acesso às informações. Para ele a internet tem suas vantagens. Mas, a Biblioteca, enquanto espaço físico –lugar–, tem uma função social amplamente reconhecida e possibilita uma proximidade com a informação que a internet não propicia.

Ao comparar a biblioteca virtual à biblioteca tradicional, de papel e tinta, devemos levar em conta vários fatores: que a leitura muitas vezes exige lentidão, profundidade e contexto; que a nossa tecnologia ainda é frágil e, por seu ritmo de mudança, muitas vezes não nos permite recuperar o que foi registrado em formatos obsoletos; que folhear um livro ou vagar entre estantes é parte essencial do ofício da leitura e não pode ser inteiramente substituído pela rolagem de uma tela, assim como a viagem real não se deixa substituir por livros de viagens ou engenhocas com recursos tridimensionais (MANGUEL, 2006, p. 74).

Durban Roca posiciona-se como Manguel (2006). Para ela, as tecnologias digitais trouxeram avanços inquestionáveis, mas mudou hábitos e maneiras de ser sem que houvesse questionamentos. Deve se aproveitar as novas tecnologias, mas também estar atento às mudanças sociais que elas trazem buscando compreender

estas mudanças porque elas influenciam a todos. Nesta questão não há só um lado a observar – duas são as caras da moeda.

Deve-se levar em consideração as dificuldades que envolvem a questão. Alguém se pergunta o que a tecnologia digital não facilita? O que ela está impedindo que se realize? O que deixamos de fazer que antes fazíamos? Quais as experiências de vida que temos? Corremos o risco e o perigo de deixar de experimentar? Definitivamente, que poder conferimos aos meios tecnológicos? Enfim, nesse contexto, é atual a célebre frase de McLuhan (2009) – “o meio é a mensagem” – que descrevia nos anos 1960 a realidade social provocada pela *massmedia*. Afinal, evidencia-se também, atualmente, a necessidade de apelar ao esclarecimento e não se confundir. Os meios não são mensagem, conteúdo ou finalidade em si mesmos (DURBAN ROCA, 2012, p.17).

Para não se cometer o erro de colocar as TIC como solução para os problemas educacionais ou como o culpada pelo fracasso escolar, é necessário, como defende Durban Roca (2012), ter claro a finalidade da educação e colocar os meios no lugar que lhes compete ocupar como tais porque “[a] aprendizagem ocorre ao utilizar linguagem e pensamento, desprendendo estratégias cognitivas e, fundamentalmente, graças à mediação do professor” (DURBAN ROCA, 2012, p.18). Assim também deve ser entendida a Biblioteca Escolar: sua razão de ser e seu objetivo devem estar a serviço da finalidade da educação. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1992, p. 12). Ler é mais do que decodificação. É interpretar, compreender, construir o sentido e conhecer a intencionalidade do texto (FREIRE, 1996). Os nativos digitais precisam sim trabalhar com ferramentas digitais, mas precisam desenvolver estruturas cognitivas na competência leitora e no pensamento reflexivo (DURBAN ROCA, 2012). Yunes citada por Maroto (2009) também defende que a falta de desenvolvimento da competência leitora leva à exclusão social.

Embora os meios de comunicação de massa tenham alcançado grande desenvolvimento, a leitura ainda é o principal acesso para o conhecimento, especialmente no que implica não apenas o desvendar dos signos gráficos, mas na percepção crítica e na interpretação da informação [...] a leitura deixou de ser o objetivo final da alfabetização para se tornar o meio permanente de participação social (YUNES citada por MAROTO, 2009, p. 66).

As TIC são meios, ou seja, são recursos para o trabalho pedagógico. E o ideal é que elas possam ser mais um dos recursos com os quais a Biblioteca Escolar possa contar.

2.4 – Formar leitores: Algumas estratégias didáticas

O Brasil é um país que conviveu com altos índices de analfabetismo durante muito tempo. A escola, ao menos o acesso ao Ensino Fundamental, acessível a toda população é algo muito recente na nossa história. Milanesi (1985) pondera que a população brasileira de cultura oral, sem muito acesso á cultura letrada, passou direto aos meios de comunicação que reforçaram a cultura oral, diferentemente da Europa que conviveu com a cultura impressa no pós-Gutenberg durante 400 anos.

A partir [de 1920] surge o rádio, criando uma nova situação. Já antes disso existia o cinema, mas ele não tinha o alcance da radiofonia, que, progressivamente, se popularizava. Na década de 50, surge a televisão e reforça a característica básica do rádio: a simultaneidade da recepção coletiva. Notadamente depois da década de 40, o rádio tornou-se popular, difundindo suas mensagens sobre uma população com alto índice de analfabetismo. E logo depois a TV continuou o mesmo caminho, ampliando-o. O que isso quer dizer? Sem maiores desdobramentos, que a população brasileira passou da oralidade aos meios de comunicação que a reforçaram, sem que existisse a possibilidade da cultura letrada – como ocorreu em quatrocentos anos pós-Gutenberg na Europa. Sem pretender entrar no mérito do problema e fazer conjeturas de valor, apenas o fato é ressaltado: em quatro séculos, a população [...] do Brasil teve uma precária experiência com a cultura letrada (MILANESI, 1985, p. 34).

Várias são as estratégias de apresentar a leitura para os alunos. Algumas delas podem prejudicar a percepção da leitura como fonte de prazer, de conhecimento, de imaginação, de cultura e de muitas outras sensações. Outras estratégias podem favorecer esta aproximação. Para França *et al* (2004) é preciso que os professores que têm a responsabilidade desta aproximação sejam verdadeiros leitores porque não há como simular um prazer inexistente pela leitura e, por ser simples e natural ao ser humano ouvir histórias, conta-las é uma destas estratégias.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas [...] histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH citada por FRANÇA *et. al.*, 2004, S/P).

Segundo Martínez citada por Maroto (2009) a partir de sua experiência em encontros de reflexão sobre o papel social da Biblioteca constatou que muitos professores e bibliotecários não têm a percepção do aluno como leitor, ou seja, desconhecem a finalidade de seu trabalho na e com a Biblioteca Escolar. O trabalho na Biblioteca Escolar requer muito mais do que um olhar técnico. Requer atenção á função de professor formador de leitores (FRANÇA et al., 2004). Para Yunes citada por Maroto (2009) para se formar leitores é necessário que quem estiver intermediando o contato da criança com o livro esteja convencido das vantagens de ler. Para Sant'Anna citado por Maroto (2009) não basta zelar pelo patrimônio físico, restaurar obras raras, conectar os computadores com a rede mundial de computadores, é necessário formar leitores.

A partir dos anos 70 no chamado “Boom” da Literatura Infanto-Juvenil, a Literatura torna-se crítica e questionadora com estórias contestando certo/errado, bom/mau, belo/feio [...]. Sofre também uma transformação temática que passa a se sustentar na valorização da criatividade, da independência e da emoção infantil. Aliados a esses aspectos percebe-se a retomada da oralidade e de um contador de estórias revestidos de nova roupagem e, o bibliotecário, o professor, o arte-educador, substituem hoje os antigos contadores de histórias (PONTES, 2004, s/p).

Propondo a dinamização da Biblioteca Escolar, Côrte; Bandeira (2011) citam as Leis da Biblioteconomia de Ranganathan: a) Os livros são para usar; b) A cada leitor o seu livro; c) A cada livro o seu leitor; d) Poupe o tempo do leitor; e e) A biblioteca é um organismo em crescimento. As autoras sugerem atividades para dinamizar a Biblioteca Escolar e desenvolver o gosto pela leitura que são: a) Hora do conto; b) Sarau literário e sarau poético; c) Sarau musical; d) Roda de Leitura; e) Gosto pela Leitura; f) Encontro com o escritor; g) Dia do vídeo; h) Feira do livro; i) Palestras; j) Exposições; k) Grupo teatral; l) Grupo Coral; m) Os dez mais; n) Leitura em debate; o) Concursos; e p) Premiações (CÔRTE; BANDEIRA, 2011).

Têm-se também os “Direitos do leitor” elaborado pelo escritor francês Daniel Pennac: 1) O direito de não ler; 2) O direito de saltar páginas; 3) O direito de não acabar um livro; 4) O direito de reler; 5) O direito de ler não importa o quê; 6) O direito de confundir um livro com a vida real; 7) O direito de ler em qualquer lugar; 8)

O direito de ler trechos soltos; 9) O direito de ler em voz alta; 10) O direito de não falar do que se leu⁸³.

Com a diversidade de gêneros textuais, muitas são as possibilidades para envolver o aluno no interesse pela leitura. Vários autores são favoráveis ao trabalho com História em Quadrinhos (HQ) na formação inicial do leitor. Para Saliba; Santos (2004) a leitura de imagens desde a pré-escola ajuda a criança na construção do pensamento o que facilita o processo de leitura e escrita e a HQ é um excelente recurso neste processo. Segundo Alves citado por Santos; Ganzarolli (2011, p. 64) “A [HQ] é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor”. Certo é que não apenas elas estão permeadas por ideologias. Toda forma de expressão humana traz uma ideologia. O que importa é que a PEUB e o professor analise qual discurso permeia seja uma HQ, um livro, uma história, um filme, uma música, um obra de arte, etc., e veja o que está de acordo com o PPP da escola. Que os alunos gostam de ler HQ isto é notório e, por este motivo, não se deve deixar de usá-las como recurso pedagógico favorecedor da leitura. Por outro lado, também não se deve limitar o trabalho a um único gênero textual, deve-se valer da diversidade destes – poesia, conto, trava-línguas etc. Ainda sobre as HQ, Fogaça comenta:

Este tipo de “literatura” muito contribui para a formação de leitores competentes, pois sua linguagem (ação narrativa) empolga e satisfaz as crianças, não cansa, como acontece muitas vezes nas leituras obrigatórias e, ao adaptar-se ao seu nível intelectual e ao seu interesse, rompe as barreiras que existem contra a prática de leitura, sendo um eficiente instrumento para despertar o gosto por ela (FOGAÇA, 2002/2003 citado por SANTOS; GANZAROLLI 2011, p. 64).

Levantada a questão “O que a Biblioteca Escolar tem a oferecer os alunos?”, a PEUB X respondeu que essa instituição tem muita coisa a oferecer em todos os âmbitos. “Se a criança estiver, por exemplo, querendo coisa científica, tem livros de Ciências, onde ensina montar coisas. Se a criança quiser, por exemplo, ser um artista, montar cenas, tem. Eu acho que tem todos os âmbitos. Uma biblioteca hoje ela não tem livros só de Literatura, ela tem científico, tem livros em todos os âmbitos: Literatura, Matemática, Filosofia, [Revista] Ciências Hoje”. E ainda relatou que a Diretora X falou que as revistas de Ciências para crianças que ficava tudo

⁸³ Veja no Anexo IV estes direitos do leitor com ilustrações de Quentin Blake.

empacotado que é tirar dos pacotes e levar para o Laboratório de Pesquisa para os professores e alunos fazerem experiências. À mesma pergunta, “O que a Biblioteca Escolar tem a oferecer os alunos?”, a Supervisora X respondeu esta biblioteca tem grande quantidade de livros diversificados, variados gêneros textuais, material dourado e outros materiais pedagógicos e, além disso, também tem a parte de fantoche que as crianças também fazem uso.

Veja agora a percepção dos profissionais da Escola Y. A EX PEUB YM disse que os alunos têm acesso a um acervo em termos de literatura muito vasto, além de revistas que o Governo Federal manda que contempla todas as áreas e todos os conteúdos, sendo este acervo adequado para a pesquisa. Contudo, destacou que faltam as Tecnologias da Informação e da Comunicação. A PEUB YM expressou-se de forma mais filosófica.

Bom, um mundo de possibilidades. Porque eu acho que tem tudo. Tudo o que você pega na biblioteca tem conteúdo para você, uns mais, dependendo do livro que você pega, vão ter um conteúdo mais simples, outros com um conteúdo mais complexo, mas ninguém pega nada nunca dentro de uma biblioteca impune. Por mais velho que seja... às vezes falam: “ah essa história é muito antiga”, se a pessoa abriu aquilo ali, ela abre, igual aquelas “Crônicas de Nárnia”, ela abre o armário. Tem conhecimento ali dentro.

Para a PEUB YT a Biblioteca Escolar é uma fonte enorme de conhecimento, de abrir mesmo o universo, até de modificar. E afirmou que esta pode ajudar não só o aluno, mas também a escola, devido à possibilidade de desenvolver a parte pedagógica. Ou seja, a Biblioteca Escolar é uma fonte de recursos pedagógicos. Em sua opinião, ler é viajar é modificar, às vezes, aquilo que você imagina, possibilitando a aquisição de um conhecimento riquíssimo. A Supervisora Y2, por sua vez, endossou a opinião a respeito da Biblioteca Escolar Y ter excelente variedade e quantidade de livros e de que todo este acervo servir de apoio para os alunos, mas lamentou o fato de que ela ainda não esteja informatizada. As Supervisoras Y4 e Y3 afirmaram ser a Biblioteca uma fonte de conhecimento e informação, que não se resume somente a livros, pois há também vídeos. Neste ponto ela lamentou o fato destes serem pouco usados.

Até no caso da aparelhagem, porque é até difícil – não é Supervisora Y1? – pegar o aparelho, por exemplo, o DVD, a televisão, montar, sabe? Isso a bibliotecária que tem que fazer, mas não faz. Fala que não é... Todo mundo da Superintendência que às vezes vem visitar a biblioteca fala assim: “Nossa que biblioteca rica, que biblioteca boa!”

mas nós não temos a estrutura para estar explorando melhor essa biblioteca. Por exemplo, é impossível duas salas fazerem um projeto, ou desenvolverem uma atividade juntas. Não tem espaço. No início do ano mesmo, é uma luta para usar. Por quê? Porque a biblioteca fica tomada pelos livros que chegam do governo [...].

A Supervisora Y1 relatou que uma Biblioteca Escolar tem muita coisa a oferecer porque “quando a gente lê, a gente viaja. A gente sonha”. Trazendo o pensamento para a realidade da comunidade escolar ela explicou que gostaria que a Biblioteca Escolar Y fosse mais explorada para poder oportunizar aos alunos a oportunidade de sonhar e ampliar a visão de mundo.

E eu acho, principalmente as nossas crianças aqui, elas têm uma realidade, muitas delas têm uma realidade um pouco dura, então é a oportunidade que eles têm de sonhar, de criar, de imaginar. De sair um pouco do contexto de vida que eles têm - que é um contexto de vida muito difícil. Uma clientela de periferia, uma clientela que tem os pais com a vida muito difícil, então é a oportunidade que eles têm de crescimento. Mas às vezes é tão desestimulante eles estarem na biblioteca, eles estão tão ligados, tão assim envolvidos com a realidade deles que eles não têm a oportunidade de sonhar. Então a biblioteca às vezes tem essa oportunidade, devia ter essa oportunidade, que é pouco explorada.

Levando em consideração que se está privilegiando a “Contação de Histórias” para a dinamização da Biblioteca Escolar tem-se que quanto à estrutura física é difícil levar a alterações nas condições reais de ambas as Escolas. A Escola X apesar de não ter uma Biblioteca Escolar grande, conseguiu um arranjo harmônico possibilitando um trabalho de acordo com a necessidade educacional do momento. Sua sala dentro da biblioteca para trabalhar com os alunos permite trabalhos em grupos individuais ou a turma inteira, arranjos de leitura com o aluno sentando em cadeira/mesa ou em almofada ou no tapete. Só não permite arranjos múltiplos ao mesmo tempo. Já a Biblioteca Escolar da Escola Y traz maior limitação quanto ao aspecto físico. As possibilidades de arranjos estruturais são mínimas. Assim como na outra escola, também fica difícil o atendimento a duas salas ao mesmo tempo. Como uma proposta de alteração do local da biblioteca tem que partir da gestão da escola e demanda uma série de ações burocrático-legais, neste trabalho não se solicitará tal demanda. No aspecto físico a proposta será de concentrar os recursos em atender uma sala por vez. Uma possibilidade a ser pensada pelos gestores é a reorganização da Biblioteca Escolar Y como, por exemplo, concentrando as estantes em um só canto, seguido do espaço de trabalho da PEUB e vindo após este um

espaço com concentração das mesas de trabalho dos alunos para, assim, tentar abrir um espaço para “Contaçon de história” com um tapete e almofadas. Ou seja, repensar a reorganizaçon do tempo e do espaço da Biblioteca Escolar Y em favor do processo de formaçon do leitor.

2.5 – Pesquisa Escolar

Foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educaçon Nacional n.º 5692/1971 (LDB N.º 5692/1971) que institui a pesquisa escolar. Porém, numa prática de reproduçon de discursos, como é comum na escola brasileira, essa acabou se resumindo em trabalho de cópia.

A pesquisa realizada pelos estudiosos suecos, Louise Limberg e Mikael Alexandersson (CAMPELLO,2012), durante os anos de 2001 e 2002 em sete escolas de quatro municípios da Suécia a respeito da construçon dos significados da Biblioteca Escolar por parte dos estudantes, revelou, como uma de suas conclusões a necessidade de revisão do conceito de aprendizagem como reproduçon e como busca de informaçon.

Os pesquisadores consideraram que o significado potencial da biblioteca escolar como espaço para exploraçon de informaçoens que leve à aprendizagem significativa exigiria abordagens alternativas para a biblioteca escolar, diferentes daquelas observadas no estudo. Sugeriram que, se quisessem utilizar o potencial da biblioteca para desafiar a prática discursiva da escola, bibliotecários e professores deveriam rever sua visão ultrapassada de aprendizagem como reproduçon e como busca de informaçon para encontrar a resposta correta. Para eles, essa visão deveria ser seriamente contestada e profundamente reconsiderada por professores e bibliotecários. Implementar processos de aprendizagem baseados em pesquisa orientada sistematicamente é uma tarefa difícil, que professores e bibliotecários precisam realizar juntos. É uma questõ de romper séculos de tradiçon escolar e, portanto, uma açõ complexa. Para os pesquisadores, isso significa que a prática discursiva da biblioteca também precisava ser desafiada, questionando-se a tradiçon biblioteconômica de liberdade de escolha, passando-se a dar um foco mais forte na aprendizagem organizada (CAMPELLO, 2012, p.51-52).

Corroborando a idéia de que a pesquisa escolar não deve ser feita como um trabalho reprodutivo com fim invariável, Milanesi (1985) defende que a Biblioteca esteja sempre a aprimorar o seu acervo com vistas a facilitar o acesso às informaçoens.

Assim estará organizado o acúmulo de dados, abrindo o campo para novos estudos, permitindo que o pesquisador – um aluno do primeiro grau ou um investigador universitário – encontre subsídios para as suas pesquisas. Villa-Lobos não será sempre o mesmo, preso na imutabilidade de alguns livros, mas será vários. Isso ou aquilo? Ou nenhum dos dois? A consequência final de uma pesquisa poderá ser esta última possibilidade. E uma nova visão surgirá (MILANESI, 1985, p. 10).

Manguel (2006) divertidamente descreve como as bibliotecas vão “atraindo” mais e mais obras num processo sem fim com a finalidade de obter todo conhecimento já construído, ainda que nunca este intento possa ser concretizado dado sua impossibilidade.

Numa biblioteca, nenhuma estante vazia fica assim por muito tempo. Como a Natureza, as bibliotecas têm horror ao vácuo, e o problema do espaço é inerente à natureza de qualquer coleção de livros. Eis o paradoxo que toda biblioteca de interesse geral encarna: se, em maior ou menor grau, ela pretende acumular e preservar um registro do mundo tão completo quanto possível, sua tarefa é, em última instância, redundante, uma vez que só pode cumprir quando os limites da biblioteca coincidirem com os limites do próprio mundo (MANGUEL, 2006, p. 64).

Mas ainda que se tenha a advertência acima, acreditamos na proposta de que a Biblioteca na escola deva cumprir o papel de possibilitar o acesso ao conhecimento historicamente construído pelos homens. Este também é pensamento de Milanesi (1985), pois para ele a Ciência é cumulativa, tendo a Biblioteca a função de preservar a memória, organizando a informação para que todos dela possam usufruir. Para tanto a Biblioteca Escolar deve se constituir em um local de fácil acesso, agradável e onde as TIC estejam disponíveis para o uso não apenas dos docentes, mas de toda comunidade escolar.

Oliveira (1999) aponta para a necessidade de garantir aos alunos fontes de informação diversificadas e trabalhar com eles numa interpretação crítica das informações. Para a autora duas coisas são fundamentais. Primeiro, a necessidade de trabalhar de forma que o aluno saiba interpretar criticamente as informações analisando-as e depois saiba produzir uma síntese. Segundo, que trabalhe sempre na percepção de que sua interpretação não é a única possível, respeitando as ideias das outras pessoas, mesmo que essas venham de encontro com as suas.

No subitem abaixo “2.7.1.7 - Indicador Serviços e Atividades”, este assunto será discutido trazendo as percepções das servidoras entrevistadas, mas faz-se

interessante trazer a percepção da PEUB YM. Foi-lhe direcionada a pergunta “Em relação à pesquisa escolar, você acha que ela tende a se resumir a uma cópia, ou você acha que ela já está mais elaborada?”

Está evoluindo. Devagar, sabe. Poderia estar em um estágio mais avançado. Mas está evoluindo. Os alunos já não abrem um livro e pegam aquilo ali como uma base e copia aquilo tudo, eles já estão sabendo que um único livro não engloba o assunto. Já procuram mais. Mas ainda assim, mesmo eles sabendo que podem encontrar esse assunto em vários livros com visões diferentes, e autores diferentes, eles ainda copiam. Não leem tudo para colocar as conclusões. E até uma consequência disso que eu percebo, porque eu também gosto de frequentar muitas palestras da Faculdade [nome preservado]. [Eu] percebo que na faculdade os alunos têm muita dificuldade em fazer um Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Muita dificuldade. E eu sei que essa dificuldade não é culpa deles. É um despreparo lá na escola, lá no fundamental. [...] Mas eu acho que essa geração já está passando. Já está [vindo] uma geração mais preparada para fazer uma pesquisa mais completa. Mas eu acho que ainda está muito devagar. Eu acho que os professores poderiam investir mais nessas pesquisas, investir mais na orientação dos alunos (Parte da entrevista concedida pela PEUB YM).

O trabalho com a Pesquisa Escolar foi um ponto observado nas Escolas X e Y e que demanda atenção. Não há um trabalho consistente para que os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental tenha autonomia na pesquisa escolar.

2.6 – Biblioteca Escolar: Recurso Pedagógico

Sabemos que a existência de um trabalho colaborativo na escola, dependerá em grande parte do processo de construção do PPP, que tenha sido verdadeiramente uma construção coletiva, que a direção da escola estabeleça um clima harmonioso de trabalho, bem como promova com regularidade reuniões pedagógicas para acompanhamento e avaliação do PPP. Sendo o PPP o documento norteador de todo trabalho da escola com a finalidade de sucesso no processo ensino-aprendizagem, é imprescindível que a Biblioteca Escolar nele conste como recurso pedagógico que é. Para Durban Roca (2012) para que a Biblioteca Escolar possa ser reconhecida como recurso educacional é preciso que ela esteja associada no projeto curricular e educacional da escola. Assim ela se torna um elemento importante no processo ensino-aprendizagem apoiando o trabalho docente. Mas para que a Biblioteca Escolar possa ser este espaço

pedagógico é necessário a organização e a gestão dos seus recursos para se ter uma estrutura estável em um contexto próprio para a realização da ação educacional. Esta gestão é uma competência da administração escolar⁸⁴ porque ao seu alcance estão os elementos necessários à organização do processo ensino-aprendizagem. E requisito fundamental para este processo é colocar na Biblioteca Escolar um profissional preparado para esta função.

Na rede estadual de Minas Gerais, há resolução própria para a distribuição de aulas e funções na escola, mas ela sempre deixa abertura para a escola, através de sua gestão colegiada, definir critérios – chamados Critérios Complementares - para quem vai assumir, entre outras coisas, a função de PEUB. Porém para ocupar esta função, a possibilidade do uso dos critérios complementares tornam-se praticamente inválidos por outras condições que a resolução impõe, como visto no primeiro capítulo. Interessante seria se fosse obrigatório como requisito para o exercício da função de PEUB uma das duas formações: Licenciatura em Letras ou em Pedagogia, numa concorrência aberta para todos os professores. Acreditamos também que o trabalho na Biblioteca Escolar muito se beneficiaria se, em relação aos critérios complementares, o Colegiado Escolar, fundamentado no PPP da Escola, os definisse com mais propriedade e intenção para o exercício desta função, como por exemplo: a) Apresentação do Programa Anual de Trabalho pelo candidato a PEUB para escolha pela Comunidade Escolar; b) Pontuação por Título: Cursos na área de Artes, Especializações em Metodologias de Pesquisa e/ou Especializações em Alfabetização e Letramento e/ou Especializações em Ludicidade, etc.

Todas as ações da biblioteca – deverão ser concebidas e, por sua vez, essas ações são necessárias como bases que garantam a estabilidade da função de apoio que a biblioteca assume – como uma necessidade derivada do seu uso enquanto recurso educacional. Esta apoia e facilita, de forma geral, o desenvolvimento do projeto da escola e, de forma real, o desenvolvimento de conteúdos curriculares das diferentes áreas. O responsável pela biblioteca é um profissional que colabora com os professores, apresentando-se como um especialista e um referencial a recorrer para as questões relacionadas aos conteúdos curriculares da leitura, da formação literária e da competência informacional.

Ao mesmo tempo, nesse modelo, percebe-se a biblioteca escolar como um agente de atenção e apoio às desigualdades e de compensação social. A biblioteca pode oferecer a todos os alunos da

⁸⁴ Durban Roca usa a nomenclatura administração educacional e está seria um “órgão” gerenciador das escolas. Nesta Dissertação foi usada “Administração Escolar” porque defende-se esta ação como sendo responsabilidade da equipe gestora da escola.

escola a possibilidade de acesso igualitário à informação, à educação e à cultura (DURBAN ROCA, 2012, p.20-21).

Conforme Alfredina Nery (1989) citada por Maroto (2009) o planejamento de trabalho da Biblioteca Escolar tem que ser realizado junto com o planejamento da escola para que a Biblioteca escolar esteja a serviço do processo ensino-aprendizagem, a serviço do aluno.

A biblioteca faz seu planejamento junto com o planejamento da escola, para que ela possa contribuir com o trabalho de leitura que se quer sistematizado. [Sistematizado] porque entende professores e alunos como sujeitos da educação. Sistematizado porque objetiva um trabalho de leitura com todas as disciplinas e áreas de estudo e não apenas com o professor de Português. Sistematizado porque é o espaço de encontros e desencontros, pois vivencia a relação dialética entre a vida de cada um e o conhecimento registrado, que pode ser também alvo de crítica e de reconstrução, para se ter menos medo da contradição, do confronto, da diversidade (NERY citada por MAROTO 2009, p.79)

Para Durban Roca (2012) o sucesso no uso da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem passa pela ação dos professores porque são eles que fazem uso dos recursos educacionais – sendo a Biblioteca um destes. Um trabalho colaborativo do Professor⁸⁵ com o Professor Bibliotecário para que a Biblioteca possa realmente ser um fator de favorecimento do processo educacional é o que defende Freire (2007). Mais adiante estarei apresentando a relação entre as PEUB e professores nas Escolas X e Y.

Agora será visto como as gestoras direcionam o trabalho das PEUB e como estas interagem com a gestão e com os professores. Será exposto na ordem que esta sendo adotada até agora, primeiro discutiremos a situação da Escola X para passar em seguida para a Escola Y.

Ao perguntar para a Diretora X se a Escola X realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo neste momento a participação da PEUB, ela afirmou que sim. Segundo a mesma, eles se reúnem todas as semanas, duas horas por semana. Que nestas reuniões, além dela, estão presentes as Especialistas da Educação Básica - Supervisor Pedagógico, os Professores e a PEUB. Disse como é importante a PEUB estar em contato com os professores de todas as áreas, pois entende a Biblioteca como espaço

⁸⁵ O estudo refere-se, principalmente, ao professor de língua materna, no caso, o professor de Língua Portuguesa (Portugal).

multidisciplinar de leitura e pesquisa em todas as áreas. Sua presença na reunião é neste sentido necessária para se inteirar a respeito do trabalho que os professores vão realizar e assim contribuir já separando os materiais para estes.

Sobre a questão se a Escola X consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo e cooperativo entre os professores e o PEUB, a Diretora X afirmou que sim. Que professores e PEUB X estão sempre interagindo.

Questionada se acompanha o trabalho da PEUB X, realizando entre outras atividades, visita à biblioteca para valorizar o trabalho desta, dar-lhe apoio e saber como o trabalho está sendo realizado, a Diretora X disse estar constantemente na Biblioteca Escolar X. Que procura atender tudo que lhe é pedido porque acha importante que o ambiente de trabalho seja gostoso, que tenha todas as “ferramentas” necessárias para a realização do trabalho. Então, na medida do possível, tudo que é solicitado ela atende.

Quando questionada se a Escola X realizava momentos de planejamento coletivo das atividades pedagógicas incluindo neste a participação da PEUB, a Supervisora X explicou que uma vez por semana, às quartas-feiras, das 15h às 17h, há as reuniões de módulo, das quais a PEUB X sempre está presente. Ressaltou que nessas reuniões os projetos que a Biblioteca tem feito são discutidos aproveitando-se a oportunidade para se debater as necessidades dos alunos, o que tem trazido bons resultados. Esta profissional ainda explicou que todo projeto idealizado pela PEUB X é apresentado para as supervisoras⁸⁶ que têm por prática o acompanhamento do trabalho da PEUB X com os alunos dentro da Biblioteca.

A PEUB X confirmou esta integração com as supervisoras no trabalho na biblioteca: “Elas conversam comigo, eu entro em acordo com elas. É junto, sozinha não”. Ao lhe perguntar se este trabalho poderia ser considerado como colaborativo Supervisão-PEUB-Professores, ela afirmou:

Isto. Porque se às vezes eu tenho uma ideia só eu sozinha, às vezes não flui. Ai se eu comunico a supervisão ou a supervisão comunica comigo e fala assim ‘olha, agora, por exemplo, em outubro, em vez da gente ficar trazendo um artista de fora para fazer alguma coisa que tem que pagar, eu quero que a biblioteca trabalhe junto. Aí já tem eu, tem a professora de Educação Física, tem uma professora do quinto ano. A gente ajunta e forma um grupinho que vai ajudar e a escola inteira vai participar. Então aí em vez de pagar um teatro,

⁸⁶ A Escola X tem duas supervisoras, porém no dia da entrevista uma supervisora estava de Licença-saúde.

gastar um dinheiro. Aí a gente mesmo “bola” a história e as crianças todas participam. Aí tem [jogo de] perguntas e respostas. Não fica uma coisa assim: eu estou aqui e a criança está lá. É tudo, igual você falou, cooperativo.

Esta profissional destacou ainda em seu depoimento sua participação no planejamento coletivo das atividades pedagógicas através da frequência aos Módulos⁸⁷, onde ela também fala e convida as professoras a sair da sala de aula e vir para a Biblioteca para participar, fazer trabalhos junto com as crianças, para descansar também as crianças da sala.

Quando questionada se a Escola Y realiza momentos de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo nesses momentos a participação dos PEUB, a Diretora Y disse que realiza. Entretanto quando perguntada se a Escola Y conseguia realizar uma prática pedagógica voltada para um trabalho colaborativo, cooperativo entre os professores e as PEUB, a Diretora Y relatou que consegue, mas não sempre, devido à falta do planejamento de grupo da Biblioteca e explicou que os professores não planejam com a PEUB⁸⁸ porque esta já tem o projeto pronto.

Relatou ainda sua dificuldade em acompanhar o trabalho da PEUB YT devido à alta demanda disciplinar neste turno Contudo afirmou que verifica o planejamento das três PEUB, que possuem desempenhos diferenciados em função do turno.

Em entrevistas com as duas supervisoras⁸⁹ que atendem ao Ensino Fundamental no turno da manhã, sobre a questão se a Escola Y realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas incluindo nestes a participação das PEUB, a Supervisora Y2 falou que elas não participavam dos Módulos, que se definem como local de encontro dos professores e discussão das atividades pedagógicas. Perguntadas se a Escola Y conseguia realizar uma prática pautada por um trabalho colaborativo, cooperativo, entre os professores e as PEUB, a Supervisora Y2 contou que no ano passado (2011) a EX PEUB YM fez uma intervenção com o 6º ano, o que ainda não havia ocorrido no ano de 2012.

Perguntadas se conseguiam realizar um trabalho que consiga articular professores e PEUB em função do objetivo comum da educação na Escola Y, a Supervisora Y2 respondeu que no turno⁹⁰ delas não. A mesma expôs que a PEUB orienta os alunos e também dá suporte para o professor quando necessário.

⁸⁷ Reuniões chamadas Módulo II na qual os professores estudam.

⁸⁸ Aqui a Diretora Y falou no singular.

⁸⁹ A entrevista foi realizada com as duas ao mesmo tempo.

⁹⁰ Matutino.

Explicou que quando o professor tem que fazer pesquisas e pede a opinião da PEUB neste sentido, eles trabalham juntos. Mas que não há um momento só para eles, e que esta situação se reproduz para o coletivo de professores. Ambas supervisoras afirmam não acompanhar diretamente o trabalho da PEUB.

Ao narrar sua experiência de anos na Biblioteca Escolar Y a EX PEUB YM, afirmou não ter participado dos momentos de planejamento coletivo das atividades pedagógicas a não ser no caso de atividades diretamente relacionadas à Língua Portuguesa e Literatura.

Contando que sempre buscava retorno dos professores sobre os alunos que frequentavam a Biblioteca Escolar e tendo tido diversos retornos positivos da melhora dos mesmos no processo ensino-aprendizagem, foi questionado a EX PEUB YM se ela achava que a forma da Escola Y trabalhar poderia ser mais colaborativa com a integração entre professores e biblioteca. Reconhece, no entanto, que houve progressos em relação ao passado.

É... eu consegui isso. Por exemplo, você vê nos 7º anos hoje nós temos uma professora [que] faz um trabalho conjunto com a gente. Ela consegue conversar com a gente, o que a gente teria para trabalhar com os 7º anos, [...] por exemplo, ela quer romance, ela quer uma aventura, ela quer uma coisa... Então a gente conseguiu estabelecer com alguns professores um trabalho efetivo mesmo. E nem sempre são professores de Língua Portuguesa. São professores de diversos conteúdos.

Embora sua substituta esteja há pouco tempo na função, ainda sim ela nos trouxe sua visão sobre a função de PEUB e o/no processo ensino-aprendizagem. Narrou a dificuldade de encontrar apoio e incentivo a realização de projetos, apesar do interesse dos alunos. Ela não participa das reuniões dos Módulos, onde pouco se discute os projetos de leitura, dando-se prioridade à análise dos resultados das avaliações externas. Ela também não visualiza estas reuniões como possibilidade de um trabalho colaborativo com os professores para atrai-los para a Biblioteca, pois, segundo ela, quando vai conversar com os professores durante o recreio não vê muita empolgação. E apontou que talvez seja uma falha do sistema - de preencher muito papel, preencher muito documento em que os professores se tornam muito preocupados com essa parte burocrática.

Segue agora a percepção das Supervisoras Y1 e Y3⁹¹. Sobre a questão se a Escola Y realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas incluindo neste a participação da PEUB YT, a Supervisora Y1 afirmou **“Olha, na verdade ela deveria participar sim, já que ela é uma professora para uso da biblioteca, para uso pedagógico, mas não há essa participação.** Agora, por quais razões, eu desconheço” (Grifo meu). Posteriormente, a Supervisora Y3 que respondeu a questão se a Escola Y consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo, cooperativo entre os professores e a PEUB afirmou que há uma cooperação, há uma escala em que as salas de aula frequentam a biblioteca durante a semana para leitura.

Quando questionadas se elas acompanhavam o trabalho da PEUB YT. A Supervisora Y1 relatou que esta, superficialmente, apresentou uma proposta - que é a de ter uma rotina de frequentar a biblioteca, mas não há um projeto escrito: “É o que eu falei, é o que a Supervisora Y3 disse, existe um trabalho nesse sentido...”. Que é o trabalho das crianças frequentarem a biblioteca.

A PEUB YT confirmou o que falaram as Supervisoras tanto no que se refere às reuniões, quanto no que se refere a oficializar projetos. Quando questionada se participa dos momentos de planejamento coletivo das atividades pedagógicas.

A: As dos módulos você não participa não?

PEUB YT: Não. Não participo.

A: E de outras reuniões?

PEUB YT: De outras reuniões sim.

Neste ponto torna-se interessante trazer à tona a questão de porque quase todas as PEUB não participam das reuniões pedagógicas – chamadas de Módulo II. O cumprimento da jornada de trabalho do Professor da Educação Básica da rede estadual de Minas Gerais atualmente encontra-se regulamentada pelo artigo 1º do Decreto Estadual nº 40.013/1998. Pela referida legislação, a carga horária semanal e mensal do professor está assim distribuída:

⁹¹ A entrevista foi realizada com as duas ao mesmo tempo.

Quadro 1 – Composição da Carga Horária do Professor Regente de Turmas ou Aulas.

Nº Horas/Aulas Semanais	Nº Hora destinada(s) p/ Atividades Extraclasse	Nº Hora destinada p/ Reunião	Carga Horária Semanal	Carga Horária Mensal
01	30 MIN	2H	3H30 MIN	16H
02	30 MIN	2H	4H30 MIN	20H
03	1 H	2H	6H	27H
04	1 H	2H	7H	32H
05	1 H	2H	8H	36H
06	1 H	2H	9H	41H
07	2 H	2H	11H	50H
08	2 H	2H	12H	54H
09	2 H	2H	13H	55H
10	2 H	2H	14H	63H
11	3 H	2H	16H	72H
12	3 H	2H	17H	77H
13	3 H	2H	18H	81H
14	3 H	2H	19H	86H
15	4 H	2H	21H	95H
16	4 H	2H	22H	99H
17	4 H	2H	23H	104H
18	4 H	2H	24H	108H

Adaptado pela autora a partir do anexo do Decreto Estadual nº 40.013/1998

A legislação educacional da rede pública estadual mineira garante o cumprimento de parte da jornada a que o professor está sujeito fora de sala de aula sendo remunerada para várias situações, dentre as quais a participação de reuniões, definidas em duas horas semanais, independente do número de aulas atribuídas ao docente – conhecidas como Módulo II. Para o professor que assume a função de PEUB para trabalhar na Biblioteca Escolar não há previsão de destinação de parte da carga horária remunerada para a participação em reuniões pedagógicas, o que favorece uma não articulação entre professores regentes de turmas ou aulas e PEUB que atuam na Biblioteca Escolar.

Pela Lei 7109 de 13 de outubro de 1977 que contém o Estatuto do pessoal do Magistério Público do Estado de Minas Gerais

Art. 13 - São atribuições específicas:

I - de Professor, o exercício concomitante dos seguintes módulos de trabalho: módulo 1: regência efetiva de atividades, área de estudo ou disciplina; módulo 2: elaboração de programas e planos de trabalho, controle e avaliação do rendimento escolar, recuperação dos alunos, reuniões, autoaperfeiçoamento, pesquisa educacional e cooperação, no âmbito da escola, para aprimoramento tanto do processo ensino-

aprendizagem, como da ação educacional e participação ativa na vida comunitária da escola;

[...]

Art. 98 - As atribuições específicas do professor ou do especialista de educação, nos termos do artigo 13, serão desempenhadas:

I - obrigatoriamente, em regime básico de 24 (vinte e quatro) horas semanais de trabalho, por cargo;

(Vide art. 3º da Lei nº 8131, de 22/12/1981.)

(Vide Lei nº 9401, de 18/12/1986.)

Art. 99 - Ressalvadas as variações que na prática se impuserem, o regime básico de 24 (vinte e quatro) horas semanais incluirá os módulos de trabalho a que se refere o artigo 13, na seguinte proporção:

I - para o professor regente das quatro primeiras séries do 1º grau, o módulo 1 constará de 18 (dezoito) horas de trabalho na turma, ficando as horas restantes para cumprimento das obrigações do módulo 2, incluído o recreio;

II - para o professor regente de atividade especializada, área de estudos ou disciplina, o módulo 1 incluirá 18 (dezoito) horas-aula, ficando as restantes horas de trabalho para cumprimento das obrigações do módulo 2, incluídos os intervalos de aula e recreio.

Parágrafo único - Para os efeitos do inciso II deste artigo, a hora-aula tem a duração de 50 (cinquenta) minutos (MINAS GERAIS, 1977).

O Projeto de Lei 3.461/2012, aprovado na Assembleia Legislativa em 19 de dezembro de 2012 e publicado no Diário do Legislativo em 20 de dezembro de 2012, que tem como objetivo regulamentar a aplicação da Lei 11738/2008⁹², apresenta a possibilidade de participação nas reuniões pedagógicas e outras atividades de planejamento e formação continuada do profissional que estiver na função de PEUB.

Art. 33 - A carga horária semanal de trabalho do servidor ocupante de cargo das carreiras dos Profissionais de Educação Básica será de:

I - vinte e quatro horas para as carreiras de Professor de Educação Básica e Especialista em Educação Básica;

[...]

§ 6º - O Professor de Educação Básica que não estiver no exercício da docência ou **que exercer suas atividades no ensino do uso de biblioteca**, na recuperação de alunos, no atendimento de alunos inscritos na educação de jovens e adultos, na opção semipresencial, ou nos Núcleos de Tecnologias Educacionais - NTE, **cumprirá vinte e quatro horas semanais no exercício dessas atividades, incluindo as horas destinadas a reuniões, em local definido pela direção do órgão de sua lotação.**

[...].

Percebe-se, portanto, que em Minas Gerais há uma possibilidade de avanço na Política Educacional ao possibilitar a participação dos profissionais que estiverem

⁹² Lei do Piso Salarial Nacional dos Professores que determinou que 1/3 da jornada do professor seja cumprida sem ação direta junto aos alunos.

exercendo a função de PEUB em reuniões defindas pelo diretor, o que antes não acontecia no caso de reuniões pedagógicas. Isto possibilitaria um trabalho colaborativo do PEUB com os professores de turmas e de aulas integrando o trabalho pedagógico para a busca da melhoria da qualidade do ensino⁹³. É importante que no Decreto que virá regulamentar a futura lei haja previsão expressa de participação das PEUB nas reuniões pedagógicas para que ocorra um trabalho colaborativo destes com os professores integrando o trabalho pedagógico conforme definido no PPP⁹⁴.

Dando continuidade à fala da PEUBYT sobre as diversas possibilidades de dinamização da Biblioteca Escolar foi-lhe perguntado se ela pretendia formalizar também um projeto no papel. Disse não ter pensado. “É porque eu sou muito assim, eu gosto mais assim, se for para fazer, depois que eu fiz o ato em si, aí eu quero. Eu não gosto que fique no papel, porque é muito fácil você colocar no papel”.

Pelos relatos vê-se que a Escola X consegue realizar um trabalho integrado entre a PEUB X e demais profissionais. No outro extremo encontra-se a Escola Y. Esta ainda precisa encontrar o caminho para um trabalho harmônico entre as PEUB e os professores regentes de turmas e de aulas. Como já apontado acima, a falta de um trabalho colaborativo entre os docentes de sala de aula e o PEUB é um destes entraves que faz com que a Biblioteca Escolar seja subutilizada. Mais uma vez é preciso reafirmar a obrigação do poder público de fornecer formação continuada para os PEUB.

Durban Roca (2012) defende que a Biblioteca Escolar deverá ser utilizada mais como um recurso pedagógico para a prática educacional do que simplesmente como um recurso bibliotecário. A autora não nega a importância do conhecimento de Biblioteconomia para melhor funcionalidade da Biblioteca Escolar, mas defende que esta deve sair desta terra de fronteira. Ou seja, a Biblioteca Escolar não pode se resumir a serviço – empréstimos de livros e se consumir na mecânica organizacional. Pode e deve aproveitar tudo que a área da Biblioteconomia, mas fixar suas raízes na área pedagógica. Vejamos:

É urgente, para um amplo e mútuo entendimento, estabelecer relação de colaboração com a área bibliotecária para trabalhar na construção de um discurso comum vinculado à necessidade real de

⁹³ Esta possibilidade se concretizará caso o governo não vete o Projeto de Lei 3.461/2012 na íntegra ou em partes, ou seja, no caso do dele ser sancionado na íntegra pelo chefe do poder executivo.

⁹⁴ Ver Nota de Rodapé nº 20.

incluir o funcionamento da biblioteca escolar como recurso, e não como serviço. O âmbito bibliotecário pode e deve fazer uma grande contribuição ao setor educacional para auxiliar nos aspectos relacionados à gestão dos recursos e à implementação de serviços na biblioteca escolar. Contudo, sempre em função das necessidades que os responsáveis pelos programas de apoio e desenvolvimento de bibliotecas escolares determinam. Deve-se avançar nessa direção (DURBAN ROCA, 2012, p.22).

Vimos ponto a ponto trazendo referencial teórico que nos sustente na análise das Bibliotecas Escolares pesquisadas. A partir de agora veremos o quanto elas se aproximam ou distanciam do “ideal” aqui defendido – ser recurso pedagógico a favor do processo ensino-aprendizagem. Eis o objetivo do próximo tópico e que também é o cerne desta pesquisa.

2.7 – Bibliotecas Escolares Pesquisadas: Em que ponto se encontram?

Se, no capítulo 1 para melhor entendimento da situação de cada unidade escolar pesquisada foi necessário apresentá-las separadamente⁹⁵, agora se faz imperioso entrecruzar as informações para analisarmos. Como já dito, ao buscar uma comparação entre duas realidades espera-se encontrar os fatores de sucesso, bem como os fatores que impedem uma boa gestão da Biblioteca Escolar para que, assim, possa ser conhecido e divulgado para outras escolas públicas da rede, boas práticas de gestão da Biblioteca Escolar, bem como ser repensado fatores e/ou práticas impeditivas de uma boa gestão da mesma. O anseio é chegar mais próximo do cerne dos entraves na gestão de cada Biblioteca Escolar pesquisada para apresentar caminhos possíveis para que elas se tornem cada vez mais recurso pedagógico a favor do processo ensino-aprendizagem, mas sem ter a pretensão de julgar que o resultado a que esta Dissertação chegar é perfeito e o único aceitável.

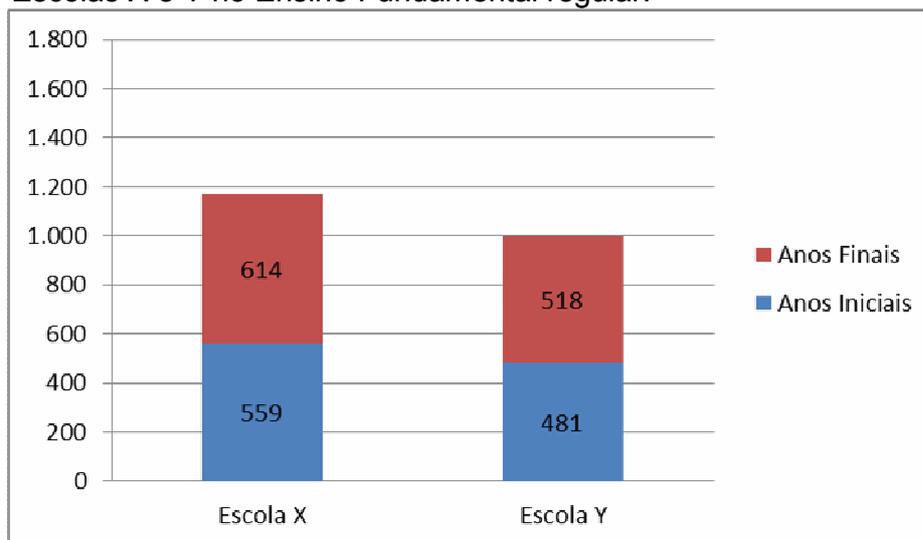
Para tanto, trar-se-á os seis indicadores⁹⁶ - “Espaço físico”, “Acervo”, “Organização do acervo”, “Computadores com acesso à internet”, “Serviços e atividades” e “Pessoal” - observados no capítulo anterior, far-se-á uso das entrevistas semiestruturadas com as Diretoras, Supervisoras e PEUBs das Escolas X e Y, das observações in loco, das informações de alguns gráficos, das fotos tiradas nos momentos de observação e do referencial teórico.

⁹⁵ Com exceção dos comparativos: Índice socioeconômico, Avaliações Externas e Ideb.

⁹⁶ Criados pelo GEBE

Como visto no gráfico 1, a Escola X possui 1.173 alunos matriculados no Ensino Fundamental e a Escola Y possui 1.735 alunos matriculados desde os Anos Iniciais até o Ensino Médio, considerando também a EJA. Como o foco desta pesquisa é o uso da Biblioteca Escolar no Ensino Fundamental, vamos agora comparar a população estudiantil atendida neste nível de ensino nas duas escolas.

Gráfico 21- Total de Alunos Matriculados em 02/10/2012 nas Escolas X e Y no Ensino Fundamental regular.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Relatório 11 - Nº de Alunos Enturmadados por Escola atualizado em 02/10/2012 do Simade Web (Sistema Mineiro de Administração Escolar) / SEEMG (2012)

Olhando por este prisma vê-se que a Escola X atende mais alunos tanto nos Anos Iniciais como nos Anos Finais do Ensino Fundamental regular do que a Escola Y, aquela com 1.173 e esta com 999. Os 1.173 alunos da Escola X se dividem em 559 nos Anos Iniciais e 614 nos Anos Finais. Os 999 alunos da Escola Y se dividem em 481 nos Anos Iniciais e 518 nos Anos Finais. A Escola X possui aproximadamente 16% alunos a mais nos Anos Iniciais e 18% alunos a mais nos Anos Finais do que a Escola Y (Gráfico 21).

Se, por um lado, a Escola X atende mais alunos no Ensino Fundamental do que a Escola Y, por outro lado, observa-se pela tabela 3 que a área do terreno da Escola X é aproximadamente 64% maior do que a área da Escola Y.

Tabela 3 – Áreas do Terreno e Construídas das Escolas X e Y

ÁREA	ESCOLA X	ESCOLA Y
Terreno	4.072,00m ²	2.480,00 m ²
Construída	2.997,40 m ²	2.496,40 m ²

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Sistema de Controle do Atendimento Escolar (SCAE).

Observação: Ambas são construídas em dois andares.

Nota-se pela proporção da área construída, que a Escola Y dispõe de muito pouca área livre (Tabela 3). Fato que é recorrente nas falas das servidoras entrevistadas da Escola. Estas informações: quantitativo de alunos e área construída é relevante, principalmente porque é preciso lembrar que a Escola Y oferece também o Ensino Médio⁹⁷ - que por não ser objeto desta Dissertação não consta no gráfico 21.

2.7.1 - Analisando as Bibliotecas Escolares X e Y

Reconhecido que a Biblioteca Escolar é um recurso pedagógico fundamental para o processo ensino-aprendizagem, necessário que este reconhecimento seja sólido de forma que toda comunidade escolar também a reconheça e valorize como tal. Faz-se importante que ela seja descrita como recurso pedagógico e o que se espera de seu uso no documento norteador do processo ensino-aprendizagem, o PPP. É também importante que a Biblioteca Escolar tenha Estatuto ou Regulamento⁹⁸ que não se limite às normas de uso, mas que defina sua dimensão pedagógica seja quando os alunos nela se encontram sozinhos ou como apoio ao professor em seu trabalho pedagógico. Ou seja, deve também tratar das funções pedagógicas do profissional que trabalha na Biblioteca.

2.7.1.1 – Documentos escolares e Biblioteca Escolar

2.7.1.1.1 – Biblioteca Escolar X

Na Escola X vê-se que a Biblioteca Escolar é valorizada no processo pedagógico, pois o Regimento Escolar de 2010 traz informações para uso da

⁹⁷ Tanto no turno da manhã quanto no noturno.

⁹⁸ A Biblioteca Escolar X possui regulamento (Anexo III)

Biblioteca como serviços pedagógicos complementares. O artigo 45 deste documento dispõe que a Biblioteca Escolar tem a finalidade de fornecer elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas. Entretanto, a Escola X precisa avançar mais e repensar seu PPP - documento norteador do processo ensino-aprendizagem - e estabelecer neste a relação da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico.

2.7.1.1.2 – Biblioteca Escolar Y

Por outro lado, não encontramos nenhuma referência à Biblioteca Escolar Y, nem no Regimento da Escola Y, nem em seu PPP. Em entrevista, a Diretora Y⁹⁹ reconheceu a necessidade de rever os documentos norteadores da vida escolar e do processo ensino-aprendizagem. A Escola Y necessita repensar seu PPP estabelecendo, entre outros fatores, a Biblioteca Escolar como recurso pedagógico.

2.7.1.2 - Horário de funcionamento da Biblioteca Escolar

2.7.1.2.1 – Biblioteca Escolar X

Quanto ao horário de funcionamento das Bibliotecas Escolares, a Biblioteca Escolar X funciona de forma regular em todos os dois turnos de funcionamento, não fechando em momento algum. No horário de recreio é intenso o movimento, devido à procura pelos alunos. Em entrevista questionada se era realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência à Biblioteca Escolar no horário de recreio, a Diretora X explicou que eles colocam o “Carrinho de Leitura¹⁰⁰” no pátio, geralmente uma vez por semana, com material de leitura diversificado. Explicou ainda que no horário do recreio ela, os professores, supervisoras e pessoal da cantina ficam no local do recreio e não há problemas, os alunos sabem usar com cuidado o material. Ela esclareceu ainda que os alunos têm a liberdade de ir à biblioteca da hora do recreio porque ela fica aberta na hora do recreio. Perguntada então se era um recreio só ou mais de um por turno, a Diretora X respondeu ser um recreio por turno. Ela se mostrou satisfeita com o trabalho da PEUB X, disse que ela conta muitas histórias para os alunos. Ela se prepara para contar e que os alunos a amam. Buscando a percepção da PEUB X sobre a Biblioteca Escolar e seu funcionamento no horário do

⁹⁹ Assumi a direção em 2012. Antes estava na vice-direção.

¹⁰⁰ Uma estante móvel própria para livros.

recreio, foi-lhe perguntado se era realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência a Biblioteca Escolar no horário do recreio, ela falou que a Biblioteca Escolar X é tão procurada na hora do recreio que acontece dela ficar lotada. Ela explicou que para atrair os alunos à Biblioteca Escolar X no horário do recreio tem que ter um livro de acordo com as crianças e com o tempo disponível, então ela deixa os gibis disponíveis, ou seja, ela monta a “Gibiteca”. Explicou ainda que o gibi é um material que não é emprestado para levar para casa, ele fica disponível somente para leitura na biblioteca.



2.7.1.2.2 – Biblioteca Escolar Y

Assim como foi colocada a questão do uso da Biblioteca Escolar no recreio para a outra escola, assim será feito para esta. Vamos ver diversos posicionamentos e explicações dos gestores da Escola Y e das PEUB sobre o assunto. Neste momento, faz-se oportuno lembrar que na Escola Y foram entrevistadas: 1 Diretora, 4 Supervisoras do Ensino Fundamental (duas do turno da manhã e duas do turno da tarde) e 3 PEUB: a EX-PEUB e a atual PEUB do turno da manhã e a PEUB do turno da tarde).

A Escola Y tem uma situação bem diversa da outra escola. Como já visto a Biblioteca Escolar Y funciona nos turnos matutino e vespertino, mas não funciona

durante o horário do recreio. Também fecha no intervalo entre um turno e outro. A Diretora Y esclareceu que a Biblioteca Escolar Y está sempre aberta no horário do recreio, mas que não é feito nada para tornar atrativa a frequência à Biblioteca neste horário. Ela explicou que a escola tem quase dois mil alunos e que aqueles alunos que gostam de frequentar a Biblioteca, já vão direto; e que esta frequência não é incentivada para que não haja bagunça. Disse ter uns alunos que gostam de ficar no horário do recreio lendo e que outros que vão pegar alguma coisa para levar para casa. Ilustrou que o horário de recreio é curto (15 minutos) e que são três horários de recreio no turno da manhã e quatro à tarde. Perguntei-lhe se achava proveitoso ter quatro horários de recreio num turno, ao que ela elucidou ser uma coisa inevitável devido ao quantitativo de alunos por turno e ao pequeno espaço para recreação. Também em entrevista, a EX-PEUB YM explicou que os meninos estavam ficando muito na Biblioteca no horário de recreio e estavam causando problema no refeitório porque eles deixavam a Biblioteca Escolar no fim do tempo reservado ao recreio e, aí eles queriam lanchar e falavam que estavam na Biblioteca. E que isto começou a gerar um problema “administrativo” porque eles queriam comer fora do horário e acabavam chegando atrasados na sala de aula. Ela disse que a Biblioteca Escolar começou a ser motivo de problema por causa do descompasso na organização do tempo escolar. A EX-PEUB YM¹⁰¹ disse que a direção tem pedido para deixar encostada a porta da Biblioteca Escolar no horário de recreio. No mesmo sentido foi a resposta da PEUB YT. Segundo ela, as crianças gostam de frequentar a Biblioteca Escolar na hora do recreio, mas depois não querem voltar para a sala de aula e, por este motivo, recebeu orientação para não deixar os alunos ficarem na Biblioteca neste horário. Entrevistando as Supervisoras Y1 e Y3¹⁰², foi lhes perguntado se havia projeto para a expansão da Biblioteca. A Supervisora Y1 disse não haver terreno e a Supervisora Y3 acrescentou que a escola cresceu demais em número de alunos, o que acabou dificultando outras áreas. Ela deu o exemplo do horário do recreio. Disse que na hora do recreio as crianças não têm o espaço que deveria pelo número de alunos que tem. E que então a Biblioteca não pode ser ampliada porque tomaria parte do refeitório. Sobre uma

¹⁰¹ A EX PEUB YM deixou a função de PEUB e assumiu a função de Professora Recuperadora, função que exerce na Biblioteca Escolar Y.

¹⁰² Para preservar o nome das supervisoras colocou-se apenas a letra “Y” como a escola foi denominada e aleatoriamente foi distribuído um número fixo para cada uma das quatro supervisoras da Escola Y.

observação do barulho constante do recreio a Supervisora Y1 disse ser uma hora e vinte minutos por dia de recreio, o que segundo ela, até dificulta o trabalho dos professores. Perguntada se havia necessidade de quatro horários de recreio a mesma respondeu que não há espaço físico para 300 alunos de uma só vez no espaço disponível para o recreio.

2.7.1.3 - Indicador Espaço Físico

2.7.1.3.1 – Biblioteca Escolar X

Pelos parâmetros GEBE, no que se refere ao indicador “Espaço Físico¹⁰³” a Biblioteca Escolar X encontra-se no Nível Básico, pois esta instalada em uma área total de 140 m², sendo de 120m² a área acessível a todos os usuários e de 20m² a área destinada à mesa de trabalho da PEUB e arquivos. Este espaço é distribuído em dois, sendo de 80 m² a área destinada para os livros, um computador para uso da PEUB, duas mesas de escritório com cadeiras para as bibliotecárias e um armário de aço utilizado como arquivo e os outros 60 m² é o espaço para os equipamentos de multimeios (uma televisão de 29”, um aparelho de vídeo, um computador, uma impressora com *scanner*), duas mesas de escritório com cadeiras, oito mesas e trinta e duas cadeiras para uso dos alunos e almofadas.

¹⁰³ No Indicador “Espaço Físico” a Biblioteca escolar é considerada no Nível Básico se possuir de 50m² até 100m² de espaço físico acessível a todos os usuários e Nível Exemplar se o mesmo for acima de 300m².



A Biblioteca X é atrativa, pois possui além das mesas com cadeiras, tapetes, almofadões e almofadas coloridas, permitindo aos alunos se acomodarem como desejarem ou conforme a demanda de trabalho da PEUB ou do professor. O acervo se encontra à altura dos alunos permitindo, assim, que eles manuseiem os livros. Entretanto não há um espaço específico para leitura infantil. Assim o espaço para leitura e pesquisa e para leitura infantil são os mesmos, o que há é a mobilidade da disposição do espaço para se adequar ao atendimento que está sendo exigido. Veja agora a outra escola.

2.7.1.3.2 – Biblioteca Escolar Y

A Biblioteca Escolar Y, no que se refere ao Indicador “Espaço Físico” dos parâmetros GEBE, enquadra-se no Nível Básico, pois sua construção é um salão de 82,5m², acessível a todos os usuários.



Pela foto acima da Biblioteca Escolar Y, vê-se que há pouca possibilidade¹⁰⁴ de mudança estrutural para arrumar um local para Contação de História. Da forma como esta disposta há muito pouco espaço vazio e acaba que todo este espaço se torna passagem para os usuários. Fato que foi confirmado em entrevista pela Supervisora Y2 ao comentar sobre o curso de capacitação que ela mais a EX-PEUB YM fizeram. No curso elas receberam informação para promover atividades na Biblioteca para atrair professores e alunos para a mesma. Então ela e a EX-PEUB YM pensaram até em fazer um espaço diferente. Uma sala especial, onde tivesse um sofá, umas almofadas, para que o aluno sintasse mais confortável. Por fim, constataram não terem espaço físico na Escola para esta mudança. A Supervisora Y3 também demonstrou insatisfação com o espaço físico da Biblioteca Escolar Y.

Todo mundo da Superintendência que às vezes vem visitar a biblioteca fala assim: “Nossa que biblioteca rica, que biblioteca boa!”, mas nós não temos a estrutura para estar explorando melhor essa biblioteca. Por exemplo, é impossível duas salas fazerem um projeto, ou desenvolverem uma atividade juntas. Não tem espaço. No início do ano mesmo, é uma luta para usar. Porque a biblioteca fica tomada pelos livros que chegam do governo... (Parte da entrevista realizada com a Supervisora Y3 em 03/09/2012)¹⁰⁵.

Entrevistando a PEUB YM¹⁰⁶ se ela já estava elaborando algum projeto para atrair os alunos à biblioteca, ela contou uma experiência de Contação de História que já realizou em outra escola e que está pensando sim, mas que ainda não havia comentado com ninguém. Segundo a mesma, seria assim: “tirar um dia depois do recreio e levar os alunos para o auditório [ou] na biblioteca, mas formar o ambiente. Colocar tapete, umas almofadas [...] e escolher alunos que tenham essa habilidade de contar histórias [...]”.

¹⁰⁴ Uma possibilidade seria pensar em trazer todas as estantes para o canto da frente e colocá-las não encostadas na parede, mas em filas. Logo após a sessão das estantes, colocar a mesa de trabalho da PEUB. Isto faria que a parede que vai da porta e que tem as janelas se tornaria um corredor livre e desimpedido. Então no canto final faria um espaço só com as mesas de trabalho dos alunos e talvez houvesse espaço para sofás de canto.

¹⁰⁵ Pela foto da para se fazer uma ideia de como todas as mesas da Biblioteca Escolar Y ficam tomadas de Livros Didáticos. No dia da foto estes poucos Livros Didáticos que se encontravam em cima da mesa refere-se à época em que a Escola Y começa escolher quais Livros Didáticos serão usados no ano letivo seguinte. Esta explicação foi dada por uma professora que estava no local no momento de observação *in loco* e que a foto foi tirada.

¹⁰⁶ Que substituiu a EX PEUB YM, esta mudou de função, continua na escola, mas como professora recuperadora.

2.7.1.4 - Indicador Acervo

2.7.1.4.1 – Biblioteca Escolar X

Quanto ao indicador “Acervo¹⁰⁷” a Biblioteca Escolar X possui um acervo de 15.000 livros e 1000 revistas em bom estado de conservação. A escola não faz assinatura de revistas e o acervo só é renovado com doações de revista. Quanto a jornais, ela possui três assinaturas, sendo o *Vale da Eletrônica* e o *Folha de São Paulo* (semanais) e o *Empório* (mensal). Possui quatro títulos de enciclopédia e 120 (cento e vinte) dicionários. Possui cinco volumes de almanaques, sendo três almanaques do Brasil e do Mundo, porém todos eles são até o ano de 2002 e não é adquirido mais almanaques. Segundo a PEUB X¹⁰⁸, não há muito interesse por parte dos alunos nestes materiais por causa de tecnologias como a internet. No que se refere a Outros materiais, têm-se que apenas o número de gibis é insuficiente porque são muito procurados e por seu material ser de fácil desgaste, acaba estragando rápido. Quanto ao número de livros por alunos este é de cinco *per capita*. Tanto o equilíbrio entre os assuntos e entre séries ou faixa etária dos alunos quanto o estado de conservação, como condições gerais do acervo, são bons. Quanto à categoria frequência de utilização temos que ela é muito usada pelos alunos e razoavelmente usada pelos professores. Quanto ao descarte de material, ele é realizado sistematicamente duas vezes por ano. Ele é doado para outra Biblioteca ou vai para reciclagem, nunca para o lixo.

¹⁰⁷ O indicador “Acervo” encontra-se no Nível Básico quando há na Biblioteca Escolar, a partir de um título por aluno e encontra-se no Nível Exemplar quando a Biblioteca Escolar possui quatro títulos por aluno.

¹⁰⁸ Para preservar a identidade das profissionais entrevistadas da Escola X será adotada a letra X depois do cargo/função das mesmas.



A Escola X não conta com uma comissão de seleção do acervo, sendo a solicitação feita pelos professores e/ou pela PEUB X diretamente para a Diretora. Quem esclarece esta situação é a Diretora X. “[Quando] nós temos uma verba que não é específica e que pode ser gasta com livros, nós da escola vamos gastar com livros”. A Diretora X explica que a compra é feita em cima da solicitação dos professores porque são eles que vão usar.

Nesta questão a Escola X, através do Projeto Alfabetização e letramento: GDP “Como é que se escreve?”, dispõe de uma parte da verba do projeto especificamente para a aquisição de livros. Este projeto já vigora há mais de quatro anos. A Diretora X relatou que pelo GDP é disponibilizado verba para compra de material de consumo e permanente. E que a Escola X usa as verbas, seja para a compra de livros, seja para a aquisição de equipamentos. Neste sentido a Diretora X contou que comprou a cortina para o teatro.

A Diretora X informou que a Escola X foi este ano (2012) contemplada com o Cantinho da Leitura em Belo Horizonte. E que com a verba deste, ela adquiriu muitos livros para a Biblioteca Escolar X na Feira do Livro que aconteceu em Belo

Horizonte, aumentando significativamente o acervo da Biblioteca. Contou que comprou, por exemplo, o livro “Diário de um Banana” que os alunos amam e outros livros para o público infanto-juvenil.

Também sobre a parte do Acervo da Biblioteca Escolar X, contou que o FNDE enviou os áudios-livros, que segundo a Diretora X é um material excelente. No que se refere a este indicador, a Biblioteca Escolar X encontra no Nível Exemplar.

2.7.1.4.2 – Biblioteca Escolar Y

A Biblioteca Escolar Y no que se refere ao indicador “Acervo”, possui um acervo de 5.000 livros de Literatura em bom estado de conservação, com a assinatura de duas revistas, “Nova Escola” e “Época” além de revistas de conteúdos curriculares que a escola recebe do Estado; mas não há assinaturas de jornal.

No que se refere a Outros materiais, a Escola Y não compra revistas de histórias em quadrinhos (HQ). Mas, segundo a Diretora Y os professores de Português buscam doação. “Até tem, acho que bastante gibi lá que eles trouxeram.” Perguntei¹⁰⁹ a PEUB YT quantos gibis tinha no acervo da Biblioteca Escolar Y, ao que ela respondeu que havia cerca de cinco.

Em Condições gerais do acervo, o equilíbrio entre assuntos é razoável, e entre séries ou faixa etária dos alunos é ruim, pois tem mais de infanto-juvenil e pouco infantil. Quanto ao estado de



¹⁰⁹ Não na entrevista semiestruturada, mas em outro momento.

conservação é bom.

Quanto à categoria frequência de utilização tem-se que ela é muito usada pelos alunos, principalmente pelos das séries iniciais e razoavelmente usada pelos professores. Quanto ao descarte de material, esta ação não é realizada. A escola não conta com uma comissão de seleção do acervo.

Quando questionada quem era responsável pela escolha de livros comprados para a Biblioteca, a Diretora Y afirmou que não compra livros porque recebe muitos livros dos programas governamentais.

No que se refere ao Indicador Acervo, a Biblioteca Escolar Y encontra-se no Nível Básico.

2.7.1.5 - Indicador Organização do Acervo

2.7.1.5.1 – Biblioteca Escolar X

Quanto ao Indicador “Organização do Acervo¹¹⁰”, a Biblioteca Escolar X encontra-se no Nível Básico, pois todo seu acervo esta tombado/registrado em livros de tombo separado por assunto. A Biblioteca ainda não possui catálogo informatizado. Em entrevista foi perguntado para a PEUB X quais outros trabalhos que ela executava em sua função de PEUB e que acabava lhe diminuindo tempo para a parte mais pedagógica. Ela informou que são os registros de tudo que chega. Que são três os livros de Tombo: um de Revistas, um de Livros Didáticos junto com Livros de Literatura, e um de Materiais Pedagógicos.

Ah, o registro, né. Porque tudo que chega tem que ter o registro. Se chega Livros Didáticos e de Literatura, tem um Livro de Tombo que precisa ser tudo registrado. Depois Revistas. Todo tipo de Revista. A gente tá [recebendo] uma média de umas sete ou oito revistas – que vem do próprio governo, que é os periódicos e que também têm que ser registrados. E também os Materiais Didáticos, no caso, mapas, DVDs, CDs, que também precisam ser registrados. Então, conforme a época que chega e a quantidade que chega, eu tenho que registrar e eu deixo de fazer outra função (Parte da entrevista com a PEUB X em 30/08/2012).

¹¹⁰ No Indicador “Organização do acervo”, a Biblioteca Escolar encontra-se no Nível Básico quando seu catálogo “inclui pelo menos os livros do acervo, permitindo recuperação por autor, título e assunto”(BRASIL, 2010d) e encontra-se no Nível Exemplar quando seu catálogo está informatizado permitindo acesso remoto e diferenciadas formas de busca do acervo.

No dia em que foi realizada a entrevista semiestruturada, a Diretora X encontrava-se na Biblioteca Escolar X, participando da reorganização dos livros:

Nós estamos até, não é reformulando a Biblioteca, a gente está organizando. Então a sala lá atrás, fizemos algumas mudanças de estantes, iluminação, e pra fazer também uma faxina de tirar todos os livros da estante e [voltar tudo organizado. Porque] senão às vezes os professores chegam, precisam de um livro, vão ver e tirou [do lugar] então nós estamos organizando (Parte da entrevista com a Diretora X em 30/08/2012).

Bom seria se a Escola X informatizasse seu catálogo porque além de disponibilizar mais tempo para que a PEUB possa exercer mais a parte pedagógica de sua função, tornaria muito mais rápido a procura por determinado material.

2.7.1.5.2 – Biblioteca Escolar Y

Não é diferente a situação da Biblioteca Escolar Y no que se refere à “Organização do Acervo”. A Biblioteca Escolar Y tem todo seu acervo registrado em cadernos separados. Sendo este ainda catalogado em fichas catalográficas específicas, como por exemplo, Didático, Literatura. Logo, A Biblioteca Escolar Y encontra-se também no Nível Básico.

2.7.1.6 - Indicador Computadores com acesso a internet

2.7.1.6.1 – Biblioteca Escolar X

Sobre este Indicador “Computadores com acesso à internet¹¹¹”, a Biblioteca Escolar X conta com um computador para uso da PEUB e um para uso dos alunos e professores, porém ambos, no momento das observações *in loco* não estavam acessados com a rede mundial de computadores. Eles já estão devidamente instalados aguardando a ida dos técnicos para efetuar esta operação. Sendo assim, não há como classificar a Escola X pelos parâmetros GEBE, pois não basta ter o computador é imprescindível que ele esteja conectado à rede mundial de computadores.

¹¹¹ No indicador “Computadores com acesso à internet”, a Biblioteca Escolar encontra-se no Nível Básico quando possui pelo menos um computador com acesso à internet para uso de alunos e professores e encontra-se no Nível Exemplar quando possui computadores com acesso à internet em número suficiente para uma classe inteira.

2.7.1.6.2 – Biblioteca Escolar Y

A Biblioteca Escolar Y quanto ao indicador “Computadores com acesso a internet” conta com um computador já defasado. Este tem pouca memória e não dispõe de acesso à internet. Portanto, nem as PEUB e nem os alunos tem computador com acesso à rede mundial de computadores na Biblioteca. A Diretora Y ressaltou em entrevista que não há computador com acesso à internet na Biblioteca Escolar, mas que a Escola conta com Laboratório de informática. Este laboratório fica no térreo assim como a Biblioteca, porém não fica ao lado desta. Ressaltou também que sabe da importância de um computador com acesso a rede mundial de computadores na Biblioteca Escolar, mas que é uma situação difícil. Ela demonstrou interesse em colocar computadores com acesso à internet, porém explicou que o processo é lento, demorado, que precisa comprar um computador novo, puxar a rede até a Biblioteca Escolar Y. A supervisora Y2 disse que a Biblioteca deveria ser informatizada, mas que não é.

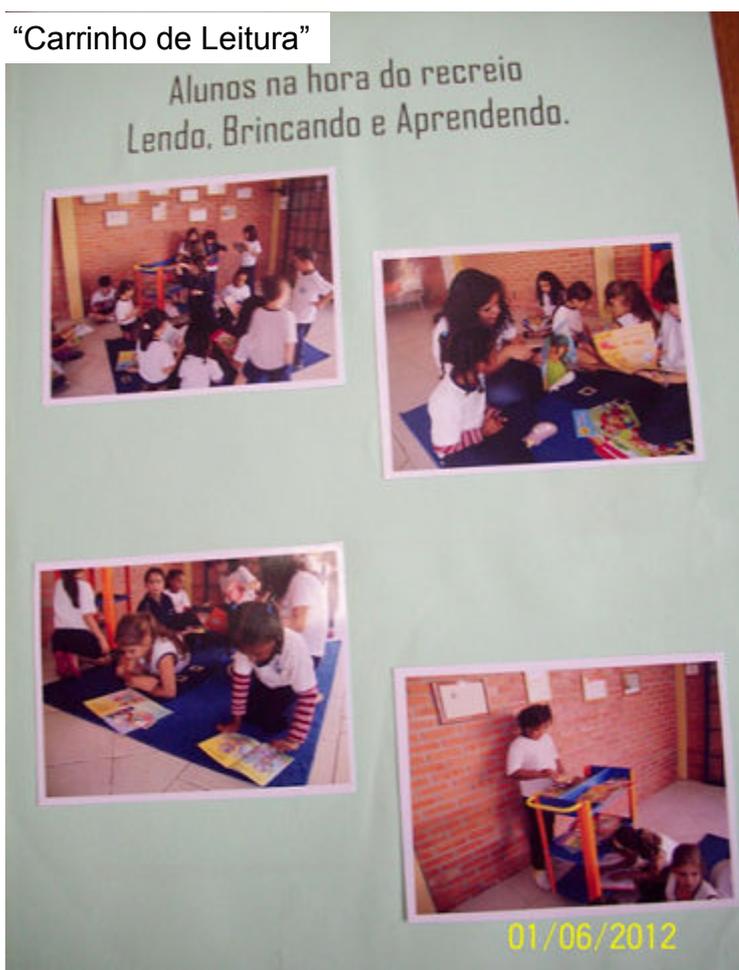
Levando em consideração que os gestores possuem autonomia para gerir os recursos financeiros recebidos ou a receber, desde o façam dentro do que a lei permite, na situação do computador com acesso à internet para a Biblioteca Escolar há, ao menos, duas possibilidades de reverter a situação. A Diretora pode fazer um cadastro entre março e outubro de um ano para o percentual em recursos a receber no outro ano que possam ser gastos com Custeio e o percentual que podem ser gastos com Capital pelo Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Quem define o valor que a escola vai receber através do PDDE é o MEC, mas a gestora pode definir que da verba a ser recebida a escola precisa que, por exemplo, 10% seja para gastos com Custeio - um exemplo do que pode ser considerada custeio é a internet – e os outros 90% receber para Capital – um exemplo do que pode ser gasto com Capital é a compra de computador. Outra possibilidade que a escola tem para equipar a Biblioteca Escolar Y é realocar um computador para a Biblioteca ou fazer uma parceria buscando ganhar um Computador e os gastos com acesso à internet poderão ser pagos dentro da verba chamada “Manutenção e Custeio” que a SEEMG repassa às escolas.

2.7.1.7 - Indicador Serviços e Atividades

2.7.1.7.1 – Biblioteca Escolar X

Na Biblioteca Escolar X há atividades de formação do leitor. Tem “Contação de histórias” e outras atividades que são desenvolvidas pela PEUB X com este objetivo. Entrevistando a Diretora X perguntei-lhe se era realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência à biblioteca escolar no horário de recreio? Ela respondeu que a PEUB X conta muita história para os alunos, que o material para dramatização fica na Biblioteca. Disse que os alunos amam ouvir a PEUB X contar história e fez um elogio sobre o trabalho dela na Biblioteca Escolar X. Sobre a questão se a Escola X garante aos alunos ações ou projetos objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita, a Diretora X falou que tem o projeto das turmas irem um dia por semana na Biblioteca. Falou do “Carrinho de Leitura” (que é uma estante móvel) no qual são postos alguns livros da Biblioteca e é

“Carrinho de Leitura”



Fonte: Arquivo da Escola X

levado para o local do recreio uma vez por semana. Contou sobre o “Projeto Mala Viajante” para os alunos do 1º e 2º anos. Neste projeto cada semana um aluno vai à biblioteca e escolhe um livro para levar para casa. O objetivo é envolver a família no processo de aprendizagem. Dentro da Mala Viajante vai o livro escolhido pelo aluno mais um caderninho onde ele registra o que ele mais gostou. Ele também pode fazer o desenho do que mais gostou. Depois ele apresenta para a sala o que ele mais gostou. Cada turma tem sua Mala com o caderno. Segundo a Diretora X, os alunos gostam muito da Mala

Viajante porque entre outras coisas, eles têm oportunidade de ver o que o outro

coleguinha escreveu. Conforme a Diretora X, além da “Contaçon de Histórias”, em todas estas atividades a PEUB X ajuda muito, mostrando os livros indicados para aquela turma/atividade. Sobre o GDP, a Diretora X esclareceu que este ano eles foram contemplados com apenas um e que, portanto, optaram por permanecer com GDP “Como é que se escreve” justamente por ele estar ligado à leitura e à escrita. “[Nós] resolvemos continuar com o de Português porque a gente tem aqui muito forte na escola, o nosso Festival de Poesias”. Este festival é anual e está na 11ª edição. O tema deste ano é “Brasileiríssimo, as muitas histórias do meu Brasil”. O objetivo é resgatar o sentimento de pertencimento e desenvolver a cidadania. A Diretora X disse que o GDP traz benefícios para a Biblioteca Escolar X. Um deles é o envolvimento dos alunos com a Biblioteca.

A Supervisora X apontou que outra relação do GDP com a Biblioteca Escolar X é que quando a professora de sala de aula vê que o aluno está com uma dificuldade, ela solicita à PEUB X o material necessário, ou seja, esta vai ajudar em cima daquilo que lhe foi solicitado. A Supervisora X contou que o ano passado foi iniciado o projeto “Clube de Leitura” e que teve continuidade este ano. Neste projeto, o aluno através da carteirinha escolhe um livro e leva para casa. Depois de uns dias a professora da sala de aula trabalha oralmente com os alunos, cada um conta a parte do livro que mais gostou e fala sobre o autor. Pode-se ver que a parte da PEUB X neste projeto se refere a empréstimo/controla dos livros e que o trabalho com consulta e empréstimo domiciliar é vultoso. Quanto à orientação à pesquisa escolar, foi perguntado à Supervisora X se os professores e a PEUB trabalhavam colaborativamente junto aos alunos e que tipo de atividades eram desenvolvidas com relação à pesquisa escolar. Ela informou que os professores trabalham junto com a PEUB sim. Que eles entram em contato com a PEUB que separa o material que vai ser usado com os alunos.

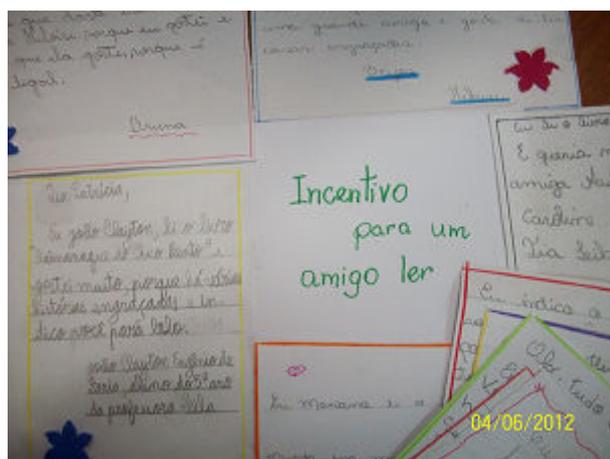
Dando continuidade à questão Pesquisa Escolar, vejamos a percepção da PEUB X¹¹² sobre o assunto. Ela informou que os alunos¹¹³, em sua maioria, já chegam informados pelos seus professores que não é para fazer cópia, mas sim

¹¹² Antes de trazer as falas da PEUB X, faz-se necessário uma explicação sobre o processo de entrevista com a mesma. Iniciamos a entrevista e estávamos quase na metade e tocou a campainha para o recreio. Fui interromper a gravação. Achei que tinha perdido (não consegui salvar), mas a entrevista foi salva automaticamente. Após o término do recreio iniciamos nova entrevista. Qual não foi a minha grata surpresa à noite quando localizei a primeira entrevista na subpasta “Documentos” da pasta “Bibliotecas” no Windows Explorer.

¹¹³ Em sua maioria são alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

resumo. Disse que normalmente eles já chegam com algum material tirado da internet e que ela entrega para eles a enciclopédia e outros materiais que tem o que eles procuram, mas que ela não mostra a página, não entrega tudo facilitado porque entende que eles precisam aprender a procurar. Disse que com a internet diminuiu muito o trabalho de pesquisa na Biblioteca Escolar X e que eles para pesquisar utilizam mais a Sala de informática. Para os que vão à Biblioteca ela entrega os materiais e orienta para tirarem o essencial, o que for importante e não copiar tudo. Sobre o “Carrinho de Leitura” ela falou que se ela não puder ficar lá fora, já tem quem ajuda a olhar. Ressaltou que eles trabalham muito em colaboração. Sobre o “Festival de Poesias” disse que sua participação é mais indireta. Que ela separa o material para os professores de acordo com o que cada um precisa.

Sobre o projeto “Incentivo para um amigo ler”, a PEUB X contou que realizou este projeto no ano passado, mas que pretende realizar este ano porque foi um projeto muito interessante. Contou que já leva para a sala os “papeizinhos” preparados para os alunos escreverem uma indicação sobre um livro. Depois ela expõe os bilhetes no mural. Disse que as pessoas procuram pelo livro que lhe foi indicado. Que o retorno do projeto vai aparecendo porque as pessoas vão pegando os livros e comentando que gostou da indicação.



Questionada quanto à função de PEUB não ser só “Contação de Histórias”, a PEUB X disse entender que no trabalho da biblioteca entra também um auxílio ao professor. Se ele precisa de um livro, ela precisa estar ali arrumando o livro, para ajudar, auxiliar, adiantar o trabalho dele, por exemplo. Falou também que se um professor precisa sair da sala da aula que ela vai para a sala e para não ficar de braços cruzados ela aproveita este tempo e conta uma poesia, ou um “O que é que é?” porque os alunos menores (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) gostam muito de adivinhação, de charadinha ou de quadrinha. Outra ação que ela realiza é quando os alunos pedem dicas de leitura para ela. Aí às vezes ela dá uma dica, às vezes ela conta um pedacinho bem pequenininho da história e fala o porquê ela gosta daquele livro. “Um exemplo é [A Vaca Voadora]. [Eu falo assim: Olha... eu

gostei tanto, mas tanto da história, que eu gostaria de voar em cima dessa vaca. [Eu] gosto de por a alma naquilo que eu conto¹¹⁴.

Tem um livro também que é super legal do Joel Rufino [...]. Como o livro é muito grandão e grosso. Ai eu dei as dicas. Eu contei para eles assim 'Ele foi preso. Mas, ele não foi preso porque ele fez alguma coisa errada. Ele foi preso porque ele não ia a favor do governo naquela época. Então ele foi preso político. E ele tinha uma criança de oito anos e quando ele foi preso ele falou assim 'eu vou passear e daqui a uma semana eu volto'. Ele não quis contar para o filho o que estava acontecendo. Então o filho começou a escrever cartas para o pai. E o pai respondia.

[É] uma história verídica. Então, as crianças estando com dez anos, né, no quinto ano, e eu contei este pedacinho. E ele [o autor] pensava assim 'num instantinho vou estar em casa e tudo vai estar resolvido' e ele ficou quatro meses. Nesses quatro meses ele escrevia e no fim ele teve que falar a verdade só que ele contou a verdade de um jeito para não assustar o filho. E foi escrevendo cartas, escrevendo, escrevendo e a esposa dele foi guardando todas as cartas e, no fim, tinha um montão. [Só] isso que eu contei e as crianças se interessaram, levaram para casa, leram. Então né, quer dizer, quem trabalha na biblioteca tem que ter algum conhecimento sobre o que é fábula, o que é conto, o que é poesia e dar as dicas para as crianças e elas escolhem o que querem. Mas a gente precisa de orientar! E eu achei interessante porque geralmente uma criança de quinta série fala 'Ah... Eu não quero este livro não!', mas eles interessaram, gostaram (Parte da entrevista da PEUB X realizada em 30/08/2012).

Falando sobre os projetos anuais que envolvem toda a Escola X, como por exemplo, o do Monteiro Lobato ou o Folclore, a PEUB X relata que participa ajudando o professor no que for preciso. Ela já se vestiu de *Emília* ou canta alguma musiquinha da Emília. Sobre o Folclore ela disse que este ano ainda não fez a apresentação¹¹⁵ por causa das modificações que estavam ocorrendo na Biblioteca Escolar X¹¹⁶. Mas que vai fazer, mesmo que a data já tenha passado.

Vai passar da época, mas não tem problema. A *Nhá Maria* não pode deixar de lado não¹¹⁷. Então, no caso eu visto de uma velhinha [esta é a famosa *Nhá Maria*]. Eu já comecei, eu entrei numa sala do primeiro ano e fiz as crianças fazerem entrevistas comigo. Eles perguntarem onde eu morava, o que eu gostava de comer, se eu tinha marido. [Foi] muito legal as perguntas. E com isto eles vão desenvolvendo. É um trabalho mais de apoio com o professor. Eu

¹¹⁴ Este exemplo foi relatado na primeira entrevista antes do recreio.

¹¹⁵ A PEUB X criou uma personagem que já é tradicional na escola é a "Nhá Maria".

¹¹⁶ Na semana da entrevista estavam mudando o layout da Biblioteca e aproveitando e fazendo uma limpeza e organização geral.

¹¹⁷ Nesta hora a PEUB muda o tom de voz para o tom de voz da personagem que ela criou, a Nhá Maria.

não gosto de trabalhar sozinha (Parte da entrevista da PEUB X realizada em 30/08/2012).



Perguntada de como era sua semana de trabalho a PEUB X disse que para facilitar, tanto para professor, quanto para ela, tudo é combinado. Na segunda-feira são as quatro turmas de primeiro ano que vão pegar livrinhos para levar para casa e também devolver. Na terça-feira são as turmas do segundo ano. Na quarta-feira, as turmas do terceiro. Na quinta-feira as turmas do quarto ano e do quinto ano. Na sexta-feira ela faz “Contação de Histórias” para os alunos do quarto e do quinto ano do período integral. Caso outros professores queiram que ela faça “Contação de História” para sua turma, eles combinam um horário com ela.

Neste caso, o professor escolhe o tema

ou deixa por conta dela que conta a história na Biblioteca e o professor dá a continuidade do trabalho em cima da história na sala de aula.

A PEUB X ao ser questionada como planeja e realiza a “Contação de Histórias” respondeu que lê a história novamente um ou dois dias antes de contar porque tem alguns pontos da história que não podem ser esquecidos. Que ela decora o começo, o meio e o fim da história, e o encaixe vai acontecendo pela participação dos alunos. Geralmente tem uma música para começar e, às vezes, termina também com uma musiquinha. Que a “Contação de Histórias” leva em média 15 minutos a 20 minutos para não cansar muito. Que ela gosta de “vivenciar” a história que vai ser contada. E, conforme a situação até arruma, por exemplo, uma maçã verdadeira mesmo. Mas que não se precisa ter muita coisa, muita fantasia: a roupa pode ser qualquer pedaço de TNT, que não precisa de uma fantasia pronta, alugar, costurar. Qualquer pedaço de pano já vale pra improvisar. Mas que alguns materiais é preciso ter em mãos para melhor “visualização” da história.

A PEUB X realiza um projeto específico com duas turmas do período integral (uma do terceiro e uma do quarto ano). O projeto se chama “Oficina de Leitura”, que



segundo ela envolve Português, Literatura e História. Às vezes ela trabalha em sala de aula porque precisa do quadro negro, mas a maioria das vezes trabalha com eles na Biblioteca. Neste trabalho ela faz “Contação de Histórias” e dá continuidade no trabalho com ilustração ou reconto (dar outro fim à história) ou reescrita por parte dos alunos na qual eles já vão trabalhando sinônimos.

Quando perguntada se havia alguma teoria embasando seu trabalho de “Contação de História”, a PEUB X esclareceu que tem histórias que são cumulativas, como, por exemplo, a da “Formiguinha e a Neve” e busca trabalhar a habilidade de memorização. “Ela tá indo, a formiguinha depois o muro, depois o sol... Então como eu vou (vamos falar assim) eu vou com a história para frente e depois eu vou regredindo com ela para ver se a criança tem aquela memorização”. Outro ponto importante para ela é finalizar a história com um conceito, com um valor ético: honestidade, solidariedade, justiça, etc. Segundo a mesma, é para a criança perceber que aquela é uma história, mas que tem que ter aplicação na vida.



Quanto á questão da aplicação na vida, ela explicou dando exemplo da história do “Pássaro sem cor”.

Então, aí o Pássaro sem cor era aquele pássaro que nasceu diferente. É o que acontece às vezes, uma criança que é meio excluída ou porque é muito gordinha ou porque ela é negra ou porque ela é muito alta, ela é diferente das outras. Então, este pássaro não tinha cor, ele era diferente, ele sofria (vamos falar assim) um *bulling* se fosse falar nos dias de hoje. Mas ele, naquela preocupação foi até o pássaro mais velho. Aí este pássaro mais velho (eu já jogo para as crianças nos dias de hoje: quem é a pessoa mais velha na sua família? Aí geralmente elas pensam, pensam... ‘Ah... é o vovô’. Aí eu falo assim ‘Então este pássaro mais velho inteligente do jeito que é, com esta experiência, sabe muita coisa boa, o nosso vovô também é assim. Ele também tem experiência para passar pra gente’. Agora, isto é para valorização dos idosos que as pessoas hoje já não têm mais). E nesta história tem aquele que zombava de todo mundo. E eu falo assim ‘Olha gente que fica rindo, zombando, lá era um pássaro, mas na nossa vida acontece também e isto não é bom. Isto é ruim’. Aí este pássaro mais velho falou assim que era para ele [o pássaro sem cor] sair. Neste caso ele saiu. Criança já não pode sair sozinha. Então sempre em faço aquele vai e vem (Parte da entrevista da PEUB X realizada em 30/08/2012).

Além do que foi visto à cima, na Biblioteca Escolar X também trabalha com visitas orientadas que são realizadas no início do ano, a divulgação de novas aquisições é feita através de bilhetes para os professores que repassam as informações aos alunos. O Boletim Informativo da Escola X deixa sempre que necessário espaço para informações da Biblioteca Escolar. A PEUB X faz levantamento bibliográfico para os professores. Logo, no que se refere ao indicador “Serviços e atividades¹¹⁸” oferecidas a Biblioteca Escolar X encontra-se no Nível Exemplar.

2.7.1.7.2 – Biblioteca Escolar Y

Na etapa das entrevistas semiestruturada, segundo semestre de 2012, foram obtidas mais informações sobre este indicador “Serviços e Atividades”. Na etapa referida foram entrevistadas na Escola Y, a EX PEUB YM, as duas PEUB em exercício na função, sendo uma do turno da manhã e outra do turno da tarde, além

¹¹⁸ No Indicador “Serviços e Atividades”, a Biblioteca Escolar encontra-se no Nível Básico quando possibilita consulta no local, empréstimo domiciliar, atividade de incentivo a leitura e orientação à pesquisa e encontra-se no Nível Exemplar quando possui os serviços anteriores mais serviços de divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos para professores tais como levantamento bibliográfico e boletim.

da Diretora e quatro Supervisoras (duas do turno da manhã e duas do turno da tarde).

A EX PEUB YM¹¹⁹ quando questionada se ela já havia trabalhado com os alunos alguma visita orientada à Biblioteca, respondeu que já levou uma turma de Ensino Médio, mas foi à Biblioteca Municipal. Que foi uma atividade muito interessante cujo objetivo era mostrar como funciona uma Biblioteca que tem que adotar os padrões da Biblioteconomia¹²⁰. Sobre outras atividades informou não ter realizado eventos nem boletins informativos. Disse ter feito murais nas salas com os alunos que mais leram naquele mês ou bimestre e também mural no corredor central da escola para mostrar para a comunidade escolar quem leu e quais as obras que foram mais lidas. Uma atividade que ela executava para fomentar a leitura era pegar as obras que chegavam e passava nas salas divulgando as obras. Também trabalha com os alunos leitores estimulando-os a comentarem com os colegas sobre os livros que liam. Disse que foi um trabalho que deu certo.

Questionada se a escola garante aos alunos ações, projetos, objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita, a Diretora Y respondeu que os professores têm, dentro dos planejamentos, ações sempre envolvidas com leitura, que é o que mais pede hoje - leitura, interpretação, escrita. Ela lembrou que antigamente o aluno tinha que ler um livro para fazer uma prova - tinha aquele compromisso. Hoje não mais. Assim, segundo a mesma, quem mais procura a Biblioteca são aqueles que gostam mesmo de ler porque não há por parte dos professores um estímulo para que os alunos procurem a Biblioteca Escolar Y. Ela relatou que os professores trabalham com textos diversos dentro da sala.

Sobre o horário do recreio a Diretora Y afirmou que a Biblioteca fica sempre aberta, mas que não é realizado nenhum trabalho para tornar atrativa a frequência à Biblioteca Escolar Y neste horário porque são muitos alunos então eles não ficam incentivando à ida à Biblioteca no recreio para não atrapalhar a rotina da escola.

Perguntada se a Escola Y realizava algum projeto para estimular a frequência dos alunos que não frequentam a Biblioteca Escolar Y para incentivar o uso do livro,

¹¹⁹ Para preservar a identidades dos profissionais entrevistados o Y neste caso se refere a um profissional da Escola Y e o M se refere ao turno de trabalho: Manhã.

¹²⁰ Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Universitárias demandam os padrões da Biblioteconomia para bem ser utilizadas. Já Bibliotecas Escolares e, especialmente, Bibliotecas Particulares não demandam todos os padrões da Biblioteconomia. Pensando numa Biblioteca Escolar para atender aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não é apropriado a catalogação dos Livros pelos métodos da Biblioteconomia. Neste caso, pode-se por exemplo, catalogar o acervo de literatura infantil por cores.

valorizando a leitura e a escrita por parte desses alunos, a Diretora Y falou que os incentivos são indiretos que os professores não estimulam. Relatou que toda vez que chega livro novo a PEUB YT passa nas salas avisando e que ela faz murais com a lista dos livros mais lidos. Lembrou que a EX PEUB YM também fazia este trabalho de divulgação dos livros. Disse que a PEUB YT fez um horário para os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental levarem os alunos na Biblioteca Escolar Y para eles pegarem livros, mas que não há um comprometimento por parte de alguns professores que não comparecem e fica por isto mesmo. Que não há um trabalho cooperativo nessa parte, que não estão se entrosando com a questão de data - não estão se agendando para isso o que acaba atrapalhando o projeto da PEUB YT.

Sobre Pesquisa Escolar a Supervisora Y2 explicou que os professores se certificam antes que existe o material para a pesquisa na Biblioteca. A Supervisora Y4 explicou que a EX PEUB YM já separava os livros para os alunos. Conforme Supervisora Y2, no caso de não haver material suficiente na Biblioteca Escolar Y, os professores já avisam aos alunos para pesquisarem em jornais, revistas e internet. Quando perguntadas se a Escola Y garante aos alunos ações, projetos, objetivando o desenvolvimento da competência da leitura e escrita, a Supervisora Y2 disse que agora estão desenvolvendo um projeto sobre leitura e escrita envolvendo a escola inteira porque antes eram projetos isolados. De acordo com a mesma, o projeto iniciou no 2º semestre, e que é em novembro que elas vão ver os resultados do projeto.

Veja agora parte da entrevista¹²¹ com a servidora que assumiu a função de PEUB no lugar da EX PEUB YM¹²². Questionada se já estava elaborando algum projeto para atrair os alunos à Biblioteca Escolar Y, a PEUB YM contou que em sua experiência como professora já fez um projeto de “Contaçõa de história” para os alunos do Ensino Médio e que deu muito certo. E que ela estava pensando em adaptar esse projeto de “Contaçõa de história” para o turno da manhã. Tirar um dia

¹²¹ Para preservar a identidade das servidoras entrevistadas, após o cargo ou função seguirá a letra dada à Escola pesquisada. No caso da Escola Y que foram entrevistadas mais servidoras tanto na função de PEUB, quanto no cargo de Supervisora, após a letra Y será acrescido da inicial do turno de trabalho para as PEUB e de números aleatoriamente escolhidos para as Supervisoras.

¹²² Durante o transcurso da pesquisa, depois dos momentos de observação, no momento das entrevistas semiestruturada esta servidora havia mudado de função, ou seja, deixou de exercer a função de PEUB. Entretanto, porque ela ficou muito tempo trabalhando na Biblioteca Escolar Y foi considerado importante entrevista-la para a melhor compreensão da Biblioteca Escolar Y. Ela se prontificou a conceder a entrevista e assim foi feito.

depois do recreio e levar os alunos para o auditório ou mesmo na Biblioteca Escolar Y, colocar tapete, umas almofadas, alguma coisa assim, e escolher alunos que tenham habilidade de contar histórias. Questionada se ela estava elaborando algum projeto, alguma atividade para executar na função de PEUB que recentemente assumiu, ela respondeu que pensou em fazer cartazes chamativos e colocar no hall de entrada e nos corredores com as sinopses de alguns livros. Disse que também pensou em formar um grupo de teatro. Mas que estes projetos estavam somente na cabeça que ainda não tinha passado para o papel. Sobre trazer os alunos para visitas orientadas à Biblioteca Escolar Y, para eles conhecerem - aqueles que não conhecem-, ou no início do ano letivo, a PEUB YM respondeu que é uma ideia que ela pode levar para os professores. Questionada se pretendia realizar Exposições, Feiras de Livro, Encontro com Escritores ou algum outro evento do gênero, disse que já pensou, mas que não aprofundou ainda. Que, é uma ideia, de repente ela pode entrar em contato na internet com alguns autores e tentar realizar uma atividade, mas que realmente ainda era apenas uma ideia. Quanto a fazer blog ou site da Biblioteca, ela respondeu que precisaria ter a mídia e a Biblioteca não possui.

A Supervisora Y3 mencionou a existência da escala para os alunos dos Anos Iniciais do Ensino fundamental irem a Biblioteca Escolar Y para troca de livros e disse que a escala é cumprida. Quando questionadas se acompanhavam o trabalho da PEUB YT, a Supervisora Y1 disse que a PEUB YT apresentou uma proposta de trabalho que é esta dos alunos frequentarem a Biblioteca Escolar Y para pegar livro, mas nada formalizado. A Supervisora Y1 relatou pedir aos professores para levarem os alunos à Biblioteca, mas disse não haver um diferencial para esta - para explorá-la mais. Questionada sobre o porquê de seu entendimento de não existir este diferencial, se eram os professores que não viam um diferencial na Biblioteca Escolar, a Supervisora Y3 disse entender que isto é até por parte do PEUB. Para ela há um sentimento geral que esta função de PEUB é um descanso da sala de aula. Questionadas se ainda não havia mudado esta concepção antiga. A Supervisora Y1 confirmou que não, que eles entendem que ser PEUB ou ser professor eventual como uma forma de descansar.

Questionadas se o que estava faltando então para a Biblioteca Escolar Y estar “a pleno vapor” talvez fosse o maior comprometimento por parte da PEUB YT do que dos professores, a Supervisora Y1 disse que sim.

Eu acho que sim. Eu acho porque, por exemplo, dentro da biblioteca, o professor de uso da biblioteca, ele é tão apto quanto o professor regente para planejar, para criar. Porque já o professor regente, o professor de sala de aula, ele já tem os seus compromentimentos com a regência de sala. Não que ele exclua a biblioteca, não. A biblioteca, ela é mais um complemento, ela é mais uma ferramenta para o professor. Agora, os professores para o uso da biblioteca, a maioria já não tem essa visão. Já tem como descanso, a obrigação não é minha, a obrigação é do professor de planejar e trazê-los para cá, então eu não penso...

Ao que a Supervisora Y3 concordou porque, segundo ela, fica tudo por conta do professor. A Supervisora Y1 disse não haver interação entre PEUB YT e professores. Sobre orientação à Pesquisa Escolar, a Supervisora Y1, disse que a parte da PEUB YT é mais disponibilização de material.

A PEUB YT que assumiu a função no lugar da que aposentou relatou que logo que ela iniciou a função em março, foi às salas para falar com os professores para levar os alunos à Biblioteca Escolar Y e que seu objetivo é incentivar a leitura – que criou os horários para as salas irem á Biblioteca. Disse que quando iniciar novo ano ela pretende realizar as visitas orientadas, mas que normalmente os professores já levam os alunos. Em entrevista, a PEUB YT informou que já fez “Contaçon de histórias” em uma sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, mas ainda não realizou esta atividade na Biblioteca. Faz painéis com os livros mais lidos no hall de entrada da escola e que a procura por estes livros aumenta. Além dos painéis faz um mural dentro da Biblioteca¹²³. Disse ainda não ter feito Boletim Informativo sobre a biblioteca e nem realizou Exposições, Clube de leitura, Feira de livros e nem Encontro com escritores. Quando questionada se pretendia realizar Apresentações artísticas, Concursos, Premiações e Oficinas em sua função de PEUB, disse achar interessante tais eventos, mas que não gosta de ficar planejando, “colocando as coisas no papel”, mas que se surgir oportunidade de fazer ela faz.

Sobre orientação à Pesquisa Escolar, disse disponibilizar o material para os alunos, mas quando percebe que o aluno esta sem orientação ela se dispõe a orientar.

Eu vou falar assim e você depois sintetiza da sua maneira. Por exemplo, o aluno chega aqui e fala assim: “olha, eu quero sobre os peixes”. Aí eu às vezes até peço: Deixa eu dar uma olhada no que a professora está pedindo? Daí eu procuro o livro, mas às vezes eu preciso ajudá-lo mesmo a até procurar: Olha... está aqui. Você pode

¹²³ Mais para expor datas comemorativas.

fazer isso... Eu dou umas ideias quando eu vejo que ele está com dificuldade. Falo assim: olha, nesse aqui você pode tirar um xerox dessas gravuras, em revista que tem para você recortar, nesse sentido. Porque se eu dou um livro na mão e falo: “aqui”, para eles procurarem, eles não conseguem. Têm uns que eu até deixo fazer, mas quando eu vejo que não está [produzindo] nada, aí eu vou orientando.

Sobre seu tempo, disse que grande parte é destinado aos empréstimos para alunos e arrumando materiais para os professores. Quando questionada se era realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência à biblioteca escolar no horário do recreio. A PEUB YT respondeu que os alunos gostam de ir à Biblioteca Escolar Y na hora do recreio, mas depois não querem voltar para a sala de aula. Então ela foi orientada para não deixar entrar alunos na Biblioteca na hora do recreio.

Neste indicador “Serviços e Atividades” a Biblioteca Escolar Y se encontra no Nível Básico.

2.7.1.8 - Indicador Pessoal

Somente em 24 de maio de 2010 é que tivemos a publicação de uma lei federal que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino. O Edital SEPLAG/SEE Nº. 01 /2011, de 11 de julho de 2011 é prova de que, até o presente momento, não existe a possibilidade de que as Bibliotecas das Escolas Estaduais de Minas Gerais possam contar com o profissional formado em Biblioteconomia, pois não foi aberto vagas para esta profissão e ainda as únicas duas vezes em que a palavra biblioteca aparece no edital é nas atribuições dos cargos de Assistente Técnico de Educação Básica – ATB Nível I Grau A e de Assistente Técnico Educacional – ATE Nível I Grau A, sendo uma de suas atribuições “auxiliar na organização, manutenção e atendimento em biblioteca e sala de Multimeios”, sendo que para estes cargos a escolaridade mínima exigida são: a) Assistente Técnico de Educação Básica “diploma de curso técnico legalmente reconhecido em Administração, ou Contabilidade, ou Informação e Comunicação (Informática para Internet, Manutenção e Suporte em Informática, Redes de Computadores), ou Secretaria Escolar, ou Gestão e Negócios, ou Magistério/Normal, expedido por instituição de ensino credenciada” e para o cargo de Assistente Técnico Educacional “diploma de curso técnico legalmente reconhecido em

Administração, ou Contabilidade, ou Informação e Comunicação (Informática para Internet, Manutenção e Suporte em Informática, Redes de Computadores), ou Gestão e Negócios, ou Magistério/Normal, expedido por instituição de ensino credenciada”.

Dada a especificidade do trabalho pedagógico que deve ser realizado em Bibliotecas Escolares. Ter nas Escolas pesquisadas PEUB formadas em Licenciaturas (Pedagogia ou Letras) é aqui defendido como uma formação adequada para o trabalho na Biblioteca Escolar, pois esta deve ser um espaço privilegiado de aprendizagem, que exige metodologias e didáticas próprias da área da educação. A Biblioteca Escolar não pode ser comparada com Bibliotecas Municipais ou Bibliotecas Universitárias. Seu público alvo são alunos em formação e não usuários que precisam apenas que lhes prestem o serviço de empréstimos de obras. O trabalho na Biblioteca Escolar deve ser um trabalho pautado na formação de leitor/pesquisador. O uso da Biblioteca Escolar é um uso de recursos pedagógicos que tem que estar voltados para a concretização do currículo da escola. Assim sendo, ela deve constar do PPP da escola de forma que não se torne um espaço desvinculado da escola e sim um lugar onde acontece o processo ensino-aprendizagem complementar à sala de aula. A Biblioteca Escolar deve ser um recurso e seu uso deve estar voltado para os fins educacionais da escola – que não pode ser outro que uma busca constante pela melhoria da qualidade da educação.

2.7.1.8.1 – Biblioteca Escolar X

Para o indicador “Pessoal¹²⁴”, como a Biblioteca Escolar X possui uma PEUB formada em Pedagogia, para esta dissertação a Biblioteca Escolar X no Nível Exemplar.

2.7.1.8.2 – Biblioteca Escolar Y

O ano de 2012 foi para a Biblioteca Escolar Y um ano de mudanças no que se refere aos profissionais por ela responsável. Contudo, tanto as que não são mais

¹²⁴ No indicador de “Pessoal”, segundo Parâmetros GEBE (2010a), a Biblioteca Escolar encontra-se no Nível Básico quando possui um Bibliotecário-Supervisor formado em Biblioteconomia responsável por um grupo de quatro bibliotecas que atendam até 4000 alunos, além de auxiliares em cada uma bibliotecas e encontra-se no Nível Exemplar quando possui um Bibliotecário formado em Biblioteconomia responsável pela biblioteca e auxiliares em cada turno.

PEUB quanto as que assumiram a função possuem formação consideradas adequadas para o trabalho na Biblioteca Escolar. Sendo as atuais PEUB formadas em Licenciatura em com Habilitação: Português/Inglês e suas respectivas Literaturas, temos que a Biblioteca Escolar Y encontra-se no Nível Exemplar.

2.7.2 Quadro Comparativo das Bibliotecas Escolares

QUADRO 2 - COMPARATIVO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES “X” E “Y”.

INDICADOR	CLASSIFICAÇÃO	BIBLIOTECA X	BIBLIOTECA Y
ESPAÇO FÍSICO	Básico	X	X
	Exemplar		
ACERVO	Básico		X
	Exemplar	X	
ORGANIZAÇÃO DO ACERVO	Básico	X	X
	Exemplar		
COMPUTADORES COM ACESSO À INTERNET*	Básico		
	Exemplar		
SERVIÇOS E ATIVIDADES	Básico		X
	Exemplar	X	
PESSOAL**	Básico		
	Exemplar	X	X

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2012.

* Observação: não foi possível classificar nenhuma das duas Bibliotecas Escolares no Indicador “Computador com acesso à internet” visto que, no momento observação *in loco*, as mesmas não possuíam computador com acesso à internet na Biblioteca para uso de alunos e professores.

** Observação: Conforme escrito, no trabalho com os Indicadores GEBE, haveria algumas adaptações consideradas necessárias. O Indicador Pessoal é uma alteração necessária. Outra adaptação considerada necessária foi a ordem dos Indicadores. O parâmetro GEBE os traz na seguinte sequência: “Espaço Físico”, “Acervo”, “Computadores com acesso à internet”, “Organização do acervo”, “Serviços e atividades” e “Pessoal”. Nesta Dissertação optou-se por trazer logo após o “Indicador Acervo” o “Indicador “Organização do Acervo”

Pelo quadro 2 consegue-se visualizar as duas Bibliotecas Escolares. Assim temos que ambas se encontram, no que se refere ao “**Indicador Espaço**”, no **Nível Básico** porque neste indicador o determinante é a área total da Biblioteca.

Já no que se refere ao “**Indicador Acervo**”, o determinante é o total do acervo literário à disposição dos alunos pelo total dos alunos matriculados. Pelo acervo literário à disposição dos alunos a **Biblioteca Escolar X encontra-se no Nível Exemplar** enquanto a **Biblioteca Escolar Y encontra-se no Nível Básico**.

Quanto ao “**Indicador Organização do Acervo**”, o determinante para ser Nível Exemplar é ter o catálogo informatizado, o que permite uma busca muito mais criteriosa visto que se pode recuperar as informações do acervo catalogado informatizado por exemplo, por autor, título, assunto, ano. Desta forma temos que **ambas Bibliotecas Escolares pesquisadas encontram-se no Nível Básico**, pois não possuem catálogo informatizado e sim manuscrito.

Como descrito na primeira observação, não foi possível classificar nenhuma das Bibliotecas Escolares pesquisadas no “**Indicador Computadores com acesso à internet**”.

Para o “**Indicador Serviços e Atividades**”

A [Biblioteca Escolar] oferece **serviços regularmente**:

[No **Nível Básico**]: consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa;

[No **Nível Exemplar**]: consulta no local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa, além de serviço de divulgação de novas aquisições, exposições e serviços específicos para os professores, tais como levantamento bibliográfico e boletim de alerta (BRASIL, 2010a) (Grifos meu).

Posto que na Escola X há um trabalho constante e mais amplo nos **Serviços e Atividades** ofertados pela **Biblioteca Escolar X esta ficou enquadrada no Nível Exemplar**, ainda que precise se aperfeiçoar no que se refere à orientação à pesquisa escolar. Já a Biblioteca Escolar Y que demonstra um trabalho fragmentado e houve troca de profissionais responsáveis nos dois turnos de estudo em 2012 e também pelo fato de não haver “**Contação de Histórias**” ou outro trabalho consistente para dinamizar a **Biblioteca Escolar Y** e formar o leitor, esta ficou enquadrada no **Nível Básico**. Também precisa se aperfeiçoar no que se refere à orientação à pesquisa escolar.

No que se refere ao “**Indicador Pessoal**”, como já amplamente defendido nesta Dissertação, considera-se adequado ter como responsável pelo trabalho na Biblioteca Escolar professor licenciado em Letras ou em Pedagogia. Assim sendo, **ambas as Bibliotecas Escolares enquadram-se no Nível Exemplar.**

Como foi proposto estabelecer uma relação dos Indicadores Educacionais com o trabalho das Escolas através de suas Bibliotecas Escolares, será agora retratado os percentuais dos alunos das Escolas X e Y apenas no nível recomendado das avaliações externas PROALFA e PROEB.

Gráfico 22 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROALFA (3º Ano do Ensino Fundamental) de 2008 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proalfa/home.faces>

Observa-se pelo gráfico 22 que a Escola X durante toda série histórica conseguiu que praticamente 100% dos seus alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental se enquadrasse no Nível Recomendado no PROALFA. No que se refere ao trabalho da Biblioteca Escolar X conforme demonstrado no Indicador Serviços e Atividades e em outros indicadores bem como nos trechos que foram trazidos das entrevistas semiestruturadas, observa-se um trabalho colaborativo da PEUB X com toda a equipe escolar e, sobretudo, que o exercício da sua função não se restringe ao aspecto burocrático e, pelo contrário, há um trabalho pedagógico de formação do leitor pela dinamização da Biblioteca Escolar X. Já no que se refere à Escola Y, observa-se que ela apresentou constante crescimento do percentual dos alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental no Nível Recomendado nas avaliações do PROALFA. É necessário lembrar que a Escola Y é uma escola estratégica, ou seja,

que por ter tido altos índices de alunos no Nível Baixo recebe maior suporte pedagógico da SRE através do PIP. Nota-se, entretanto, que embora a Escola Y apresentou satisfatória melhora do percentual dos alunos no Nível Recomendado, ela ainda não conseguiu chegar aos 100%. Faz-se imprescindível lembrar que não há um trabalho consistente da Biblioteca Escolar Y na formação de leitores.

Gráfico 23 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROEB (5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa) de 2007 a 2011 das Escolas X e Y.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufjf.net/simave/proebe/home.faces>

Mesmo que no 5º Ano do Ensino Fundamental a Escola X não apresente os excelentes resultados como na avaliação do 3º Ano (PROALFA), ainda assim tem-se que a Escola X apresenta os melhores percentuais de alunos no Nível Recomendado superando sempre 70%. Observa-se também que em 2010 e 2011 a Escola X apresentou respectivamente 100% e 97,10% dos alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental no Nível Recomendado nas avaliações do PROEB (Gráfico 23). Estes resultados do PROEB 5º Ano do Ensino Fundamental aliados aos excelentes resultados do 3º Ano do Ensino Fundamental no PROALFA (Gráfico 22) confrontados com o excelente trabalho realizado pela PEUB X que trabalha diretamente com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, que, conforme observado nas entrevistas semiestruturadas, realiza um trabalho colaborativo com os professores, pressupõe uma relação entre o trabalho realizado na Biblioteca Escolar X e os resultados educacionais positivos da Escola X. Tem-se também conforme demonstrado pelas mesmas entrevistas o interesse da PEUB X em participar das reuniões pedagógicas e pautar seu trabalho no que é decidido nestas reuniões, além do fato de estar

sempre em contato com as Supervisoras para planejamento/avaliação do seu trabalho na Biblioteca Escolar X.

A Escola Y apresenta menor percentual de alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental nas avaliações do PROEB (Gráfico 23) se comparada com os percentuais dos seus alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental no PROALFA (Gráfico 22). O melhor resultado da Escola Y na série histórica 2007-2011 do percentual dos 5º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa no Nível Recomendado no PROEB foi de 40,60% em 2009 (Gráfico 23). Ao estabelecer uma relação dos resultados dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Y com os Indicadores GEBE – principalmente o Indicador Serviços e Atividades – bem como pelas entrevistas semiestruturadas percebe-se que não há um trabalho dinamizador dos recursos pedagógicos da Biblioteca Escolar Y. As entrevistas semiestruturadas demonstram falta de alinhamento do trabalho das PEUB, tanto com a equipe gestora, quanto com os professores. As PEUB, com exceção da EX PEUB YM¹²⁵, não participam das reuniões pedagógicas e somente uma PEUB estabeleceu um projeto dos alunos dos Anos Iniciais ter o dia de buscar livro na Biblioteca para levar para casa – trabalho que, segundo a Diretora Y, não está funcionando plenamente por falta de entrosamento da referida PEUB com os professores. Conforme a diretora, não há um compromisso de todos os professores em cumprir a escala. Outro ponto a ser considerado na Escola Y, independente de ser Anos Iniciais ou Anos Finais do Ensino Fundamental é o pouco contato das PEUB com as Supervisoras.

Para finalizar a análise dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental relacionando seus resultados com o trabalho desenvolvido na Biblioteca Escolar, observa-se no gráfico 16 que a Escola X no IDEB (4ª série/5º Ano) superou, e com folga, todas as metas projetadas. Seu IDEB observado em 2011 foi de 7,6 sendo que a sua meta projetada para este ano era de 6,9 e a meta projetada para 2013 é de 7,1. No que se refere à Escola Y, ela não superou nenhuma meta ficando mesmo abaixo da meta em 2011 (IDEB Observado 5,9 e Meta Projetada 6,1).

Veja agora o percentual dos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental no PROEB no conteúdo de Língua Portuguesa das Escolas X e Y (Gráfico 24).

¹²⁵ A PEUB YM participava eventualmente de reuniões pedagógicas. Participava sempre, segundo a mesma, quando seria tratado assuntos ligados ao conteúdo de Língua Portuguesa.

Gráfico 24 – Percentual de alunos no Nível Recomendado no PROEB (9º Ano do Ensino Fundamental no conteúdo de Língua Portuguesa) de 2007 a 2011 das Escolas X e Y



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis em <http://www.simave.caedufff.net/simave/proalfa/home.faces>

Observa-se no gráfico 24 que a Escola X manteve sempre mais de 70% dos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental no Nível Recomendado, com exceção do ano de 2009 no qual mais da metade (57,60%) dos alunos atingiram o referido nível no PROEB. No outro extremo encontra-se a Escola Y que o maior percentual de alunos que conseguiu atingir o Nível Recomendado foi em 2009 (38%). Na série história 2007-2011 (Gráfico 24), a Escola Y o menor percentual de alunos que conseguiu atingir o Nível Recomendado foi em 2007 (21,30%). O gráfico 24 confirma o pressuposto de que uma boa alfabetização tende a levar os alunos a terem melhores resultados na continuidade da vida escolar, como pode ser observado na Escola X.

Com relação ao IDEB dos Anos Finais do Ensino Fundamental tem-se que a Escola X superou com folga todas as metas projetadas. Seu IDEB de 6.6 é superior à sua meta projetada para 2013 que é de 5.9. Já a Escola Y apresentou um comportamento oscilatório conforme visto no gráfico 20, assim tem-se que ela superou as metas, num comportamento inicial crescente tornando-se em seguida decrescente. Assim ela obteve um IDEB de 3.9 (2011) quando sua meta era de 3.5. Espera-se que ela retorne apresentar crescimento, pois sua meta para 2013 é 3.9.

Com esta análise espera-se que tenha sido demonstrado que a Biblioteca Escolar, recurso pedagógico riquíssimo, influencia nos resultados da escola. Qual a

magnitude da influência, infelizmente esta dissertação não tem os instrumentos para quantificar.

Finalizando a entrevista com a Diretora X foi-lhe perguntado se havia mais alguma coisa que ela gostaria de falar relacionada à Biblioteca. Ela disse já ter falado tudo e acrescentou que dá muito apoio ao trabalho da PEUB por entender que a leitura tem que ser valorizada e que ela sempre valorizou esta atividade porque sua formação é de Supervisora Pedagógica. Agradecendo a PEUB X pela entrevista e perguntando-lhe se ela desejava falar mais alguma coisa, esta falou:

Ah... eu acho que nos falamos tudo, né. É trabalhar com carinho, com amor e fazer de tudo para manter organizado a biblioteca [porque] não adianta uma pessoa só. [para] não sobrecarregar um. Eu acho assim que o trabalho unido é bonito e é bom para todos, né [risos].

Agradecendo à Diretora Y e perguntando-lhe se gostaria de falar mais alguma coisa sobre a Biblioteca, ela fez um desabafo. Disse pensar que professor para uso da biblioteca acaba resumindo-se ao serviço de empréstimo. “[Não] gosta que peça projetos, não gosta que leva alunos, sabe?”. Replicada se ela achava que estaria faltando então um projeto de esclarecimento sobre a função de PEUB, a Diretora Y concordou e disse achar que o entendimento do trabalho na Biblioteca como “descanso de carreira” acontece também nas outras escolas. Ressaltou que quando falta professor gostaria de contar com a assistência pedagógica da PEUB, pois estes momentos poderiam ser aproveitados com a aplicação de algum projeto desenvolvido pela PEUB. “Porque o projeto não é só pegar um livro e ler”. “[A] gente pede assim, ‘professora [PEUB], vem nos ajudar. Aproveita esse dia então para você usar o seu projeto. [...]. Vamos deixar eles usarem a biblioteca hoje, usa seu material[...]”. Após o agradecimento, a mesma pergunta foi feita para as Supervisoras Y1 e Y3. Enquanto esta não tinha nada a comentar, a Supervisora Y1 disse que gostaria a Biblioteca Escolar fosse mais bem explorada: “Ah, eu acho que o departamento poderia ser mais usado, mais estruturado, porque é um lugar tão gostoso, não é?”.

Mesmo procedimento de despedida e abertura para ouvir as Supervisoras Y2 e Y4 foi tomado. Esta disse não querer falar mais nada enquanto a Supervisora Y2 lembrou do curso de capacitação para as PEUB e Supervisoras, no qual foram ela e

a EX PEUB YM. Falou ainda que a substituta (PEUB YM), tinha saído de Licença-saúde e que agora é que estava retornando.

Não poderia ser diferente com as PEUB da Escola Y, estas também tiveram oportunidade para falar mais alguma coisa, caso desejassem. A EX PEUB YM, disse perceber que hoje o professor que está na biblioteca é mais valorizado do que antigamente quando havia aquela visão negativa de que este professor assumia esta função na biblioteca por não querer ou conseguir mais estar em sala de aula.

Olha, eu vejo a coisa assim: de uns três anos para cá, quatro anos para cá, que eu acho que mudou-se a visão com relação ao professor de biblioteca e a própria biblioteca. Porque todo mundo tinha aquela visão de que o professor que vai na biblioteca é aquele professor que é doente, ou que não sabe trabalhar, ou que dá problema, não era assim antigamente? Ou que está cansado de sala de aula. E também não se atrelava, não se dava à leitura a importância que se dá hoje. **E hoje tem as avaliações externas, e todo mundo sabe da importância do ler, a função do ler e de escrever em tudo.** Então, como o governo está muito em cima nessas avaliações externas, eu acho que agora que estão - a própria Superintendência - [...] acordando para a importância realmente da biblioteca em uma escola. Realmente se a gente for olhar anos atrás, a biblioteca era um espaço que... não é verdade? Usava-se para deixar os meninos de castigo, não é verdade? Antigamente era assim (Grifo meu).

De vez em quando eu vou lá, pergunto aos professores “gente, como é que está o fulano? Vocês acham que fulano melhorou um pouquinho?”. “Nossa, o fulano melhorou. Nossa... estou impressionada como ele está mais interessado, está melhor, está mais organizado...” Então você vê que não é só o professor regente, ou o professor do conteúdo específico. **Eu acho que o professor de uso da biblioteca, ele realmente mereceria um olhar por parte dos governos, na administração da escola, [porque ele] é um elemento importante** (Grifo meu).

De outro lado, a PEUB YM acha que a Biblioteca Escolar não está ainda valorizada. “[Ainda] veem a biblioteca como um cantinho com livros para o aluno pegar, ler, devolver. [A Biblioteca] tem espaço para todos os gostos. [É] aqui que o aluno vai encontrar o mundo que ele precisa conhecer para ir para o mundo lá fora”. Já a PEUB YT lembrou que estamos na era da tecnologia e que gostaria que a Biblioteca Escolar Y tivesse computador com acesso à rede mundial de computadores para ser mais um recurso para os alunos fazerem pesquisa porque, às vezes, um livro de Geografia, por exemplo, está desatualizado.

CAPÍTULO III - PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: ALGUMAS POSSIBILIDADES!

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético.
O que são as palavras dormindo num livro?
O que são esses símbolos mortos?
Nada, absolutamente.
O que é um livro se não o abrimos?
Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas;
mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.

Jorge Luís Borges

Após análise dos Indicadores GEBE e do uso das entrevistas semiestruturadas contextualizando-as com Indicadores Educacionais e Indicadores Socioeconômicos em busca da resposta se estas Bibliotecas Escolares em análise estão ou não sendo usadas como recurso pedagógico a favor do processo ensino-aprendizagem chegou-se às seguintes conclusões: 1) A Biblioteca Escolar X é muito bem explorada no que se refere à formação do leitor, mas é pouco explorada no que se refere à orientação de pesquisa escolar; e 2) A Biblioteca Escolar Y é pouco explorada tanto no que se refere à formação do leitor quanto no que se refere à orientação de pesquisa escolar.

Desta forma, sem a pretensão de considerar que será encontrada uma solução definitiva para os possíveis problemas encontrados na gestão das Bibliotecas Escolares em questão, mas com o desejo de que este trabalho possa ser útil, se não para todas as escolas estaduais mineiras, pelo menos para as que são objeto deste estudo neste capítulo será proposto um Plano de Ação Educacional (PAE). Este tem como objetivo levar, tanto a equipe gestora, quanto as profissionais responsáveis pelas Bibliotecas em questão uma proposta que supere dicotomização teoria-prática.

Como o PAE se refere à formação continuada, agora será visto como as Diretoras vêem a questão da formação continuada das PEUB. Na entrevista semiestruturada a questão colocada foi a seguinte: “A própria escola já ofereceu curso de formação continuada para PEUB?”. A Diretora X relatou que entrou na direção¹²⁶ este ano (2012) e disse não ter oferecido curso específico para a PEUB X, mas que procura incentivar a participação da PEUB em todos os cursos que são disponibilizados, declarando, inclusive em reunião que está aberta às sugestões de cursos e

¹²⁶ Antes estava na vice-direção

oportunidades a serem aproveitados. A Diretora Y informou que a Escola Y não ofertou curso para as PEUB.

A partir da análise das entrevistas semiestruturadas direcionadas às equipes gestoras, bem como às PEUB das Bibliotecas Escolares em estudo, com base no referencial teórico utilizado no capítulo 2, serão propostas ações para a melhor utilização do espaço da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, espera-se que o PAE possa colaborar com o processo educacional favorecendo-o e, assim levar outras escolas a repensar este imprescindível espaço de aprendizagem.

3.1 - Proposta de Intervenção

O cerne deste trabalho é o estudo da gestão das Bibliotecas Escolares das Escolas X e Y, pertencentes à rede estadual de Minas Gerais. Mesmo ciente do quanto é dinâmico o processo educacional e das especificidades de cada unidade escolar que, em alguns momentos se entrecruzam, enquanto em outros se distanciam. Buscou-se compreender o que ambas têm em comum e no que diferem para que, a partir desta análise, fosse possível extrair o que de há melhor na gestão de cada uma delas e, então, construir o PAE nos aspectos que se mostraram necessários buscando, portanto, maximizar o uso das Bibliotecas Escolares em proveito do processo educacional. A partir da análise das entrevistas direcionadas às equipes gestoras e às PEUB e com base no referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa, as propostas de ações foram pensadas para a melhor utilização do espaço da biblioteca no enriquecimento do processo ensino-aprendizagem. Desta forma, espera-se colaborar com o processo educacional favorecendo-o e, assim levar outras escolas a repensar este imprescindível espaço de aprendizagem.

Com base nas informações obtidas nos capítulos anteriores foi feito um diagnóstico para eliminar ou pelo menos diminuir os problemas encontrados, tanto nos aspectos físicos quanto nos pedagógicos. Assim, serão propostos dois PAE.

No período da escrita da Dissertação toda atenção do pesquisador se volta para o tema da pesquisa. É como se tudo girasse em volta do tema, que neste caso é Biblioteca Escolar. Vai-se a um Café e observa que há obras à disposição para leitura. Acessa-se a rede mundial de computadores e com intensa frequência os acessos são direcionados para o tema. Assim foi que em julho de 2012 ao visitar a

página virtual da “Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores - MAGISTRA” da SEEMG, diante da oferta do Curso “Literatura Infantil em 3 tempos: descobrir livros, ler e/ou contar histórias nas salas de aula¹²⁷” fiz a pré-inscrição e o curso iniciou-se em agosto. Este curso de formação continuada foi na modalidade Educação a Distância (EaD). O material disponibilizado foi ótimo. A sequência didática foi perfeita. A professora sempre buscou estimular a participação e sempre deu retorno das atividades. Entre as atividades que foram propostas, destaco três: 1) Realizar um “memorial” de sua relação com a leitura; 2) Produzir uma propaganda de um livro de Literatura infanto-juvenil; e 3) Após ouvir umas histórias contadas por especialistas na área, contar uma história colocando em prática o aprendido.

A “Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores - MAGISTRA” tem como um dos seus objetivos ofertar cursos de formação continuada para os profissionais da educação. Assim ela cumpre o artigo 62 da LDB nº 9394/1996

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (Regulamento)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009) (BRASIL, 1996) (Grifos meu).

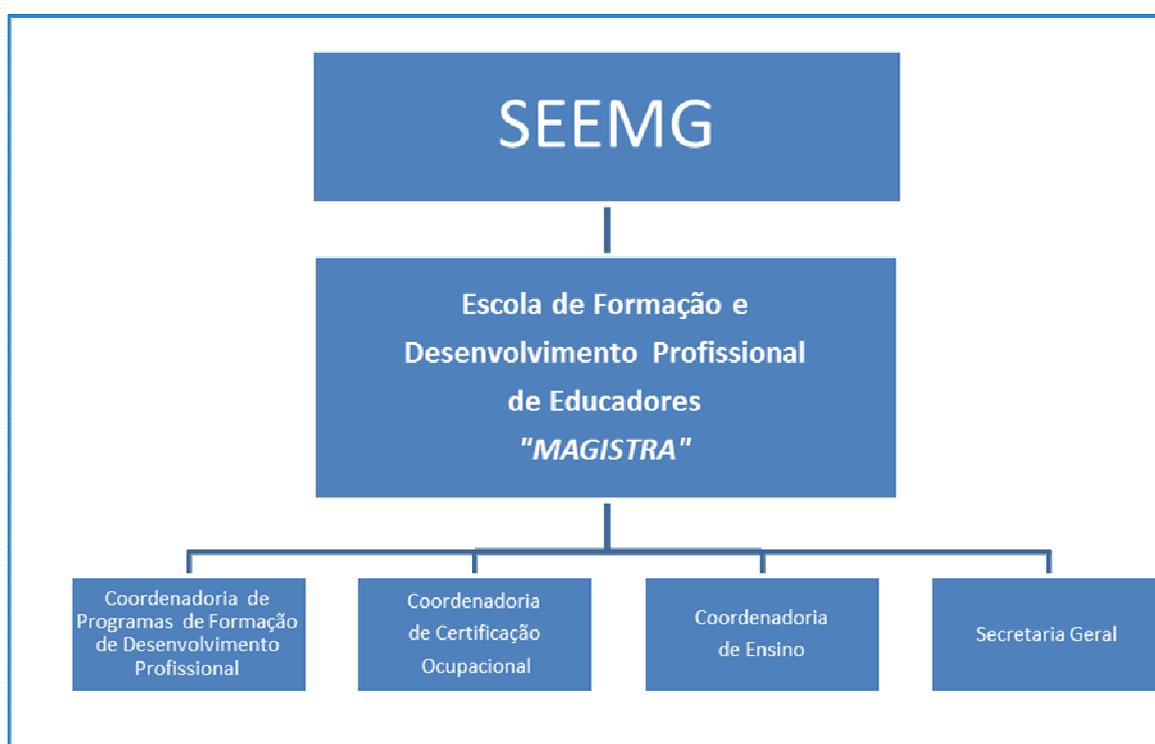
“Magistra” é o nome fantasia da “Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores de Minas Gerais” e foi criada pela Lei delegada nº 180, de 20 de janeiro de 2011. Uma de suas ações é atender demandas de necessidades regionalizadas. Ela é também chamada de “Escola da Escola”. Sua missão é¹²⁸:

¹²⁷ Certificado vide Anexo V.

¹²⁸ As informações referentes à Magistra foram obtidas no site: <http://magistra.educacao.mg.gov.br/site/>

- Potencializar processos de formação, por meio da criação, pesquisa, divulgação, avaliação, reflexão e experimentação de boas práticas de gestão e interação pedagógica, objetivando melhorar o desempenho educacional das escolas, dos educadores de modo geral e conseqüentemente dos estudantes mineiros;
- Incentivar a formação de comunidades de aprendizagem e o compartilhamento das boas práticas;
- Aliar conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os mais experientes e reconhecidos;
- [...]
- Contribuir para a formação dos professores para ensinarem mais e melhor num mundo transformado pela tecnologia, interatividade e redes virtuais de informação.

Figura 1 – Organograma Magistra



Fonte: Elaborada pela autora a partir da imagem disponível em <http://magistra.educacao.mg.gov.br/site/>

Vê-se pela figura 1 e pelo já descrito que, um dos motivos de existência da Magistra é potencializar o trabalho dos profissionais da educação através de cursos de formação continuada.

Com a certeza que as Bibliotecas Escolares pesquisadas podem potencializar os seus usos porque são recursos pedagógicos riquíssimos que devem ser explorados a favor do processo ensino-aprendizagem na busca pela melhor qualidade da educação esta Dissertação irá propor dois PAE.

3.2 PAE pela via governamental da Escola da Escola

Com a existência da Escola da Escola que não é apenas virtual, mas tem sede própria poderia ser ofertado curso de formação continuada para as PEUB na modalidade EaD para as duas funções essenciais de uma Biblioteca Escolar: formar leitores e formar pesquisadores. Duas são as vantagens desta opção. A primeira é a possibilidade de se estender para todas as escolas estaduais proporcionando, assim, além das trocas de experiências entre as PEUB, uma rede social entre as mesmas. A segunda é uma política de trabalho das PEUB ajustada com a política educacional do Estado, como é o anseio visto nas reportagens em anexo.

3.2.1 - PAE Escola da Escola: Formação do leitor

Como visto, para fomentar a formação do aluno leitor é importante um trabalho de dinamização da leitura voltado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dentre as várias opções, optou-se pela formação das PEUB como contadoras de histórias.

Assim propõe-se que seja ofertado um curso pela Magistra, específico para a Contação de Histórias para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Seria interessante que o curso tivesse uma carga horária de, no mínimo, 60 horas.

Para que o curso tenha maior probabilidade de êxito deveria ser feito por convite e não por convocação. Mas, naquelas escolas em que as PEUB fossem fazer o curso seria interessante a adoção de termos de compromisso, tanto para Diretores(as) quanto para PEUB.

No Termo de Compromisso do Diretor(a), haveria uma cláusula de que seria proporcionada duas hora por semana – durante o horário de trabalho - para a PEUB se dedicar ao curso, bem como seria proporcionado local adequado com os equipamentos adequados para a realização do mesmo, ou seja, a PEUB poderia usar o Laboratório de Informática ou outra sala que tenha computador com acesso a rede mundial de computadores, no caso da Biblioteca Escolar não o ter.

No Termo de Compromisso da PEUB haveria uma cláusula de que ela daria ciência ao Diretor(a) e ao Especialista da Educação Básica – Supervisor(a) do andamento do curso, semanalmente.

Também seria muito proveitoso se em cada SRE houvesse um(a) Analista da Educação que trabalhasse como Tutor Presencial acompanhando e auxiliando as PEUB no referido curso.

3.2.2 - PAE Escola da Escola: Metodologia de Pesquisa Escolar

Também poderia ser ministrado pela Magistra um curso para as PEUB sobre Metodologia de Pesquisa Escolar. Neste caso seria interessante se os Supervisores e Professores também participassem.

Também para que o curso tenha maior probabilidade de êxito deverá ser feito por convite e não por convocação e, da mesma forma que na situação anterior, naquelas escolas em que os profissionais fossem fazer o curso seria interessante a adoção de termos de compromisso, tanto para Diretores(as) quanto para as PEUB, Supervisores e Professores.

No Termo de Compromisso do Diretor(a), haveria uma cláusula de que seria proporcionada determinado número de horas por semana – durante o horário de trabalho - para os profissionais dedicarem ao curso, bem como seria proporcionado local adequado com os equipamentos adequados para a realização do mesmo: Laboratório de Informática ou sala com computador e acesso a rede mundial de computadores.

No Termo de Compromisso da PEUB e dos professores haveria uma cláusula de que eles dariam ciência ao Especialista da Educação Básica – Supervisor(a) do andamento do curso, semanalmente. Enquanto o(a) Supervisor(a) teria que dar ciência ao Diretor(a), semanalmente, do andamento do curso.

Da mesma forma que na situação anterior, também seria muito proveitoso se em cada SRE houvesse um(a) Analista da Educação que trabalhasse como Tutor Presencial acompanhando e auxiliando os profissionais da Escola no referido curso.

3.3 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre

No que se refere ao aspecto pedagógico, no PAE serão propostos:

- a) oficinas com os Professores para o Ensino e o Uso da Biblioteca, levando-os a refletirem sobre sua prática para modificá-las no que se mostrar necessário,
- b) palestras sobre o tema
- c) estímulo à participação em concursos nacionais de biblioteca e em seminários sobre Biblioteca Escolar,
- d) atividades específicas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e
- e) atividades específicas para os Anos Finais do Ensino Fundamental.

A intervenção busca propor o aprimoramento do modelo de gestão da Biblioteca Escolar. É importante ressaltar que ela não demandará mecanismos de financiamento extraordinários, pois trabalhará com os recursos físicos e humanos existentes na Biblioteca e, sendo necessária a aquisição de algum recurso físico, este será solicitado através de uma planilha de gastos para serem analisados pelo Colegiado Escolar e encaminhado à Diretoria Pedagógica na SRE Pouso Alegre para encaminhar o pedido de recursos à SEEMG. Também não se fará necessária a adequação do quadro institucional legal existente porque as Bibliotecas já contam com o Professor para o Ensino e Uso da Biblioteca (PEUB). Para enriquecimento da proposta, será buscada parceria com profissionais de outras escolas para troca de experiências, palestras e oficinas.

Será buscado o apoio da comunidade escolar para que o projeto seja bem sucedido porque sem o envolvimento e aceitação dos mesmos tornam-se reduzidas as possibilidades de sucesso. Então, serão envidados esforços no sentido de dar publicidade e visibilidade ao mesmo. Alguns dos procedimentos adotados para este fim serão: a) cartazes espalhados nos locais de maior acesso da comunidade escolar, b) visita às salas de aulas para falar sobre o projeto e c) participação em reuniões dos Colegiados Escolares.

Como todo planejamento obedece a certas fases, e, sabendo que muitas vezes estas fases são concomitantes, assim faz-se necessário que a avaliação do projeto ocorra em todas as fases do processo para corrigir eventuais falhas buscando sempre alcançar o objetivo de tornar a Biblioteca Escolar aliada ao processo educativo. Inicialmente será feita uma pesquisa com os alunos, os professores, os gestores e alguns pais para avaliar o grau de satisfação com o uso que está sendo feito da biblioteca enquanto recurso pedagógico – isto antes da implementação da proposta de intervenção. Depois será aplicado mais duas vezes o mesmo questionário durante o ano letivo enquanto estiver sendo implementada a proposta de intervenção – sendo uma no meio do processo para diagnosticar se alguma correção deve ser feita e outra ao final do ano letivo para dimensionar a validade da proposta.

3.3.1 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre: Proposta para as PEUB e Supervisoras do Ensino Fundamental

Justificativa	Objetivo	Ação	Cronograma	Responsável	Avaliação
Construção do entendimento de que a Biblioteca Escolar é um recurso pedagógico.	Possibilitar a reflexão sobre a prática para modificá-la no que se mostrar necessário.	Através de Oficinas	No início de cada semestre.	Analista Educacional da SRE em parceria com profissionais de escola da educação básica.	Questionário para averiguar satisfação após as oficinas.
	Favorecer entendimento da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico.	Palestra sobre o tema	No início do ano letivo.	Analista Educacional da SRE em parceria com profissionais de escola da educação.	Questionário para averiguar satisfação após a palestra.
	Estimular a participação em concursos nacionais para Bibliotecas Escolares e em seminários sobre Biblioteca Escolar.	Procurar em sítios eletrônicos, órgãos públicos, universidades e em organismos não governamentais sobre possíveis concursos e seminários sobre Biblioteca Escolar e envio de materiais informando sobre os mesmos para as escolas.	Semanalmente.	Analista Educacional da SRE.	Monitoramento. Conversa direta.

3.3.2 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre - Formação do leitor: Proposta para PEUB e Supervisores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Y

Justificativa	Objetivo	Ação	Cronograma	Responsável	Avaliação
Favorecer o hábito da leitura e da escrita nos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	Melhorar o processo ensino-aprendizagem	Contação de histórias e reconto	Uma aula por semana.	PEUB Supervisor Analista Educacional da SRE	Questionário com o professor da sala de aula para averiguar se houve melhora no rendimento dos alunos.

3.3.3 - PAE pela via governamental da SRE Pouso Alegre – Pesquisa Escolar: Proposta para as PEUB e Supervisoras dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola X e da Escola Y

Neste ponto será proposto um projeto a ser executado pelas PEUB de forma colaborativa com os Professores de Língua Portuguesa com acompanhamento dos Especialistas Supervisores e com suporte da SRE Pouso Alegre, no trabalho com os gêneros textuais, gradativamente a partir da elaboração de esquemas, resumos, resenhas e artigos.

Justificativa	Objetivo	Ação	Cronograma	Responsável	Avaliação
Favorecer a Iniciação à Pesquisa	Melhorar o processo ensino-aprendizagem	Trabalho com esquema para o 6º ano.	Uma aula quinzenalmente, sendo o trabalho com os gêneros textuais realizados gradativamente.	PEUB Professor de Língua Portuguesa Supervisor Analista Educacional da SRE	Questionário com o professor da sala de aula para averiguar se houve melhora no rendimento dos alunos.
		Trabalho com esquema e resumo para o 7º ano.			
		Trabalho com esquema, resumo e resenha para o 8º ano.			
		Trabalho com esquema, resumo, resenha e artigo para o 9º ano.			

Espera-se que a proposta torne-se um processo constante, mas que não se torne engessado anulando possibilidades de melhorias no mesmo, se estas se mostrarem necessários. Talvez o maior empecilho neste processo para a implementação da proposta seja a adesão de alguns dos atores do processo. Ou

seja, de alguns professores Dos alunos não se espera empecilhos porque se crê que o projeto envolverá os alunos na riqueza da leitura. Este posicionamento talvez se deva, em um primeiro momento, ao fato da pesquisadora achar fascinante o “mundo dos livros” e, esperar que todos os que a este mundo tenha acesso se apaixonem por ele e em um segundo momento, às observações *in loco* que possibilitou perceber o interesse dos alunos, principalmente os dos anos iniciais do ensino fundamental no espaço da Biblioteca Escolar.

3.4 – Finalizando...

Uma vez que esta Dissertação começou com a autora trazendo sua relação com a Biblioteca Escolar e, principalmente sua paixão pela Leitura, foi levado às PEUB questões nas quais elas também pudessem trazer suas reminiscências com o *lócus* Biblioteca Escolar e seu material mais abundante, o Livro. Nada mais apropriado, portanto, que essa seja encerrada com tais memórias.

3.4.1 – PEUB X

A: Pensando no tempo que você frequentava a escola, você como aluna, você ia muito à Biblioteca?

PEUB X: Olha, na minha época eu não tinha toda essa liberdade que eles têm agora, mas eu sempre gostei. Quando a professora contava uma história, geralmente [...] ela começava faltando dez minutos para apitar. [Quando apitava ela falava assim: apitou]. Amanhã eu vou continuar. Então, isso de continuar eu acho que ficou na minha mente e eu gostei da ideia. Então, às vezes eu faço isso, deixar um suspense...

A: Você teve professoras que contavam histórias?

PEUB X: Tive. Às vezes elas [mais liam], mas elas punham emoção, porque eu acho que o que vale muito é a emoção, a pausa que vai dando. Então eu gostava muito. Às vezes ela pedia para fechar os olhos, aí a gente ficava imaginando como que era aquela floresta... Então eu acho que eu fiquei muito no encantamento. Mas eu acho que isso é muito importante. A criança tem que ter fantasia, tem que sonhar, não pode ficar assim, só em coisa muito séria não. Deixar as coisas sérias para gente grande.

A: Na sua época de escola tinham aquelas leituras de livros obrigatórios?

PEUB X: Olha, da 5ª série em diante tinha, mas eu gostava muito da Ilha Perdida, da Série [Vaga-lume], nossa eu apaixonei.

A: Mas você lia livros além dos obrigatórios, você lia outros livros não obrigatórios, por conta própria você procurava livros pra ler?

PEUB X: O que eu gostava muito, mas muito mesmo, porque a minha mãe não tinha condições de comprar livros, era ler gibi. Todo tipo de gibi. Até quando eu era adolescente eu gostava muito do Ted, não sei se você lembra... Aí eu tinha um vizinho, que era um menino que também gostava muito, aí a gente lia e trocava. E a gente tinha aquele cuidado de não estragar livro que não era da gente. Hoje eu não vejo tanto cuidado, mas tinha essa troca.

Agora segue parte da Segunda Entrevista Semiestruturada com a PEUB X (como já explicado, a entrevista teve que ser interrompida por causa do recreio e achando que não havia gravado, ficou resolvido começar do zero. Com isto, felizmente, mais memórias vieram à tona.

A: Na sua época de estudante tinha a leitura de livros obrigatórios?

PEUB X: Sim.

A: Você lia todos os obrigatórios?

PEUB X: Eu lia, eu gostava.

Pesquisadora: E você lia livros não obrigatórios? Outros livros além do que os professores mandassem, você lia?

PEUB X: Eu gostava muito [e lia] além dos obrigatórios. Obrigatórios tinha que ler e ponto, né.

A: Mas você lia [os obrigatórios] com prazer?

PEUB X: Lia com prazer e, a gente tinha uma ficha de leitura que tinha: nome do autor, nome do livro, edição, tudo isto e depois o resumo. Eu lembro que na época, quando o livro era maior... Eu tenho 'vamos falar assim' um espelho. Todo mundo tem um espelho. Meu espelho é a minha mãe. Ela lia o livro e contava a história para mim. Eu também lia, mas eu acho assim por causa dela ser mais velha, ela entendia o livro melhor do que eu, né. Então aí ela contava e depois eu escrevia. Então eu acho que essa parte também de mãe, vó, alguém ler junto com a criança, ou ler junto com o adolescente, ajuda tanto o aluno quanto a pessoa. Eu lembro de um livro que chamava "Inocência". Então este livro quando eu levei não gostei muito.

Aí eu falei: tenho que ler este livro, né. Mas, aí depois que a mamãe leu e contou o que ela tinha entendido, sabe, aí então beleza [risos]. Eu gostei. Achei super legal.

[Pesquisadora: Eu acho que essa relação que você falou [leitor criança-leitor adulto] também traz afetividade entre a mãe e o filho, o professor e o aluno, traz uma relação de afetividade.].

[PEUB X]: É. E no caso, a mamãe sempre trabalhou muito. Ela trabalhava dia inteirinho. E eu a filha mais velha ficava em casa tomando conta. Mas, geralmente, um intervalo que tinha, quando não eram os livros obrigatórios, eram os gibis, né. Então os gibis para mim... não sei mais se tem ainda, mas era o “Riquinho”. E, não sei se dentro deste “Riquinho” tinha aquela personagem “Brotoeja” que era uma menina que tinha vestidinho tudo de bolinha. E um dia ela vestiu um vestido branco. E ela ficou triste olhando aquele vestido branco. Aí veio um carro e passou perto de uma poça d’água e espirrou um montão de água de barro e o vestido ficou inteirinho pintadinho. E ela ficou feliz com aquele vestido cheio de bolinha. Então os gibis também, eu acho que... “Luluzinha”, “Bolinha” [...]. Então eu acho assim que se um livro ‘vamos falar assim’ é “chato” para uma criança, o gibi vai despertar a literatura. Eu acho assim, tem que envolver tudo. Se a criança não gosta de um livro tal, mas ela gosta de gibi, daqui a pouco através do gibi ela vai gostar dos livros também.

3.4.2 – EX PEUB YM

A: Pensando no tempo que você frequentava a escola, você como aluna, você ia muito à biblioteca?

EX PEUB YM: Na nossa época, nós não tínhamos assim, um acervo nas Bibliotecas. Digamos assim, as Bibliotecas não eram acessíveis como são hoje. Na nossa época não tinha. A gente acabava lendo um ou outro livro que uma professora dava.

A: Livros obrigatórios?

EX PEUB YM: Isso, livros obrigatórios. Eu, como eu venho de família de professoras, eu sempre tive na minha casa muito acesso à leitura. Mas porque já era da família, já era hábito da família. Mas na escola mesmo, em termos de Biblioteca, não. Algumas [escolas] tinham [Biblioteca], mas a gente não tinha acesso àquele espaço. Era uma outra visão, digamos assim. [Era] assim, uma visão muito diferente da visão de hoje.

A: Você falou que já lia os livros que as professoras mandavam, chamados obrigatórios. Você lia eles, assim, por gosto mesmo?

EX PEUB YM: Sim.

A: Por gosto mesmo ou por obrigação, porque ela mandava?

EX PEUB YM: Não. Lia por obrigação e lia por gosto. Tem uma obra assim que eu não esqueço, eu tinha uns 9, 10 anos, Polyana Menina [...]. Foi um livro que me marcou muito - uma professora que me deu de presente - porque eu gostava muito de ler [...]. Era 3ª ou 4ª série na época. Então é uma obra que me marcou muito. Eu me lembro que eu li e acabei emprestando para as colegas na época. Eu acho assim, depende também muito de onde a criança [vive]. Se é uma casa que tem obras, que a família lê, é mais fácil formar leitor.

3.4.3 – PEUB YM

A: Pensando no tempo em que você frequentava a escola, você como aluna, você ia muito à biblioteca?

PEUB YM: Eu era “Bibliotecamânica”.

A: Era? A sua escola, desde o início da sua alfabetização, tinha biblioteca?

PEUB YM: Tinha, mas eu só descobri a Biblioteca na 6ª série. Meu primeiro livro foi “Memórias de um Vira-lata”, eu devorei o livro.

A: Mas foi o seu primeiro livro na escola?

PEUB YM: Foi meu primeiro livro na escola. Em casa, apesar dos meus pais não serem leitores, eu não sei, eu acho que eu nasci com a genética voltada para a literatura.

A: Na sua casa tinha livros?

PEUB YM: Não. Meus pais nunca foram de ler, mas eu sempre fui uma criança muito curiosa, sabe? Eu me lembro de um episódio que passou: tinham muitos vendedores que vendiam livros, na época que passavam de porta em porta para vender coleção, e um vendedor passou vendendo a coleção de Monteiro Lobato. E aí eu pensei, e ele falando lá das histórias, eu fiquei maluca. “Fica, mãe, fica com a coleção”. Minha mãe pensou e falou assim: “Não, eu vou ficar com a coleção até seu pai chegar”. “Espera seu pai chegar porque ele que vai falar se eu posso ficar ou não com a coleção”. E eu lembro que enquanto ela esperava, que ela saiu, que ela guardou a caixa com a coleção dentro do guarda-roupa, eu fui lá, peguei a caixa, abri a caixa, e fui vendo. Narizinho, sabe? A Tia Nastácia. E fui lendo

rapidinho porque eu pensei: se o meu pai não ficar com isso aqui, já está lido. Dito e feito: ele não comprou a coleção. E ali eu já conheci o Monteiro Lobato e já fui atrás, “Eu quero ver mais desses personagens”, então eu acho que eu tinha nascido para aprender.

A: Você falou que você, você conheceu seu primeiro livro na 6ª Série, “Memórias de um Vira-lata”, mas na sua época de estudo tinha aquela lista de livros obrigatórios?

PEUB YM: Tinha.

A: Você lia-os com prazer, mesmo que fossem obrigatórios?

PEUB YM: Lia, lia com prazer.

A: E lia outros livros além...?

PEUB YM: Sim, lia outros livros além deles. Eu lembro que foi no 1º ano, na época do meu magistério, eu li o “Morro dos Ventos Uivantes” que não estava na lista. Eu li “O Crime do Padre Amaro” e foi um livro que foram me pedir lá no 3º ano. Então eu lia compulsivamente.

3.4.4 – PEUB YT

A: Agora, pensando no tempo em que você frequentava a Escola, você ia muito à Biblioteca?

PEUB YT: Eu ia e adorava ler.

A: Na sua escola tinha Biblioteca?

PEUB YT: Tinha, e toda vida. A questão até de pegar esses livros, eu acho até que eu peguei isso e trouxe de lá. Esta questão de ter de ir à Biblioteca toda semana levar livro para casa, devolver. Às vezes a gente ficava em dúvida. Por isso que quando a criança está em dúvida, também eu tenho auxiliado nisso, porque tem criança que vem aqui, ela já fala: “Tia, tal livro”, mas tem criança que não. Tem criança que chega aqui, aí ela fica assim, ela enrola, ela olha, aí eu deixo, deixo até determinado tempo [e quando eu vejo que realmente está em dúvida, aí eu dou uma sugestão]: “Olha tem esse aqui, o que você acha? Esse aqui é legal, esse conta disso, vê se você gosta”. Aí ela fala: “Ah então eu acho que eu gosto desse”. E às vezes até mostro: “Olha aqui tem uns diferentes”. [...].

A: Então você gostava de frequentar a Biblioteca na sua Escola?

PEUB YT: Gostava.

A: E naquela época havia aquelas listas de livros obrigatórios para ler?

PEUB YT: No primário não era assim obrigatório. Mas quando foi de 5ª a 8ª série, tinha sim.

A: Aí você tinha que ler os livros obrigatórios. Você lia outros livros que não os obrigatórios?

PEUB YT: Eu lia outros livros que não eram obrigatórios. Por exemplo, na época eu li “Os Melhores Livros de Conto”, me encantei por esse livro e não era obrigatório. Enquanto eu li, por exemplo, na época “Mar Morto” eu falei “Nossa esse era horrível”. Uma menina de 14 anos ler “Mar Morto” então hoje é diferente minha visão, mas na época fui obrigada a ler Mar Morto, aquele livro grosso, esse foi maçante.

A: É, talvez não fosse para sua faixa etária.

PEUB YT: Não era, e muitos outros que lia, era José de Alencar, Graciliano Ramos...

A: Mas eu acho que valorizar esses autores, claro que dentro da faixa etária que vai atender o aluno, é bom trazer esses autores, Machado de Assis, são muitas as boas obras.

PEUB YT: São. Porque se você não ler também nessa época [...], talvez eu nem tivesse lido, nem conhecesse.

A: E às vezes também você lê, às vezes se falasse que é uma lista obrigatória, mas podia também vir a gostar, no seu caso Mar Morto você não gostou porque não estava adequado com você.

PEUB YT: Exatamente. “Vidas Secas” na época eu gostei, eu me lembro de “Cem Noites Tapuia” que eu li e depois fiz até um trabalho, tirei nota 10.

A: Era obrigatório e gostou.

PEUB YT: Eu gostei... A Ilha Perdida... são livros que foram pedidos para ler e eu realmente gostei.

REFERÊNCIAS

ANDRES, María Laura et al . **Disponibilidad de recursos materiales en el hogar y adquisición de habilidades pre-lectoras.** *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 14, n. 1, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 ago. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572010000100015>

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** (Orgs: Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani). 12.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em 5 de dezembro de 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em Acesso em 5 de dezembro de 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 10.753, de 30 de outubro de 2003.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm> Acesso em maio de 2012.

BRASIL. Casa Civil. **Lei N.º 12.244 de 24 de maio de 2010(a).** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em 5 de dezembro de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB Nº 11/2010.** Aprovado em 7/7/2010. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010(b). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992>. Acesso em 18 de janeiro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução Nº 7, de 14 de Dezembro de 2010.** Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010(c). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992>. Acesso em 18 de janeiro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF. 1997. 144p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em 29 de Outubro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=859&catid=195%3Aseeb-educacao->

basica&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&option=com_content&view=article>. Acesso em 29 de Outubro de 2012.

BRASIL. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar. **Biblioteca escolar como espaço de produção de conhecimento: Parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte, 2010(d). Disponível em <www.cfb.org.br/projetos.php>. Acesso em 1º de dezembro de 2011.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Bernadete Campello (Compiladora). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CASTRO, César Augusto de. **Ensino e biblioteca: diálogo possível**. In: **Revista Transinformação**. Campinas, Vol.15, n.1. 63-72, jan./abr., 2003. Disponível em <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=15>>. Acesso em 15 de novembro de 2011.

CONSED. **Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar – Ano Base 2008. Manual de Orientações**. Brasília, 2008.

CÔRTE, Adelaide Ramos. BANDEIRA, Suelena Pinto, **Biblioteca Escolar**. Brasília,DF: Brique de Lemos/Livros, 2011.

DURBAN ROCA, Glòria. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. (tradução: Carlos Henrique Lucas Lima; revisão técnica: Miriam Moema Loss). Porto Alegre: Penso, 2012. 110 p.

FRANÇA, Fabiana Fernandes. BARRETO, Penha Maria Cordeiro de Quadros. SILVA, Rosilene Vieira da. **O encantamento entre a criança e o livro: algumas tentativas/ações dos/das bibliotecários/as que atuam nas escolas de ensino fundamental da prefeitura de Vitória – ES**. In: **III seminário Biblioteca Escolar: Espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte, 22 a 24 de setembro de 2004. Disponível em <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/306.pdf>>. Acesso em novembro de 2011.

FREIRE, Adelina da Conceição. **Biblioteca Escolar e Sala de Aula. Intersecção de duas realidades através do trabalho colaborativo: Estudo numa escola secundária**. (Dissertação). Universidade Aberta. Portugal, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 27.ed., São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992. (Coleção: Polêmicas do nosso tempo; v.4).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A leitura compartilhada na hora do conto**. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG,

1999. p. 49-59. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB). **Avaliação educacional em larga escola**. 2008.

KIESER, Herta & FACHIN, Gleisy Regina Bóries. **Biblioteca Escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação – um relato**. Disponível em <<http://dici.ibict.br/archive/00000743/01/T083.pdf>>. Acesso em outubro de 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. (Tradução: Samuel Titan Jr). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAROTO, Lúcia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2.ed. v.49. São Paulo: Editora Ática, 1996. (Série Temas).

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Rompendo o silêncio: a biblioteca escolar e a trajetória de um pesquisador. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 31-38. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

MILANESI, Luis. **O que é Biblioteca**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 (Coleção Primeiros Passos).

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Lei nº 7109 de 13 de outubro de 1977 (texto atualizado)**. Disponível em <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=LEI&num=7109&comp=&ano=1977&texto=consolidado>>. Acesso em 17 de dezembro de 2012.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Decreto nº 40.013 de 03 de novembro de 1998 (Texto original)**. Disponível em <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=40013&comp=&ano=1998>>. Acesso em 17 de dezembro de 2012.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Projeto de Lei 3.461/2012 (Aprovado em 19/12/2012)**. Disponível em <http://www.almg.gov.br/atividade_parlamentar/tramitacao_projetos/interna.html?a=2012&n=3461&t=PL>. Acesso em 21 de dezembro de 2012

MINAS GERAIS. **Decreto nº 46.125, de 4 de janeiro de 2013.** (Publicado no Minas Gerais de 05/01/2013). Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Escola X. **Regimento Escolar**, 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE nº 521, de 2 de Fevereiro de 2004.** Disponível em <www.educacao.mg.gov.br>. Acesso em 2 de janeiro de 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE nº 841, de 12 de Dezembro de 2006.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 1026, de 28 de Dezembro de 2007.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 1256, de 22 de Dezembro de 2008.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 1458, de 19 de Novembro de 2009.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 1773, de 22 de Dezembro de 2010.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 2018, de 06 de Janeiro de 2012.** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Resolução SEE Nº 2.253, de 09 de janeiro de 2013(a).** Disponível em <<http://www.iof.mg.gov.br/>>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto de Desenvolvimento Profissional.** S/D. Disponível em <<https://www.educacao.mg.gov.br/projetos/projetos-estruturadores/422-programa-de-desenvolvimento-profissional-pdp>>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Escolas Referência.** S/D. Disponível em <<https://www.educacao.mg.gov.br/projetos/projetos-complementares/1644-projeto-escolas-referencia>>. Acesso em 20 de novembro de 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **SIMAVE/PROEB – 2011/** Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 1 (jan/dez. 2011), Juiz de Fora, 2011a – Anual.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação **SIMAVE/PROEB – 2011 /** Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 3 (jan/dez. 2011), Juiz de Fora, 2011 b – Anual

Ministério da Educação. **Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil.** Instituição responsável Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Faculdade de Educação. (Parcerias: MEC; UERJ; Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI); Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid); Fundação SM). São Paulo: Edições SM Ltda. 1.ed. 2011 (CE IDEA Coleção de Estudos).

OLIVEIRA, Marinês Barbosa de. **A filosofia na biblioteca escolar: uma proposta de apoio à educação para o pensar**. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 118-124. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

PATENTE, Sônia Maria de Araújo. A ação pedagógica da biblioteca da Escola Balão Vermelho. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 172-174. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

PONTES, Gicélia Lira Araújo de. **Rodas de leitura na Biblioteca Central Blanche Knopf: uma experiência com estudantes de ensino fundamental**. IN: **III Seminário Biblioteca Escolar**. Belo Horizonte, 22 a 24 de setembro de 2004. Disponível em <<http://gebe.eci.ufmg.br/>> <gebe.eci.ufmg.br/downloads/307.pdf>. Acesso em outubro de 2011.

PIMENTA, Lina Vilany; AIRES, Maria Célia Pessoa; RIBEIRO, Tadeu Rodrigo. Programa de revitalização das bibliotecas das escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 68-83. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

Pimentel, Graça. **Biblioteca escolar**. / Graça Pimentel, Liliane Bernardes, Marcelo Santana. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. **Lendo histórias em família: influências sobre o vocabulário infantil e desempenho em leitura e escrita**. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571996000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 ago. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571996000100006>.

VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Natália Guiné de Mello; SILVA, Rosana Matos da. Entre luz e sombra...: Uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: **I Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte, 6 a 9 de Outubro de 1998. Disponível em <<http://gebe.eci.ufmg.br/>> <gebe.eci.ufmg.br/downloads/104.pdf>. Acesso em outubro de 2011.

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA X

DIRETORA

- a. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo neste a participação do(s) Professore(s) para o Ensino e o Uso da Biblioteca?
- b. A escola consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo/cooperativo entre os professores e a(s) PEUB(s)?
- c. Quem é o responsável pela escolha de livros comprados para a Biblioteca?
- d. A escola garante aos alunos ações/projetos objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita? Você poderia me contar um pouco sobre os mesmos?
- e. É realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência a Biblioteca Escolar no horário do recreio?
- f. Você acompanha o trabalho da(s) PEUB(s) realizando, entre outras atividades, visitas à Biblioteca Escolar para valorizar o trabalho da(s) PEUB(s), dar-lhes apoio e saber como o trabalho está sendo realizado?
- g. A escola já ofertou curso de formação continuada para a PEUB? Quando e como foi?

SUPERVISORA

- a. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo neste a participação do(s) Professore(s) para o Ensino e o Uso da Biblioteca?
- b. A escola consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo/cooperativo entre os professores e a(s) PEUB(s)?
- c. Você acompanha o trabalho da Professora para o Ensino e Uso na Biblioteca Escolar (PEUB)? [Caso sim]: Como?
- d. Quem é o responsável pela escolha de livros comprados para a Biblioteca?
- e. O que você acha que as bibliotecas têm a oferecer aos alunos?
- f. A escola garante aos alunos ações/projetos objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita? Você poderia me contar um pouco sobre trabalho?
- g. É disponibilizado “Cantinho de Leitura” (ou equivalente) em sala de aula para os anos iniciais do Ensino Fundamental? Conta para mim como funciona?
- h. Quanto a orientação à pesquisa escolar, você saberia me dizer se os professores e PEUB(s) trabalham colaborativamente junto ao(s) aluno(s)? Que tipo de atividades são desenvolvidas em conjunto?
- i. Farei perguntas sobre os GDPs da escola.
 - Quando foi criado, qual o objetivo deste projeto?
 - Como é desenvolvido este projeto na escola? Para a execução deles, é necessário usar a Biblioteca?
[Caso sim]: Como acontece esta interação com a Biblioteca?
 - Além dos benefícios para os alunos este(s) GDP(s) relacionados com a Biblioteca, há também algum retorno de recurso financeiro ou outro para Biblioteca pela adesão da escola a esta política do estado?

PEUB

- a. Você poderia me contar como começou a trabalhar como PEUB? Foi por escolha ou não? [Conta um pouquinho para mim].
- b. Que tipos de atividades são desenvolvidas por você na escola?
- c. Em sua função, quais trabalhos você realiza para favorecer o gosto pela leitura por parte dos alunos?
- d. Como você trabalha a pesquisa escolar junto aos alunos?
- e. Pensando nos tempos que frequentava a escola, você ia muito à biblioteca? Lia com que frequência livros não obrigatórios?
- f. O que você acha que as bibliotecas têm a oferecer aos alunos?
- g. Você desenvolve algum projeto que consegue atrair os alunos à biblioteca?
- h. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas? Você participa destes momentos?
- i. É realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência a Biblioteca Escolar no horário do recreio?

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA Y

DIRETORA

- a. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo neste a participação do(s) Professore(s) para o Ensino e o Uso da Biblioteca?
- b. A escola consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo/cooperativo entre os professores e a(s) PEUB(s)?
- c. Quem é o responsável pela escolha de livros comprados para a Biblioteca?
- d. A escola garante aos alunos ações/projetos objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita? Você poderia me contar um pouco sobre os mesmos?
- e. É realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência a Biblioteca Escolar no horário do recreio?
- f. Você acompanha o trabalho da(s) PEUB(s) realizando, entre outras atividades, visitas à Biblioteca Escolar para valorizar o trabalho da(s) PEUB(s), dar-lhes apoio e saber como o trabalho está sendo realizado?
- g. A escola já ofertou curso de formação continuada para a PEUB? Quando e como foi?
- h. Há assinatura de revistas e Jornais para a Biblioteca? [Caso não] Por quê?
- i. Há compra de gibis ou busca por doação dos mesmos para a Biblioteca? [Caso não] Por quê?
- j. Há computadores com acesso à internet na Biblioteca? [Caso não] Por quê?
- k. No Regimento Escolar ou no PPP constam formas de uso para a Biblioteca?

SUPERVISORAS

- a. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas, incluindo neste a participação do(s) Professore(s) para o Ensino e o Uso da Biblioteca?
- b. A escola consegue realizar uma prática pedagógica pautada por um trabalho colaborativo/cooperativo entre os professores e a(s) PEUB(s)?
- c. Você acompanha o trabalho da Professora para o Ensino e Uso na Biblioteca Escolar (PEUB)? [Caso sim]: Como?
- d. Quem é o responsável pela escolha de livros comprados para a Biblioteca?
- e. O que você acha que as bibliotecas têm a oferecer aos alunos?
- f. A escola garante aos alunos ações/projetos objetivando o desenvolvimento da competência de leitura e escrita? Você poderia me contar um pouco sobre trabalho?
- g. É disponibilizado “Cantinho de Leitura” (ou equivalente) em sala de aula para os anos iniciais do Ensino Fundamental? Conta para mim como funciona?
- h. Quanto a orientação à pesquisa escolar, você saberia me dizer se os professores e PEUB(s) trabalham colaborativamente junto ao(s) aluno(s)? Que tipo de atividades são desenvolvidas em conjunto?

PEUB

- a. Você poderia me contar como começou a trabalhar como PEUB? Foi por escolha ou não? [Conta um pouquinho para mim].
- b. Que tipos de atividades são desenvolvidas por você na escola?
- c. Em sua função, quais trabalhos você realiza para favorecer o gosto pela leitura por parte dos alunos?
- d. Como você trabalha a pesquisa escolar junto aos alunos?
- e. Pensando nos tempos que frequentava a escola, você ia muito à biblioteca? Lia com que frequência livros não obrigatórios?
- f. O que você acha que as bibliotecas têm a oferecer aos alunos?
- g. Você desenvolve algum projeto que consegue atrair os alunos à biblioteca?
- h. A escola realiza momento de planejamento coletivo das atividades pedagógicas? Você participa destes momentos?
- i. É realizado algum trabalho para tornar atrativa a frequência a Biblioteca Escolar no horário do recreio?
- j. É realizado vistas orientadas à biblioteca? [Caso não]: Por quê? Você pretende iniciar este tipo de procedimento na sua prática de PEUB?
- k. Quando você assumiu a Biblioteca, você já realizou ou pretende realizar:
 - a) Boletim informativo, mural. Como e quando pretende fazer?
 - b) Exposições, clube de leitura, feira de livros, encontro com escritores. Como e quando pretende fazer?
 - c) Palestras, apresentações artísticas, concursos/premiações, oficinas. Como e quando pretende fazer?
 - d) Blog/site para a biblioteca. Como e quando pretende fazer?
- l. As turmas tem horário semanal de Biblioteca? Como funciona? É para os anos iniciais e anos finais do ensino Fundamental?

ANEXO III - REGULAMENTO DA BIBLIOTECA X DA ESCOLA X

Fixa normas para o funcionamento da Biblioteca

Art. 1 – A biblioteca tem por finalidades atender alunos, professores e funcionários, suprindo as necessidades no que se refere a disseminação e recuperação de informação.

Art. 2 – A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 7:15 às 17:00 horas.

Art 3 – Para utilização do acervo da biblioteca é obrigatória a inscrição do usuário.

1 - Para efeito de inscrições, a biblioteca define como categoria de usuários: alunos, professores, funcionários e comunidade acadêmica.

2 – Deverão comparecer à biblioteca para efetuar sua inscrição e renová-la a cada ano.

3 – A comunidade acadêmica pode usufruir somente de serviços de consulta ao acervo da biblioteca e serviços de fotocópias. O empréstimo domiciliar não será permitido.

Art. 4 – A biblioteca permite livre acesso ao acervo somente para professores. O acesso é fechado para alunos, funcionários e usuários da comunidade geral.

Art. 5 – O serviço de consulta ao acervo caracteriza-se pela utilização das obras que compõem o acervo somente dentro do espaço físico destinado à biblioteca.

1 – Caso o usuário necessite dos serviços de fotocópias, deverá tomar a obra por empréstimo para retirá-la do ambiente da biblioteca.

2 – Nos casos em que o usuário precise consultar uma obra em sala de aula, faz-se necessário que o usuário retire por empréstimo. Nenhuma obra poderá ser retirada do espaço físico da biblioteca pelo sistema de consultas.

3 – A biblioteca estabelece 1 (um) exemplar dos títulos mais consultados serão mantidos no acervo somente para consultas na biblioteca. Essas obras estarão disponíveis para empréstimos e reservas.

Art. 6 – O empréstimo domiciliar é permitido a alunos, professores e funcionários. Os parágrafos a seguir regulamentam o serviço de empréstimo.

1 – O acervo da biblioteca é composto por livros didáticos e de literatura, periódicos, obras de referência, fitas de vídeo, fitas cassetes, cd-rom, mapas, trabalhos escolares e informativos. O empréstimo domiciliar é permitido aos itens específicos acima, com exceção das obras de referência (lei n.º 9610/98), mapas e coleções.

2 – Os prazos para o empréstimo bem como a quantidade de obras permitidas por usuário são definidas de acordo com as categorias apresentadas:

* Alunos do ensino fundamental:

Livros didáticos em uso conforme número de matérias ministradas, mais 1 (um) livro de literatura com prazo determinado pela atendente.

* Professores:

Um manual da referida matéria ministrada, livros de consulta e literatura.

* Funcionários:

Livros didáticos para consulta e 1 (um) livro de literatura com prazo de 15 dias.

3 – A devolução deverá ser efetuada no prazo estipulado conforme o parágrafo anterior. O não cumprimento dos prazos acarretará em multa, estabelecida por dia e por obra em atraso. O objetivo da multa se justifica pela necessidade do cumprimento e não pelo simples pagamento.

4 – O usuário que retirar uma obra pelo sistema de consulta deverá permanecer na sala de leitura. A retirada indevida para outro local, dentro ou fora das dependências da instituição de ensino estará cometendo uma infração.

5 – A renovação possibilita ao usuário continuar com a obra tomada por empréstimo domiciliar, onde um novo prazo será estipulado para devolução.

Art. 7 – O serviço de reservas permite ao usuário a possibilidade de guardar uma obra em que está em regime de empréstimo domiciliar, constantemente.

1 – Solicitar reserva diretamente com a atendente.

2 – As reservas são ordenadas por ordem de chegada e ficam à disposição do usuário durante 24 horas.

3 – O usuário deverá acompanhar diretamente o andamento da reserva requisitada, seja pessoalmente ou por telefone.

4 – Caso o usuário solicitante não compareça dentro do prazo de 24 horas, será dada a seqüência da lista de reservas da obra.

5 – Caso haja desistência por parte do usuário solicitante, comunicar a biblioteca para que o próximo usuário da lista possa ser atendido rapidamente, seguindo a seqüência da lista de reservas.

Art. 8 – A biblioteca não possui serviço de fotocópias (xerox) dentro de seu espaço físico. O serviço é oferecido dentro das dependências da instituição de ensino.

1 – Para esta finalidade, o usuário deverá retirar o título desejado através de empréstimo domiciliar, já que irá sair das dependências da sala de leitura.

Art. 9 – As obras retiradas do acervo, seja pelo sistema de consulta e/ou empréstimo, são de inteira responsabilidade do usuário.

1 – O usuário deverá repor nos casos de danificação, perda ou extravio.

2 – Os casos citados no primeiro parágrafo devem ser comunicados imediatamente à biblioteca.

3 – Serão consideradas como danificações: rasuras, papéis colados, sublinhas à lápis ou canetas, danificação de capas, comprometimento nas páginas dificultando a leitura do texto, estragos por água, gordura e outras substâncias entre outros casos.

4 – A perda, extravio ou a danificação de obras implicará na reposição das mesmas ou no pagamento do valor correspondente, no prazo de 30 dias.

5 – O usuário deverá repor ao acervo da biblioteca uma obra idêntica, considerando a mesma data ou data mais atualizada. No caso de reposição, a biblioteca se reserva ao direito de não aceitar obras desatualizadas.

6 – Quando se tratar de obras esgotadas (não mais comercializadas) será estipulado pela direção da biblioteca o valor a ser pago.

Art. 10 – Para preservação de uma ambiente propício às atividades de pesquisa no recinto da biblioteca, atentar aos avisos:

- Entrar e sair da biblioteca de forma equilibrada, evitando atropelos.
- Manter silêncio.
- Não fumar (lei estadual nº 8852/88).
- Preservar a limpeza do ambiente.
- Uso proibido de recorte, colagem em trabalhos escolares.
- Não escrever, não sentar-se e não colocar os pés na mesa.
- Não comer ou beber.
- Evitar arrastar móveis e cadeiras bruscamente.
- Não tomar qualquer decisão pertinente às instalações da biblioteca.

Consultar o responsável pelo atendimento do setor.

- Não entrar com celulares, mídia players.
- Identificar-se sempre que solicitado.
- Vestir-se de forma adequada respeitando o local.
- Obedecer o horário de atendimento.

1 – O leitor que não observar e respeitar o regulamento da biblioteca, deverá se retirar, ficando um tempo determinado sem utilizar a biblioteca.

2 – Caso a escola adote o sistema de CASTIGO este dever ser em local fora da biblioteca. A biblioteca deve ser um local agradável, cordial em que seus leitores sintam bem. Cabe aos funcionários inculcar aos usuários em geral, o gosto e o prazer pela leitura, além de desenvolver e aperfeiçoar métodos de pesquisas.

Art. 11 – Serviços

1 – Catalogar, classificar, etiquetar, carimbar e conservar o material bibliográfico. Orientação aos leitores quanto à pesquisa, estudos, etc.

2 – Verificar livros em atraso e cobrá-los.

3 – Fazer estatística diária e mensal sobre empréstimos, consultas internas, n.º de leitores, pesquisas e n.º de dias de funcionamento.

Art. 12 – Conservação

1 – Limpeza diária em todo o seu espaço físico.

2 – Uso constante de retirada de poeira, lixo, etc.

3 – Periodicamente haverá restauração e desinfecção de todo acervo bibliográfico.

Art. 13 – Os casos não previstos nesse regulamento ficam sob a responsabilidade do funcionário responsável, que junto à direção da instituição de ensino estabelecerão novas diretrizes.

Art. 14 – Este regulamento entra em vigor na data da sua publicação.

Santa Rita do Sapucaí, 13 de fevereiro de 2008.

Os dez direitos do leitor

por Daniel Pennac

ilustrações de Quentin Blake



1. O direito de não ler



2. O direito de saltar páginas



3. O direito de não acabar um livro



4. O direito de rere



5. O direito de ler não importa o quê



6. O direito de confundir um livro com a vida real



7. O direito de ler em qualquer lugar



8. O direito de ler trechos soltos



9. O direito de ler em voz alta



10. O direito de não falar do que se leu

ANEXO V – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO
“LITERATURA INFANTIL EM 3 TEMPOS:
DESCOBRIR LIVROS, LER E/OU CONTAR HISTÓRIAS NAS SALAS DE AULA”.

MAGISTRA
a escola da escola

CERTIFICADO

A MAGISTRA- Escola de Formação e Desenvolvimento Profissional de Educadores - certifica que Arminda Aurélia Rodrigues Alcântara participou do Curso **Literatura infantil em 3 tempos: descobrir livros, ler e/ou contar histórias nas salas de aula Turma 01**, no período de 08 de agosto a 08 de setembro de 2012, na plataforma virtual, tendo cumprido carga horária de 30 horas.

Belo Horizonte, 07 de novembro de 2012



Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Diretora da Magistra



Luiz Antônio dos Prazeres
Professor do Centro Pedagógico - UFMG

UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Código de verificação: zRvii3nQ1y

**GOVERNO
DE MINAS**

EDUCAÇÃO

ANEXO VI – BIBLIOTECA DAS ESCOLAS MINEIRAS SÃO TEMA DE REUNIÃO ENTRE A SECRETARIA E A EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS.

Bibliotecas das escolas mineiras são tema de reunião entre a Secretaria e a Embaixa... Página 1 de 1

Bibliotecas das escolas mineiras são tema de reunião entre a Secretaria e a Embaixada dos Estados Unidos

Qua, 29 de Fevereiro de 2012 14:51



Iniciativa visa ampliação do acervo e capacitação para os profissionais que atuam nesses espaços de leitura

Nesta quarta-feira (29/02), a secretaria de Estado de Educação, Ana Lúcia Gazzola, se reuniu com a Cônsul para o Estado de Minas Gerais da Embaixada dos Estados Unidos, Merry Miler e a Diretora Geral de Recursos de Informações da Embaixada dos Estados Unidos, Carol Brey-Casiano. Durante o encontro, foram avaliadas as possibilidades de expansão da parceria entre a Secretaria de Estado de Educação e a Embaixada com foco no atendimento das bibliotecas das escolas mineiras.



“Queremos um trabalho com as bibliotecas de nossas escolas, com uma atenção para o acervo e a capacitação dos profissionais que atuam nesses espaços”, explicou Ana Lúcia Gazzola. Para a execução dessas ações, a Secretaria pensa em palestras virtuais para os profissionais das bibliotecas, utilizando o Canal Minas Saúde e ampliação do acervo, possibilitando assim, um acesso a diferentes fontes culturais.

A Embaixada dos Estados Unidos já atua em parceria com Minas, em ações como o intercâmbio de diretores e professores. Em agosto de 2011, a diretora de uma escola norte-americana, Mary Beth Pelosky, visitou algumas escolas de Minas Gerais e também pode conhecer as ações desenvolvidas pelo sistema educacional do Estado.

ANEXO VII – Criação de Plano Estadual de Leitura é tema de agenda na SEEMG

Criação de Plano Estadual de Leitura é tema de agenda na Secretaria de Educação Página 1 de 2

Criação de Plano Estadual de Leitura é tema de agenda na Secretaria de Educação

Ter, 04 de Setembro de 2012 08:15



Encontro contou com a participação da diretora da Biblioteca Nacional

A secretária de Estado de Educação, Ana Lúcia Gazzola, recebeu na tarde da última segunda-feira, (03-09) a diretora do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca Nacional, Maria Antonieta Antunes Cunha, além da superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, Áurea Godinho e da representante regional em Minas Gerais do Ministério da Cultura (MinC), Cesária Macedo, para discutir a criação do Plano Estadual de Livro e Leitura (PELL).

A ideia é trazer o Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL), que é um programa do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (MinC) para a esfera estadual. Em todo o Brasil, alguns estados como Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Em Minas Gerais, o município de Congonhas já desenvolveu sua política.

Segundo a diretora da Biblioteca Nacional, Maria Antonieta Antunes Cunha, é preciso que haja uma lei que garanta a continuidade de ações e verbas para projetos de leitura. "No Brasil, nós temos ações para voltadas para o tema, mas não temos políticas públicas que alijente e espraia a prática. Fora os livros escolares a média de leitura por habitante é de um livro por ano", destacou. Para Ana Lúcia Gazzola, "trata-se da formação de um público leitor. Precisamos agora definir o Plano Estadual de Leitura para Minas e montar o conteúdo que será apresentado no primeiro momento em seminários que iremos organizar".



No encontro, que ainda contou com a presença da secretária adjunta da SEE MG, Maria Sueli Pires, e da subsecretária de Desenvolvimento da Educação Básica, Raquel Elizabete de Souza Santos, a secretária de Estado de Educação, lembrou que as obras de engenharia da SEE que estão em curso no Estado, priorizam a ampliação e criação de espaços para leitura, salas de aula e laboratórios. "Das 3.762 escolas que temos na rede estadual, 358 delas ainda não possuem espaços de leitura, e sanar esta demanda é a nossa prioridade no momento. O incentivo a leitura é o carro-chefe desta gestão", reforçou a secretária.

A secretária adjunta, Maria Sueli Pires, lembrou as boas práticas que já estão em curso no Estado como o projeto de leitura na sacola de pão e o de leitura **na praça, em Unai**, que leva carrinhos de picolé com livros literários para comunidade. Em maio deste ano, cerca de 300 escolas receberam aproximadamente R\$ 1 milhão da SEE para criarem ou ampliarem seu acervo. Os livros adquiridos já estão sendo utilizados e ganharam atenção maior após o recesso escolar. A subsecretária de

Desenvolvimento da Educação Básica, Raquel Elizabete de Souza Santos recordou também as representantes presentes, "casos de escolas nas quais os alunos lêem em média 39 livros por ano". Durante a discussão do Plano Estadual de Livro e Leitura, formas de divulgação, conscientização e sensibilização de educadores via programas da SEE já existentes foram também previamente definidas. O Canal Saúde, que transmite para todas as escolas do Estado, quadros como o "Roda de Conversa", foi apontado pela secretária como "um dos recursos utilizados para lançar a campanha estadual". Outra ideia lançada é que os 130 municípios com menor IDH do estado tivessem prioridade, no primeiro momento, no Plano Estadual de Livro e Leitura.

Segundo Maria Antonieta, que dirige projetos, como a criação de bibliotecas temáticas, junto a Biblioteca Nacional, o Plano de Livro e Leitura "em Minas Gerais tem as melhores condições para ter sucesso. A secretária de Educação entende a dimensão da importância da leitura e do que esta proposta significa para a formação do sujeito enquanto cidadão. Na reunião ela mostrou profundo interesse e já acionou nossos possíveis colaboradores. Este projeto em MG não ficará apenas na boa intenção, no papel", afirmou a diretora da Biblioteca Nacional.

Algumas datas para lançamento da campanha, promoção dos primeiros seminários sobre o tema, bem como possíveis parceiros foram cogitados durante a reunião.

Minas Gerais é referência nacional em alfabetização

Conforme os dados revelados pelo Índice de Desempenho de Educação Básica (Ideb) 2011, a rede pública de ensino de Minas Gerais tem os melhores anos iniciais do ensino fundamental do país. Segundo o indicador, Minas conseguiu alcançar nota para os anos iniciais – 1º ao 5º ano –, resultado considerado padrão pelo Ministério da Educação, e média de países desenvolvidos.

Na ocasião, a secretária de estado de educação, Ana Lúcia Gazzola, atribui os bons resultados "a uma série de esforços do Governo de Minas, como o nosso Programa de Intervenção Pedagógica (PIP) que realiza um trabalho de visita e acompanhamento nas escolas, associado ao Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública, como Programa de Avaliação de Alfabetização", que avalia, anualmente, estudantes do 3º ano do ensino fundamental.

**ANEXO VIII – QUADRO DA CARGA HORÁRIA DOS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO BÁSICA CONFORME DECRETO Nº 46.125 DE 04/01/2013^{130,131}.**

Número de horas na docência	Número de horas para outras atividades		Carga Horária Semanal	Carga Horária Mensal
	Em local definido pela direção da escola	Em local de livre escolha do professor		
1h	15 min	15 min	1h 30min	7h
2h	30 min	30 min	3h	14h
3h	45 min	45 min	4h 30min	20h
4h	1 h	1 h	6h	27h
5h	1 h 30 min	1 h 30 min	8h	36h
6h	1 h 30 min	1 h 30 min	9h	41h
7h	2 h	2 h	11h	50h
8h	2 h	2 h	12h	54h
9h	2 h 15 min	2 h 15 min	13h 30min	61h
10h	2 h 30 min	2 h 30 min	15h	68h
11h	2 h 45 min	2 h 45 min	16h 30m	74h
12h	3 h	3 h	18h	81h
13h	3 h 15 min	3 h 15 min	19h 30m	88h
14h	3 h 30 min	3 h 30 min	21h	95h
15h	3 h 45 min	3 h 45 min	22h 30m	101h
16h	4 h	4 h	24h	108h

Fonte: Adaptado pela autora do Anexo I do Decreto nº 46.125 de 04/01/2013 publicado no Minas Gerais de 05/01/2013.

¹³⁰ Refere-se ao § 1º do art. 4º do Decreto nº 46.125, de 4 de janeiro de 2013.

¹³¹ Art. 4º O cargo efetivo de Professor de Educação Básica poderá ser provido, excepcionalmente, com carga horária igual ou superior a oito horas semanais sem ultrapassar o limite de vinte e quatro horas semanais, para o mesmo conteúdo curricular.

§ 1º Para os servidores ocupantes de cargo a que se refere o caput, a proporcionalidade entre as horas destinadas à docência e a carga horária total do cargo será estabelecida conforme a tabela constante no Anexo I deste Decreto.

[...] (MINAS GERAIS, 2013).